Quadros alemtejanos

Do AUTOR:

A propaganda (esgotado)
Dois crimes (esgotado)
D. Carlos intimo (esgotado)
Ao de leve (esgotado)
Impressões de viagem (esgotado)
Por ahi fóra (esgotado)
Longe da vista (esgotado)
Nas horas calmas
Gente rustica
A caminho d'Africa
Os amores de Latino Coelho
Terra de lendas
Quadros alemtejanos

No prelo:

Pretos e brancos

A seguir:

Fogo disperso

BRITO CAMACHO

Quadros alemtejanos

1925
Livraria Editôra
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

A comadre Antonia

O sr. Espada era a unica pessoa que na Aldeia sabia ler e escrever, não porque tivesse andado na Escola, mas porque o pai, lavrador que não pagava rendas, metera em casa um Lente para lhe desemburrar o moço nas primeiras letras.

Naquele tempo era rara a Aldeia em que havia Escola, de modo que os proprietarios, grandes e pequenos, que viviam longe das Vilas, dispensavam-se de mandar os filhos à aula régia, a não ser os que tinham pousada, e reconheciam alguma vantagem na leitura e na escrita para a vida simples, rudimentar, dum camponez com alguma coisa de seu.

Os Lentes, geralmente soldados com baixa, iam bater á porta dos Montes, oferecendo trabalho e pedindo esmola, trabalho que todos dispensavam, no justificado receio de meterem portas a dentro uma pessôa desconhecida, que podia muito bem azer parte duma quadrilha de malfeitores, Con-

tava-se dum grande roubo no termo de Mertola, preparado justamente por um Lente, o qual soubera captar a confiança dos lavradores, a ponto de ficar ele de guarda ao Monte por ocasião de romarias ou feiras, abalando os donos da casa tão descansádos como se deixassem um batalhão de guarda á sua fazenda.

— Lá honrado como aquele, hade haver poucos.

O caso foi que um belo dia, tendo os lavradores ido a uma festa, no campo, distante umas duas leguas, quando voltaram, á noite, encontraram só o que os ladrões não tinham podido levar, e do Lente não havia novas nem mandados, ocorrendo logo a suspeita de que fôra ele quem preparára o golpe.

Um pastor que andava por ali, perto do Monte, deu tento da manobra, mas achou que não devia meter-se onde não era chamado, não deixando de lhe ocorrer, vagamente, a suspeita de que os ladrões, se realmente dum roubo se tratava, não hesitariam em lhe dar cabo do canastro, se de qualquer forma pretendesse embaraçal-os.

Certo é que os lavradores, quando regressaram da festa, encontraram o Monte saqueado, as arcas abertas, quasi por completo despejadas, arrombado um pequeno bahú, com pregaria amarela, onde o lavrador guardava as suas economias e a lavradora os seus enfeites d'oiro e prata.

Por aquele tempo havia no Alemtejo, sobretudo no baixo Alemtejo, um banditismo rural organi-

sado, que era a modos uma sobrevivencia das guerrilhas que tinham infestado os campos durante as luctas liberais, e que persistiram, já sem feição militar, uma *jacquerie* de ladrões, por um periodo largo, depois dessas luctas acabarem.

Eram frequentes os assaltos a Montes, umas vezes astuciosos, outras violentos, os ladrões convertendo-se facilmente em assassinos, se isso era necessario á segura execução dos seus planos.

A hora de eleição para os assaltos á viva força, nos Montes isolados, era a do jantar, todos a comer, os ganhões e os amos, ás vezes todos sentados á mesma mêsa, o lavrador, como um patriarca biblico, presidindo ao ágape, rodeado da familia e dos servos. Apareciam inopinadamente os ladrões, apontando carabinas, e avisando com ferocidade : — o que se mexer, pateia.

Ninguem se mexia, está bem de ver, e logo se procedia ao empiolamento dos homens, amordaçando os que se metiam a gritar, na esperança d'um problematico socorro. O lavrador e a lavradora, ameaçados de morte, eram obrigados a entregar quanto possuiam, dinheiro e valores, sofrendo maus tratos quando os ladrões se convenciam de que eles tinham esconderijos onde guardavam os objectos de maís preço e menor volume.

Algumas vezes, pela noite adiantada, batia á porta do Monte o guarda dos bois ou das vacas, n'uma aflição, dizendo que tinha uma rês muito

doente, e precisava acudir-lhe de pronto, senão levaria o caminho que já tinha levado outra, havia pouco, unicamente porque lhe não tinham acudido a tempo, rebentando uma bôlha que se lhe formára por baixo da lingua... Abria-se a porta e entráva o creado com os ladrões que o tinham obrigado, ameaçando-o de morte, áquela mentira, que só pelo rodar dos tempos, á força de conhecida, deixou de ter eficacia.

Muitos lavradores, e meu pai era um d'eles, não queriam que lhes abrissem a porta quando aparecessem a deshoras. Por necessidade ou por estroinice, demoravam-se algumas vezes, até bastante tarde, por fóra de casa, e receavam que os ladrões os esperassem no caminho, obrigando-os, como ao maioral das vacas, a irem bater á porta do Monte, entrando com ele de cambulhada.

Nunca as ordens de meu pai, nesse particular, foram cumpridas; abria-se-lhe a porta a qualquer hora, mas só depois de tomadas rigorosas precauções. Não se acendiam luzes, e os creados, munidos de espingardas, tomavam posições estratégicas de modo que os ladrões, ainda que fossem muitos, tivessem de se render ou fossem mortos a tiro.

Justificado era, pois, o mêdo que os lavradores tinham dos Lentes, embora a sabedoria das Nações diga que para ter a casa guardada se lhe deve meter dentro um ladrão. Gente de mau andar, que pela maior parte vinha da caserna com

passagem mais ou menos demorada pela cadeia, sem hábitos de trabalho honrado, havia um grande risco em confiar-lhes os segredos d'uma casa, o sistema das suas fechaduras e trancas, pôl-os ao facto do numero e qualidade d'armas que n'ela havia, e ainda do numero das pessoas que d'elas poderiam servir-se, quando fosse necessario organizar a defêza.

Na redondeza d'umas poucas de leguas era celebrada a valentia audaciosa da *Mana Anica de Vale de Zebro*, virago a quem nunca se tinha conhecido uma inclinação amorosa, alta e magra, de sobrancelhas carregadas, no labio superior uma penugem abundante, que desistiu de ser bigode quando reconheceu que ela não era homem!

A Mana Anica manejava um cajado como se fosse um pastor; guiava uma parelha como se fosse um almocreve; no inverno lavrava, perto do Monte, para não deixar uma parelha á bôa vida, e no verão, quando era preciso deitar fóra um calcadoiro, limpava, padejava e arreneirava com um desembaraço que poucos homens tinham. Os serviços de casa ninguem os fazia melhor do que ela, a costura e a comida, manejando tão dextramente a agulha como a foice, temperando tão sabiamente uma panela como temperava um arado.

Dizia-se, geralmente, nos sitios: — E' um erro da Natureza... Como a charneca, d'uma virgindade imaculada, vinha quasi bater nas paredes do Mon-

te, a mana Anica, em isso lhe apetecendo, pegava na escupeta e ia caçar.

— Vou buscar um coelho para a ceia.

Não desperdiçava muita bagagem, de pontaria firme e certeira, mesmo atirando ás perdizes ou galinholas.

Quando apareciam no Monte pelgazões de má catadura, profissionais da esmola e do roubo, a mana Anica pegava na caçadeira, mandava espantar os pombos e atirava de preferencia aos que voavam mais ao largo.

— E' para que saibam.

Vivia com o unico irmão que tinha, solteiro como ela, o *Zezinho do Vale de Zebro*, mais cigano que lavrador, negociante de cavalgaduras, e do seu comercio entendendo como poucos, segundo era voz geral. Pegava na bebida, quando se oferecia a ocasião, e era perigoso com dois grãos na aza, porque implicava com toda a gente, e tinha a mão leve como a palha de cevada. Fraca figura, baixote e magro, parecia feito de canelos.

— Tem pouco corpo, mas em ralé ninguem lhe ganha.

D'uma vez, tendo passado o dia a beberricar, nas Ermidas, chegou ao Monte já sol-posto, bebedo que nem um chibo. Em menos de nada estava a ceia na mêsa, e o Zezinho, a quem a pinga não abrira o apetite, levando uma garfada á boca, nem mastigou, dizendo :

— E' travia.

A mana Anica embezerrou, mas para evitar questões, limitou-se a dizer-lhe:

— Se não gosta, não coma, mais sobeja.

O Zezinho ameaçou-a de lhe pregar com um prato na cara, se desse mais um pio, e como ela lhe respondesse com uma carcachada, vae ele, crescendo para a irmã, n'uma furia, assenta-lhe uma bofetada que lhe fez espirrar o sangue do nariz.

Que tal fizeste, Zezinho!

Deitou-lhe a mão esquerda ao peito, empurrando-o até á parede, e com a direita descandeou uma saraivada de murros, por onde adregava, cada murro acompanhado d'uma praga — seu malandro! seu relaxado! seu bebedo!

Sova foi ella que lhe ficou de lição para toda a vida, pois nunca mais o Zezinho faltou ás atenções que devia á mana Anica, reinando a mais santa intimidade no Valle de Zebro, um monte perdido na charneca, a poucos metros d'uma ribeira que tinha agua todo o ano.

Ora sucedeu que uma noite, estando sósinha, no Monte, a mana Anica ouviu passos na rua, e desconfiou de serem ladrões. Ergueu-se, sem acender a luz, e descalça foi espreitar pelo buraco da fechadura. Viu tres homens, maltezes de pé rachado, e pareceu-lhe que um d'elles, o mais velho, estivera de tarde á porta do Monte, coxeando ou fingindo-se coxo.

— Isto vai ser bonito!

Foi ao canto onde tinha duas espingardas, na casa de fóra, bem á vista, pegou na do irmão, que era de dois canos, verificou que estava carregada, e de novo se poz a olhar pelo buraco da fechadura. Os maltezes lá estavam, junto do poial do forno, em pé, como que a consultarem-se antes de tomarem uma decisão. Passados alguns minutos dirigiram-se para a porta do Monte, e entraram a experimental-a, um d'elles metendo na fechadura uma chave ou gazua.

— Estão servidos!

A porta era resistente, de bôa madeira grossa, e as trancas, reforçadas de cunhas, não cederiam um milimetro.

Depressa se convenceram de que por ali nada fariam, e então dispuzeram-se a assaltar a casa pelo telhado, trepando um aos hombros d'outro, depois do terceiro ter dado uma volta á roda do Monte, a ver se havia rumor de gente.

A mana Anica engatilhou a espingarda, e poz-se a mirar o telhado, muito baixo, á espera de ver bulir uma telha. Não teve que esperar muito. O ladrão, com as devídas cautelas, foi preparando o buraco por onde havia de passar, e quando se dispunha a cair, dependurado d'um aguieiro, tirou da algibeira uma grande navalha, abriu-a e entalou-a nos dentes.

Foi n'este momento que a mana Anica desfechou, caindo o maltez mais depressa do que de-

sejava, mas caindo para não mais se erguer, atravessado por uma carga de chumbo embalado, que o matara instantaneamente.

Acudiram os creados, que dormiam na arramada, um pouco distante, e ainda não clareava a manhã, já o ladrão estava no fundo d'um pego, com um pedregulho atado á cintura, não fosse o diabo trazel-o á superficie, resultando d'ahi perturbações de varia ordem.

Toda a gente, nos arredores, soube do sucedido, mas a justiça fez ouvidos de mercador, cada um, no seu fôro intimo, louvando a ação da mana Anica, que talvez ficasse sem vida, depois de enxovalhada, se os ladrões tivessem conseguido entrar-lhe em casa, pela porta ou pelo telhado.

*

Ganhavam pouco os Lentes, ás vezes só a comida e o tabaco, dando-lhes o lavrador, por generosidade, alguma roupa que já não lhe servia.

Tambem as suas habilitações pouco iam além de lêr por alto, escrever em papel regrado, aldrabar as quatro operações, jogando com poucos numeros. Um ou outro não desdenhava substituir um creado, quando o trabalho apertava, ganhando a respectiva jorna, que lhe servia para alguma despeza mais urgente — meias solas nos butes ou uma camisa de pano cru.

O Lente do sr. Espada tinha sido cabo e enfermeiro; lia na perfeição, tinha um bom talhe de letra e era desembaraçado nas contas.

— Mal empregado! Com o que sabe, se tivesse juizo, podia ter chegado a sargento.

Certo é que o sr. Espada era a unica pessoa que na Aldeia sabia lêr, e d'ahi lhe vinha, em grande parte, a consideração de que gosava, um prestigio que o aureolava como aos velhos morgados de bôa linhagem, soberbos mas generosos, impertigados mas bemfazejos.

Notava muito bem uma carta, e muitas vezes tinha empinas com o escrivão por causa das contribuições, livrando pobres diabos de pagarem em duplicado a sua decima, por uma alteração de nomes, sabe Deus se casual, se propositada.

— Vocemecê não tem o conhecimento da ultima derrama que pagou?

— Pois tenho, sim, senhor; mas o escrivão diz que não quer saber d'isso para nada, e que me relaxa se não pagar até ao fim do mês. Ora veja o sr. Espada se ha uma pouca vergonha assim! O ladrão do Governo o que precisava era que lhe dessem um tiro!...

No dia seguinte lá ia o sr. Espada falar com o escrivão, e conseguia, empregando bôas maneiras ou socorrendo-se de ameaças — os laricas não hão-de estar sempre de cima! — que se não consumasse a extorsão.

As paixões politicas, naquele tempo, eram muito

vivas na minha terra ; os partidos degladiavam-se ferozmente em todos os campos ; um dia de eleições era um dia de batalha ; muitas listas entravam na urna tintas de sangue jorrando de cabeças partidas. Havia duas musicas — a dos laricas, como os regeneradores chamavam aos progressistas, e a dos intrujões, como os progressistas chamavam aos regeneradores. Quando tocavam no mesmo arraial, o que não sucedia com frequencia, era certo armar-se desordem, a menos que os homens importantes d'uma e outra facção, empenhados em que tudo corresse serenamente, conjurassem os seus partidários a uma atitude de respeito ou de indiferença para com os do outro partido, ouvindo sem aplausos e sem protestos as suas desafinações gaiteiras. Chegou a coisa a pontos que os santinhos, os da freguezia, tinham Partido, fazendo excepção a Senhora do Castelo, que a furia sectarista dispensava de filiação partidaria, absolutamente neutral em matéria politica.

As cartas para os moços que estavam na práça, servindo o rei, era o sr. Espada quem as escrevia, a pedido dos parentes e dos amigos, algumas vezes a pedido das noivas, certas de que o sr. Espada coisa alguma diria, fosse o que fosse, a respeito dos seus intimos segredos amorosos.

— Fáça favor diga ahi, sr. Espada, que estou em muitos cuidados porque o lenço bordado que perdi, da ultima vez que ele cá esteve, uma tarde, no caminho dos Milhouros, ainda não apareceu.

O sr. Espada sabia muito bem que não se tratava de um lenço bordado; mas escrevia o que lhe ditavam, não se dispensando dum comentário ligeiro, que fosse um conselho amigo.

— Vocês não teem juizo! O melhor é ele arranjar baixa pela Junta, e tratar do casorio, antes que tenhas de alargar o cóz das saias.

Factos destes não eram vulgares n'aquele tempo, ao menos ali no sitio; a regra era levarem os moços e as moças ao pé do altar, para a cerimonia do casamento, a sua virgindade mais pura.

Uma vez o medico, chamado para ver um doente, na Aldeia, perguntou quem lhe pagava, e como lhe dissessem que o doente era pobre, nada tendo a que chamasse seu, a não ser a roupa que trazia no corpo, recusou ir vê-lo.

Informado do caso, o sr. Espada disse que fossem buscar o facultativo, porque ele pagaria a visita. O medico, sabendo que lhe pagavam, não se fez rogado, e o sr. Espada, chamando-o de parte, depois dele ter receitado, disse-lhe que não deixasse de ir á Aldeia sempre que o chamassem, porque ele pagaria o que fosse, se o doente não pudesse satisfazer.

O seu carro estava sempre ao dispôr de toda a gente que d'ele precisasse, e a sua parelha era mais o tempo em que trabalhava para os outros que para si proprio. Mais d'uma vez aconteceu ter ele a egua á porta, quasi com o pé no estribo, para ir tratar de qualquer negocio, ou visitar pes-

soas de familia, e pedirem-lha para ir alguem á Vila com informação d'um enfermo, que peorára de repente.

— Pois sim, leva-a. Quando voltares, mete-a na cavalariça e não te esqueças de lhe deitar palha na mangedoura.

Procedendo assim, a todos prestando serviços, o sr. Espada era a pessoa mais bemquista da Aldeia, a mais bemquista e a mais temida, pois não se ensaiava para sovar muito bem sovado o atrevido que lhe fizesse chegar a mostarda ás ventas.

Era alto, excedendo muito a craveira, seco como um arenque, direito como um pampilho, flexivel como um junco. A' uma porque o respeitavam, e depois porque o temiam, ninguem se atrevia a erguer um dedo para lhe tocar, e assim adquirira uma fama de valente que enchia toda a redondeza do concelho.

Armava-se uma desordem, e era lembrar-se alguem de dizer — ahi vem o sr. Espada! — logo todos se acomodavam, dispersando os desordeiros.

Na opinião de toda a gente, na Aldeia, o sr. Espada seria um santo... se não fosse um borracho. Na taverna, em ele estando, eram todos a beber e um só a pagar. A regra estabelecida era cada qual receber o copo cheio e entregal-o vasio. Quem não era capaz de emborcar quartilho sobre quartilho, não tinha ali que fazer, por-

que o sr. Espada não admitia na sua roda senão gente que, levando o copo á boca, havia por força de lhe ver o fundo. Emquanto estava apenas com dois grãos numa aza o sr. Espada era duma exuberancia alegre; não praticava ações que magoassem, nem dizia palavras que ofendessem. Mas esta fase durava pouco, tornando-se de cada vez mais curta, e o sr. Espada, em estando bebedo a cair, era duma impertinencia que só os gulosos suportavam sem aparente contrariedade, os que á sua custa folgavam na taverna, sem alargarem os cordões á bolsa. Na sua fraseologia de bebedo, as mulheres eram tratadas de maganas para baixo e os homens de malandro para cima.

— Quem o vê sem bebida, não é capaz de pôr na sua ideia o que este homem é quando o vinho lhe sobe á cabeça.

Sucedeu que uma vez, dirigindo-se para casa, aos bordos, tendo passado a noite a beberricar, encontrou o Zé Ninguem, e desfechou-lhe um palavrão gravemente ofensivo da sua honra de homem casado. O Ninguem calhou-se com ele, e pregou-lhe uma cacetada que o fez ir de ventas ao chão. Ergueu-se como poude, e tendo repetido a injuria, apanhou nova correcção.

Muita gente presenceara o facto, e esperavam todos que no dia seguinte o sr. Espada fosse tirar despiques ao Ninguem, chegando-lhe a roupa ao coiro. Pois tal não sucedeu, e do facto de não ter sucedido concluiu o povo que o sr. Espada

não era homem para se medir com outro homem, tendo gosado até então d'uma impunidade que coisa alguma justificava, a não ser a lenda que se fizera do seu desembaraço e valentia.

O certo é que d'ahi para o futuro o sr. Espada, em se descuidando, andava-lhe a cara por mãos alheias, muitos desforrando-se agora de velhas covardias, originando vergonhosas submissões.

No dia seguinte áquele em que a Jacinta Alves fugiu de casa de seus pais, já velhos, para se ajuntar com o sr. Espada, um irmão da moça, brigão de maus instintos, pregou-lhe três facadas, uma das quaes por bem pouco o não mata, cortando-lhe as cordoveias do pescoço. Resolveu, então, sair da Aldeia, que mais não fosse até cessar o falatorio ácerca do rapto que fizera, e que lhe ia custando a vida, quasi a esvair-se em sangue quando o medico chegou, chamado a toda a pressa, munido com as ferramentas do oficio, para o que désse e viesse.

Foi n'estas alturas que meu pai contratou o sr. Joaquim Anastacio, de Villa Nova de Mil Fontes, para dar escola em Rei de Moinhos, e como eu já contava sete anos, ficou assente que seria um dos seus discipulos.

Estou a vêr o sr. Joaquim Anastacio, velho e trôpego, de jaquetão e chapéo mole, a barba intonsa, comprida e grisalha, não podendo andar sem o amparo d'uma muleta, e ainda assim limi-

tando-se a pequenos passeios, algumas centenas de passos. Tinha a suficiente cultura literaria para ser mestre d'Aldeia, um pouco mais instruido que os Lentes, pois fizera belamente o seu exame de instrução primaria, e estivera quasi a ser nomeado amanuense da Camara de Odemira, por ocasião d'umas eleições muito disputadas.

Como acessorios pedagogicos tinha uma palmatoria e uma cana, servindo se d'uma e outra com excessiva liberalidade. Nos dias em que lhe doiam mais os joelhos e os rins — parece que tenho aqui ferrado um cão!—a menina dos cinco olhos não tinha descanço, e a cana parecia que estava ali para ir repetindo na cabeça dos meninos o tic-tac d'um velho relogio de parede, que marcava as entradas e saidas na Escola... Tenho muita pena de não conservar a Cartilha do Mestre Ignacio, por onde aprendi a lêr — A — arvore; E — espelho; H — homem — e a pedra, metida em reguas de madeira, em que me exercitei a fazer riscos inclinados e paralelos, como treino para escrever.

A despeito da sua grande severidade, os discipulos não desgostavam do mestre, que ás vezes os acarinhava, notando-se que taes acessos de ternura coincidiam com uma acalmia das suas dôres gotosas.

Sabendo que o Senhor vinha á Aldeia, ultimo conforto d'um enfermo *in articulo mortis*, não se dispensava de mandar os meninos esperal o ao

Monte Janeiro, distante quasi um kilometro, não o fazendo elle proprio, como desejava, porque os seus achaques d'isso o impediam. Em ali chegando, paramentados, o reverendo e o sacristão apeavam-se, organisando-se um cortejo que os levava a casa do moribundo. As mulheres embiocavam-se na mantilha, os homens metiam o chapéo debaixo do braço, e todos resavam ou cantavam, marchando de cabeça baixa, no recolhimento d'uma grande dôr aparente.

O Sacristão fazia repinicar a campainha, e as pessoas que se achavam ali perto, trabalhando, se não deixavam a sua obrigação para se incorporarem no cortejo, descobriam-se e faziam menção de ajoelhar, resavam um padre-nosso e bemziam-se.

Outros tempos, outros costumes...

O mais desgraçado trabalhador que morresse n'áquele tempo, era acompanhado ao cemiterio por todos os homens validos do povo, que assim perdiam, voluntariamente, um dia, meio dia, pelo menos, de trabalho, e os lavradores mais proximos, avisados a tempo, não deixavam de mandar um creado incorporar-se no acompanhamento.

Quantas vezes meu pai me disse: — *Vá dizer ao feitor que mande cá um homem para ir á Villa acompanhar um defunto!...*

A tumba da Mizericordia servia para todos, pobres e ricos, e era em campa rasa que uns e outros dormiam o somno de que não se acorda,

com um metro cubico de terra a pesar-lhes em cima. O cemiterio era bem o campo da igualdade, nada mais do que uma cruz de ferro ou madeira indicando as sepulturas. Vagamente constava que em Beja os ricos iam a enterrar num caixão de mogno ou de pinho, sendo depositados os de mais prosapia e fidalguia em moradas soberbas de pedra marmore, que eram jazigos de familia. Hoje só os ultra-mizeraveis utilisam a tumba, e no cemiterio da Villa, ao tempo campo raso, erguem-se numerosos monumentos, modestos uns, pretencíosos outros, todos afirmando na Morte as desigualdades da vida.

Já ninguem, nos tempos voltaireanos que vão correndo, incomoda o parocho chamando-o para confessar ou ungir um moribundo, e começa a ser dificil, nas Aldeias, encontrar quem se preste a levar para o cemiterio um cadaver, raros sacrificando algumas horas de trabalho a esse acto de piedade.

Rodam os tempos, mudam os costumes, e esta mudança, que em geral não choca a minha inteligencia, quasi sempre fere a minha sensibilidade, o que me faz crer que não estava inteiramente certo o que em tempos aprendi, estudante de medicina, sobre as relações do cerebro com o coração.

*

Meu pai, naturalmente, sempre que se avistava com o sr. Joaquim Anastacio perguntava-lhe como

ia o rapaz, e elle, bôa pessoa, dava sempre informações favoraveis.

— Não o quero para doutor. Em sabendo notar uma carta e fazer as quatro operações, estão os estudos acabados.

Uma visinha fazia a comida e tratava da roupa do sr. Joaquim Anastacio, que tinha na sua companhia um filho, já de aponta barba, estarola sem queda para qualquer trabalho util, só pensando em divertir-se, hoje á pesca, amanhã á caça, e constantemente perseguindo as raparigas, fazendo a todas promessas de casamento.

Duas, tres vezes na semana levava presentes ao sr. Mestre — carne fresca ou legumes; queijinhos ou azeitonas; um tarro com mel ou uma pequena enfusa com leite, na epoca da rouparia; um melão de casca de carvalho — eram os melhores — ou uma melancia ratinha, emquanto durava a horta. Estas generosidades de minha mãe acresciam de muito o que o sr. Joaquim Anastacio recebia como ordenado, qualquer coisa como seis mil réis por mez, casa e lenha, nada pagando os rapazinhos pobres.

Um belo dia o sr. Joaquim Anastacio declarou que se ia embora; queria empregar o filho, já na idade das sortes, e ali não podia tratar disso, longe de todas as pessoas das suas relações, em circumstancias de favorecerem a sua pretensão.

Por mero acaso, nas vesperas do sr. Joaquim Anastacio, de cada vez mais achacado de reuma-

tismo gotoso, deixar Rei de Moinhos, metido num carro de molas d'asinho com todo o seu mobiliario, apareceu na aldeia um senhor bem trajado, com ares de maricas, oferecendo-se para o substituir, ganhando o mesmo que elle ganhava.

Depois dum exame sumario, o sr. José Maria declarou que eu precisava continuar os estudos por mais algum tempo, porque a minha escripta era de miseraveis gatafunhos; errava todas as contas e ajuntava mal as sylabas — como se fossem paveias de chixaros tendo cardos dentro.

O sr. José Maria, sempre barbeado de fresco, cosinhava os seus alimentos e tratava da sua roupa, sendo voz geral entre o mulherio da Aldeia que ele era perfeito na costura, e não só passava lindamente a roupa a ferro, mas sabia engomar a polimento, ficando as camisas tão espelhentas que a gente podia ver-se nelas. Não castigava tanto como o sr. Joaquim Anastacio; mas nem por isso os meninos deixavam de ter saudades do velho Mestre, que talvez fizesse trabalhar menos a palmatoria e a cana se não fossem aqueles malditos cães danados que lhe mordiam as juntas e os lombinhos, principalmente as juntas, parecendo que lhe roiam os ossos.

O contentamento que eu tive, um dia, ouvindo meu pai dizer que tencionava comprar-me uma burra, na feira de Castro, para não ir a pé á Escola! Era uma caminhada de seis kilometros, ida

e volta, que eu fazia trezentas e sessenta e cinco vezes no ano, descontados os domingos e dias santos. No inverno, debaixo de chuva, a pisar lama, o passeio nada tinha de agradavel, e porque me dava na tineta fazer construções de varia ordem com o barro mole, além de chegar a casa sem um fio enxuto, chegava com todos enlameados, o que me valia sovas mestras.

Custou a burra sete mil e quinhentos — moeda e meia e mais tres tostões, conforme as contas do sr. Manuel André, que fôra quem a ajustara. Confessavam todos que era um belo animal, para o intento, mas achavam que tinha sido um nadinha caro!

Ha apenas alguns dias, na feira de Santo Antonio, em Aljustrel, ouvi eu pedir um conto e quinhentos por uma burra, que nem para criada da outra servia, a que meu pai me comprou em Castro, era eu escolar de Rei de Moinhos, dando por ela sete escudos e meio!

São muito diferentes os tempos de hoje dos tempos longinquos que estou rememorando, estudantinho de nove anos, entregue a mestres quasi analfabetos. O que um rural hoje ganha num dia, é mais do que então ganhava num mez, dando-se ainda por cima o caso de então se trabalhar mais do que hoje se trabalha. Os burros, acompanhando a rapida evolução da sociedade, no sentido duma democracia igualitaria, valorisaram-se espantosamente, até ao ponto de não mudarem de

dono, por acto de venda, senão a troco de muitas centenas de escudos, por minimo que seja o seu prestimo. Pois ainda assim, quer-me parecer, é em relação aos burros que as diferenças entre ontem e hoje são menos acentuadas.

O garbo, a pesporrencia com que eu entrei na Aldeia, montado na minha burra, indo apear-me á porta da Escola, para que os meus condiscipulos me vissem... e me admirassem!

— Custou sete mil e quinhentos!..

De Castro para o Monte viera a cavalo na burra, em osso, o ajuda do almocreve, que disse ser ela mansa como um borrego, e desunhar-se a andar, mesmo sem a tocarem.

Meu pai não se dispensara de me fazer as suas recomendações:

— Nada de corremaças. Eu fico aqui, á esquina do Monte, para ver o que vocemecê faz. Se cair, ainda por cima apanha uma sova.

Emquanto fui á vista do Monte deixei ir a burra no seu passo, á vontade, mantendo a redea um pouco tensa, não fosse o animal embicar e cair. Mas assim que passei as alturas do poço, já sem receio de que meu pai me visse, apeei-me para colher uma vara de esteva, tornei a montar, chegando a burra a uma barreira, e vá de zurzir o animal com quanta força tinha, obrigando-o a correr, como se tivesse o diabo no corpo. Só parou, quasi de repente, quando chegou ao barranco, que levava um fiosinho dagua, e parou muito a

tempo, porque o criado deixara a cilha froixa, de modo que a albarda não tardaria a passar do lombo para a barriga da burra, estatelando-se o cavaleiro.

Sucedeu que o sr. José Maria se tornou suspeito á gente da Aldeia, porquanto repetidas vezes abalava de casa, ao anoitecer, não voltando senão ao clarear da manhã. Veiu a saber-se que era chefe duma quadrilha que enxameava de noite as colmeias que não eram guardadas. De resto, ele não tinha simpatias no povo, maricas praticante, de cada vez mais desbocado. A Sebastiana, que não tinha papas na lingua, dissera um dia, vendo sair do palheiro do Romão Jorge, ao lusco-fusco, o sr. José Maria e um filho da tia Rosaria :

— Parece que tem raça de galinha, o estupor do homem.

O dito foi logo conhecido de todo o povo, e o sr. José Maria passou a ser o José Galinha, fervilhando os dichotes quando ele aparecia, sempre a fugir, a esgueirar-se.

Foram dispensados os serviços do sr. José Maria, e como eu não tivesse ainda adquirido aquele modesto saber que meu pai resolvera que eu adquirisse para não ser um lavrador quasi analfabeto, assentou-se em que passaria da Faculdade de Rei de Moinhos para a Universidade de Aljustrel.

*

Se as crianças morressem de desgosto, eu não teria resistido a tamanho golpe. Afizera-me áquele jornadear quasi diario entre o Monte e a Aldeia, a pé ou escarranchado na burra, tiritando de frio no inverno, suando as estopinhas no verão, e o melhor do tempo passando-o no mais estreito contacto, no intimo convivio com todos os que me eram mais queridos e tudo o que me era mais agradavel.

A bem dizer eu conhecia todas as pedras soltas da estrada, todas as estevas ou sargaços que a bordavam, aqui e além, todas as cêpas e oliveiras das vinhas que ela cortava, metida entre valados. Namorava os cachos antes das uvas amadurecerem, e seguia os progressos da sua maturação com uma avidez de Tantalo. Os guardas, vendo-me passar todos os dias, habituavam-se a dar-me conversa — bons dias, menino! boas tardes, seu estudante! — e presenteavam-me com o melhor do fruto que tinham á sua guarda. Esta generosidade pagava-a eu com presentes, que minha mãe autorisava — pão alvo ou carne fresca, queijinhos ou azeitonas para a merenda, charutos ou uma onça de tabaco, qualquer coisa que valesse as uvas que me davam.

O sr. Parroca era o guarda da sua propria vinha, e de todos os guardas era ele o que melhor posição ocupava nas minhas simpatias de guloso.

Passeava na vinha comigo, quando eu regressava da escola, e fazia-me um curso de viticultura, dando-me a respeito de tudo as mais largas explicações.

— Este bocadinho de terra é muito bom, mas só para a uva preta. A uva branca, aqui, não prosa bem. Só no ano em que morreu a Pombeira — Deus lhe fale nalma — é que todas as cêpas, brancas e pretas, carregaram, deixando de ter folha para terem uva. Foi uma brutesa a novidade daquele ano. As pessoas velhas cá do sitio nunca tinham visto uma coisa assim... Para guardar não ha nada que chegue a isto... veja o menino... cada bago que parece uma azeitona de Elvas. O perrum dá mosto a valer, mas é uva ruim para mesa; os cachos são grandes, as uvas miudas e muito cheias. Digam lá o que quizerem, não ha uva como o roupeiro — nem o moscatel de Setubal! Ha quem prefira o manteudo, mas na minha fraca opinião o roupeiro vale mais que tudo... Veja esta desgraça! Um cacho tão perfeito que até merecia figurar numa exposição... Parece que se combinaram as abelhas e as lebres — malditas! — para esta linda obra. Não se calcula o estrago que estes animais fazem numa vinha! Ainda contra as lebres a gente tem a espingarda; mas contra as abelhas não há remedio nenhum.

O sr. Parroca tinha damascos e ameixas na propriedade, como que enfeitando a vinha, ricos da-

mascos que cheiravam na bôca e tinham um sabor tão delicado que o sr. Parroca os achava dignos de irem á mesa do rei. Eram para mim os primeiros que amadureciam, e eu proprio os colhia da arvore, convidado pelo sr. Parroca, nestes termos: — Vamos lá a ver se já por aqui ha alguma coisa que se meta na bôca...

A cabana do sr. Parroca ficava a meio da vinha, quatro milheiros de cêpa, pouco mais ou menos, em que ele trabucava o ano inteiro. Como era moradia quasi permanente, a cabana do sr. Parroca era um pouco maior e tinha mais comodidades que as outras cabanas. O chão era batido, e á roda da cabana, pelo lado de fora, um pequenino fosso colecionava as aguas da chuva, impedindo que nela entrassem. Duas taboas largas, montadas em estacas, formavam a tarimba em que o sr. Parroca dormia, servindo-lhe de colchão uma grossa esteira de buinho, e servindo-lhe de cobertura, no tempo frio, duas mantas que comprara na feira de Entradas. Como mobilia tinha dois cêpos, um deles afeiçoado em tripé, uma cadeira d'Evora, de rosas muito vivas e espalhafatosas destacando na brancura anemica, desmaiada, de grandes malmequeres. O trem de cozinha limitava-se a uma pequena caçarola de barro, com asa; uma pequena panela, tambem de barro; dois pratos vidrados, um chato e outro côvo; uma pequena almotolia para o azeite; uma garrafinha para o vinagre; um saleiro, feito da parte mais grossa dum corno de

vaca, e uma quarta, das que se fabricavam em Beringel, para agua. Fazia lume entre duas pedras, fóra da cabana, numa pequena clareira que era ao mesmo tempo cozinha e casa de jantar, quando fazia bom tempo. O sr. Parroca quando recebia a minha visita, oferecia-me logo a cadeira, ficando ele de pé, a fumar, incorrigivel fumador que acendia os cigarros uns nos outros, só fumando cachimbo quando se lhe acabavam as mortalhas.

— Isto é um vicio ruim, menino. Já tenho ouvido dizer que faz mal á saude, e eu acredito. Mas a gente acostuma-se, e em se acostumando já passa melhor sem um quartel que sem um cigarro.

A vinha do sr. Parroca ia bater na estrada, que era então de muita correnteza, fazendo-se por ali todo o comercio de vinhos, a retalho, entre Ferreira e Ervidel, um pouco tambem a Vidigueira, e a parte do distrito de Beja a que se chama a Serra, compreendendo todo o vasto concelho de Odemira. Os almocreves, uns guiando um carro de bestas, outros tocando uma fieira de machos, cada um transportando, em coiros, uns poucos de almudes de vinho, eram sempre obsequiados, cacho a um, cacho a outro, bastando pedir; mas o que se atrevia a pular na vinha sem lhe pedir licença, o menos que apanhava era uma tremenda descompostura.

Um dia o sr. Parroca, sentindo-se muito doente,

recolheu á Villa, e morria d'ahi a poucas semanas, deitando sangue pela boca, confessado e ungido. Deve ter ido direito para o céo, a menos que na Bemaventurança, como nas repartições publicas, só entre quem tenha empenhos, independentemente dos seus merecimentos.

Condenado a ir para Aljustrel, todos os encantos da minha vida escolar da Aldeia adquiriram relêvo, e as proprias contrariedades que ás vezes a envenenavam, me apareciam agora como outras formas de encanto.

O sr. João do Monte de Além, tipo de velho ourango, não dando um passo sem o arrimo dum cajado, a cara comprida, de feições simianas, muito ossudo e pouco musculoso, a camisa sempre aberta no peito cabeludo, o colete aberto como a camisa, os botões das calças sempre fóra das respectivas casas, estrumado de mãos e corpo como um terreno pobre destinado a sementeira, o sr. João Antonio, á força de me chamar seu neto, prometido esposo da sua Marianita, obrigava-me a fazer um grande rodeio para o não vêr, passando pela rua do Monte, o que me fazia ter-lhe gana. Pois agora o lavrador João aparecia-me como um velhote muito simpatico, dado á mangação com os moços da minha idade, mentiroso como um alfaiate, sem que jamais as suas mentiras causassem prejuizo a alguem.

— Duma vez apareceu aqui um figurão do Cer-

cal, que tinha fama de grande caçador. Trazia espingarda, mas dizia ele que era por causa dos maus encontros. A desculpa era vêr se comprava uma porção de aveia, porque não a havia lá nos sitios, e a que recolhera não chegava para os gastos da casa. Eu sabia que ele vinha de proposito para me dar um bigode ás perdizes, mas disfarcei como quem não quer a coisa, e pergun-tei-lhe se lá pelo Cercal havia muita caça. Vai ele diz que coelhos havia muitos, mas relativo a perdizes era uma citula aparecer uma. — Os caçadores do Cercal, para verem perdizes, teem que ir até perto de Sines ou Vila Nova de Mil Fontes... Na minha opinião é a caça mais bonita que ha.

Disse-lhe que por aqui ha muita perdiz, e que se ele quizesse iriamos dar uma volta, depois do almoço, por onde elas são mais crençudas, não precisando andar muito para as vermos ás duzias.

Abalamos de casa, engulido o bocado, e quando chegamos áquele matinho ralo da alagôa da Ordem, muito farto de caça, eu disse ao sujeito: — O chumbo fez-se para os pardaes; ás perdizes não se atira senão de bala.

O homem embezerrou, mas disse que sim, e tratou de meter balas na espingarda, uma rica espingarda de dois canos, que lhe tinha custado cincoenta e tantas libras em Lisboa.

Larguei-lhe então esta: — Como o amigo é ca-

çador afamado, fica justo que só atiramos á cabeça das perdizes.

Ia-lhe dando uma coisa; mas das tripas fez coração, e disse que sim, resmungando por entre dentes — veremos quantas derrubas.

Por volta do sol posto, quando demos a caçada por concluida, eu tinha dezoito perdizes na mochila, todas sem cabeça, e ele trazia um rico anaco á cinta. Não quiz jantar, o raio do homem, e abalou, noite fechada, a caminho do Cercal, levando seis perdizes que eu lhe meti na mochila, sem ele dar por isso.

*

O que eu chorei quando me fui despedir dos meus condiscipulos, de todos os moços com quem brincava, na Aldeia, e a pena que me fez ver fechada a porta da Escola, talvez fechada para sempre!

Era todo o mulherio á roda de mim, a olharem-me como se nunca me tivessem visto, ou como se tivessem o presentimento de que não tornariam a vêr-me.

— Não tem pena de deixar a gente, menino?

A comadre Narcisa desatou num pranto — vá na graça de Deus, sr. compadrinho — e a velha Brazia, rameira desdentada, quiz por força darme um beijo, encarecendo a minha esbeltesa, em que ainda ninguem, até áquele momento, reparara — tão perfeito, benza-o Nossa Senhora!

Que linda me parecia agora a Aldeia, sem alinhamento de ruas, casa aqui, casa acolá, apenas duas ou três com janela, apenas uma ou duas com chaminé, todas as portas de gateira, os quintais murados de taipa com tojo em cima, seguro o tojo com pedras ou terra solta. Rememoro, num minuto, toda a vida normal da Aldeia, uniforme, sempre a mesma, nos três anos da minha escolaridade, e parece-me que a não gosei bastante, que a não apreciei no seu justo valor, vagamente receoso do futuro, um petiscalho de dez anos! — Provavelmente não tornarei mais a vêr os jogos de malha, no pequeno largo em frente da venda do Soldado; os desafios á barra, com pedra leve e pesada; as partidas de arrioz, em que tomavam parte homens e rapazes; os saltos a pés juntos, em extensão, algumas vezes em altura; os bailes de S. João e S. Pedro, muito enfeitados os mastros, destacando a frasca no verde da ramaria. Tinha a certeza de que na vila se não jogava o eixo, nem o funcho, nem a abelharda, jogos em que eu não era dos ultimos, nem se jogava o pião, jôgo em que eu era dos primeiros! A cada logar me prende uma recordação, e cada recordação é já uma saudade, que me carrega no peito como se fosse chumbo.

Quando cheguei ao barranco, de volta ao Monte, os olhos afogados em lagrimas, um nó corredio na garganta, a estrangular-me, apareceu-me a Anica Barradas, vinda do lado do Poço, uma

quarta á cabeça e o caldeirão enfiado no braço.

— Sempre vai para a Vila?

Uma tarde, iam passados mezes, ali mesmo, naquelle logar, a Anica aparecera-me, por acaso, garotita pouco mais velha do que eu, fina como o azeite de Moura, os olhos pretos bailando-lhe na cara, denunciando precocidades de mulher.

— Hoje não comeu a merenda. Dá-m'a?

Deitados na herva fresca, debaixo duma oliveira, dentro da cerca, a ouvir marulhar as canas, por um triz não adormecemos, nem sequer figurando a possibilidade de nos surpreender alguem que viesse ao poço ou fosse passando na estrada.

É tão leviana a mocidade!

Desde então a Anica, sempre que o podia fazer, vinha ao meu encontro, e nunca mais eu deixara de guardar a maior parte do meu farnel, para lh'a dar.

A bem dizer eu marchava contando os passos, a reparar em tudo, querendo pousar os olhos em cada pedra da estrada, que palmilhara durante anos, erguendo-os de quando em quando pàra os deixar cair, á direita e á esquerda, em logares assignalados... Além, debaixo daquela tojeira, no ano passado, achara eu um ninho de perdiz, muito escondido, e dele tirara, hoje um, amanhã dois, uns poucos d'ovos... Parece-me ver esguichar, lá adiante, do meio dos sargaços, uma lebre, e ia

jurar ser a mesma que ha tempos d'ali esguichou, correndo para a vinha do sr. Francisco do Reguengo, onde o guarda lhe desfechou um tiro, de que ela não fez caso nenhum. Sem dar por isso, encontro-me dentro do barrancão que vai roendo a estrada, sempre a desviar-se para o mato, e fico-me a olhar a herva pisada, na barreira do lado direito, onde surpreendera, pouco antes, em jogos de Cupido, um maltez e uma velha de Messejana, onde as velhas abundavam. O maltez safou-se, apenas ouviu rumor de passos, e a velha, muito encolhida, muito envergonhada, tendo de seguir o meu caminho, implorou á minha protecção:

— Não diga nada menino, por alma de quem tiver no outro mundo.

Triste, amargurado dia aquele em que fui a Rei de Moinhos fazer as minhas despedidas, como se fosse um condenado a degredo perpetuo!

Era uma azafama, no Monte, aos domingos, quando havia ordem para todos irem á missa. Na vespera, á noite, por ocasião da ceia, minha mãe proclamava em ordem á tropa fandanga — eu e meus irmãos — que todos os meninos e meninas deviam estar enfarpelados de ver a Deus quando tocasse para o rancho da manhã.

Eram os unicos dias, os domingos, em que eu não me pegava á cama, antes me levantava mal ouvia rumor em casa, e em menos de nada estava lavado e empapoilado, d'uma alegria buliçosa, co-

mo se fosse para um arraial ou para uma feira. Sem me encommendarem o sermão, eu ia dizer ao almocreve que puzesse os espartões no carro, que fosse buscar a esteira, o colchão e o cobertor, que levasse a parelha á agua e lhe aviasse a ração, palha e aveia, para todo o dia. Como se fosse um policia de serviço, charaviscava tudo, intrometia-me em tudo, esbodegado como quem está com muita pressa, levando a minha mãe uma parte carregada a respeito d'este menino ou d'aquela menina que ainda se não lavara ou não vestira.

— O saco das esmolinhas já foi para o carro?

No domingo marcado para eu ir para Aljustrel, continuar os estudos, sucedeu coisa diversa. O menos apressado de todos era eu, a desejar que tudo se fizesse devagar, lentamente, como um condemnado á pena ultima, ligando a cada minuto de demora uma esperança de salvação.

Talvez porque a minha tristeza se projectava nas coisas, ía notando, pelo caminho, que em tudo havia um certo ar recolhido, o vago tom, como perfume esparso, d'uma acre melancolia, bem diversa d'aquella suave melancolia das manhãs tepidas e orvalhadas.

Andavam as ovelhas a pastar na varzea de Braz da Gama, e à borda da estrada, amparando o gado, o maioral aguardava que passasse o carro para se despedir de mim.

— Bons dias, afilhado João.

— Bons dias, senhores padrinhos.

Quiz descer-me para ir ver o meu carneiro, que por acaso estava ali perto, gordo como um texugo, com uma borla feita da propria lã, no meio do lombo, deixada na ultima tusquia.

— Já deve passar muito das dez horas?...

O sr. João Gordo tomou as alturas do sol, mediu com os olhos a sua própria sombra, e disse com muita segurança:

— Se não forem onze, não lhe deve andar muito longe.

*

Era um bom homem, o marido da comadre Narcisa, cumpridor das suas obrigações, guloso de pastagem, como todos os maioraes, mas incapaz de consentir que o seu gado comesse a pastagem alheia.

— Das extremas para dentro é tudo do mesmo dono.

Esta sentença, que elle repetia amiudadas vezes, servia-lhe de fundamento ou desculpa para meter as ovelhas na pastagem dos bois, a coutada, o que dava origem a varios conflitos, que meu pai resolvia, não podendo ser d'outra maneira, despedindo o boieiro.

Homem de poucas falas, mesmo com os camaradas não se entretinha a dar á lingua. Nunca entrava n'uma taverna; nas feiras matava o bicho, se o patrão lhe pagava um copinho d'aguardente,

e só quando fazia entrega da fazenda, se tinha sido comprada, ia beber meio quartilho, numa barraca, e comer uma posta de bacalhau frito.

Mediocremente affectuoso, não tinha amigos nem inimigos; o seu rebanho era a sua sociedade, o objecto unico das suas preocupações; sentia-se feliz quando via os animaes sadios e fartos, apoquentava-se até ao desespero quando via as pobresinhas das ovelhas morrerem como tordos ou lamberem a terra nua de qualquer vegetação alimenticia.

Quantos vintens fazia, quantos entregava á mulher, que os guardava ao canto da arca, só gastando o que era absolutamente indispensavel que gastasse. Avara até á sordidez, andava pingando farrapos, e apurava de tal modo o calçado que o compadre João Catharino dizia, com muita graça e inteira verdade: — O Céo imagina que ella anda calçada; mas a Terra sabe que isso é mentira.

Muitas vezes o compadre João Gordo era convidado para baptisar uma creança ou para casar uns noivos; da comadre Narcisa é que ninguem se lembrava para madrinha. E' que o marido, embora fosse poupado, não querendo fazer má figura, explicava-se generosamente nas bodas e nos baptisados, a tal ponto que nos soalheiros da Aldeia se dizia correntemente: —*Função em que o sr. João Gordo seja padrinho, ha sempre de tudo com fartura*.

Não me recordo de ter ido alguma vez almo-

çar á malhada do compadre João Gordo, de ter passado com elle um dia inteiro atraz do gado, como sucedia, frequentemente, com o compadre João Catharino; mas tinha-lhe affeição, como a todos os velhos creados da casa, e porque elle era o marido da comadre Narcisa, essa afeição era como que um sentimento de familia.

Senti os olhos arrazarem-se-me de lagrimas quando elle me ajudou a subir para o carro, e foi com voz tremelicante que lhe disse, sem o encarar: — *Passe bem, compadre João*...

Não havia tempo a perder, tanto mais que a estrada, até para lá do poço da Roldana, estava pessima, cheia de alfaques, sendo necessário, em certos pontos, que o almocreve se apeasse, aguentando a parelha, não fosse voltar-se o carro numa pancada mais forte.

Ninguem das bandas de Rei de Moinhos, os ranchos de homens e mulheres que era costume, aos domingos, encontrar na estrada, indo para a missa, os homens envergando o seu fatinho de ver a Deus, as raparigas levando á cabeça, num taleigo, a sua roupa de luxo — saias de chita e botas pretas, de coiro fino ou duraque.

— Nosso Senhor nos perdõe, mas a missa de hoje foi-se... Toca lá, toca lá, a vêr se ainda será possivel chegar a horas.

Sempre se me alegravam os olhos quando via os moinhos, sentinelas de guarda á Vila, posta-

das nas colinas que a emolduram, quer trabalhassem quer estivessem parados, a sua torre muito branca, as suas velas muito tensas ou enroladas na haste, o moleiro enfarinhado, sereno como o arrais duma embarcação que ora corre tocada do vento fresco, ora pára em calmaria.

Desta vez nem sequer ergo a cabeça para os vêr, quasi enrolado no colo de minha mãe, apertando muito as suas mãos nas minhas, como que a pedir-lhe que me não deixasse ficar na Vila, á tarde, quando regressassem ao Monte.

— Já tocou a garrida, comadre Antonia?

— Já se deve estar no fim da missa.

Eram os domingos, naquele tempo, dias de grande solemnidade, na minha terra.

As pessoas que não podiam ir á missa, homens e mulheres, á hora de erguer a Deus, recolhiam-se a dentro de si mesmas, e resavam. Estes preceitos da Igreja — ouvir missa todos os domingos e confessar-se ao menos uma vez em cada ano — só os não cumpria quem tinha impossibidade de o fazer.

O sentimento religioso era, então, mais arreigado do que hoje?

Pelo menos as praticas religiosas eram mais geralmente observadas, e quer-me parecer que as impregnava uma grande, uma ingenua sinceridade.

Mesmo os guardadores de gado, os maiorais, que dificilmente podiam afastar-se da sua obriga-

ção, mesmo esses tiravam um dia no ano para a desobriga, e quando apanhavam quem os substituisse até ao meio da tarde, nos domingos, iam ouvir missa na Igreja mais proxima. Toda a gente observava escrupulosamente os jejuns, e os lavradores mais rigorosamente do que ninguem, porque nesses dias ficavam dispensados de dar carne aos ganhões, e o comer de azeite era mais barato. Jejuei a primeira vez no dia em que fiz a primeira confissão, e parece-me que ainda tenho na boca o gosto das amendoas que comi pelo dia adiante, ás escondidas. Sem embargo, á noite, depois da consoada, ofereci o meu jejum á Senhora do Castelo, que nunca deu mostras de ter ficado arreliada com a mentira.

Raro era o domingo em que a Igreja não se enchia, e a Igreja matriz da minha terra é uma grande catedral sem naves, muito larga e muito comprida. O mulherio ocupava o corpo da Igreja, as lavradoras á frente; para lá da teia, em madeira preta, de pequeninas colunas torcidas, ficavam as Senhoras, muito perto do altar, as raras Senhoras que usavam chapeu e sabiam servir-se dum livro de missa. Os homens enchiam as coxias, o guardavento e o côro, distribuindo se ao acaso, sem preocupação de categorias. Ninguem ajoelhava á caçadora, só com um joelho em terra, e ninguem se dispensava, acabada a missa, de se persignar ou benzer, tendo molhado os dedos na pia.

Vive-se tanto a recordar!

De todos os dons que o homem recebeu da Natureza ou da Providencia — tanto faz! — estou em crer que a memoria é dos mais valiosos, dos que proporcionam mais intimo e intenso prazer — na idade em que todas as energias diminuem ou desfalecem, n'aquela quadra da vida em que a gente olha para traz, e vê o berço lá muito longe, olha para diante e vê a cova muito perto.

Eu bem sei que ha desgraçados que nunca tiveram alegria, que só de nome conheceram a felicidade. Mas não se argumenta com excepções, e a regra é haver em cada existencia uma Primavera, florida e perfumada, radiações dum sol quente e fecundo, a doce, quasi inebriante melancolia das noites luarentas, envolvendo as coisas numa especie de gaze incoercivel, tecida na mais pura seda branca.

Nunca passo junto da Igreja Matriz da minha Villa que não recompanha o quadro das suas missas e das suas festas, as missas de todos os domingos, as festas de todos os anos, sobrelevando a todas as da Semana Santa.

Tinha a Igreja, e tem ainda, duas entradas — uma, a principal, fronteira ao altar-mór, a outra, fronteira a um pequeno largo, chamado o Terreirinho, e conduzindo, por um corredor lageado, de pequena extensão, ao corpo do templo.

Geralmente os lavradores entravam pela porta principal, e as lavradoras, excepto as que subiam

a Rua do Paço, entravam pela outra, indo ocupar logares que parecia terem de assignatura, porque eram sempre os mesmos. Eu acompanhava meu pai, que ficava, por via de regra, debaixo do côro, sustentado por duas columnas de pedra, de forma quadrangular, tendo cada uma d'ellas, á altura dos peitos d'um homem de estatura mediana, uma pia, cuja agua o sacristão se esquecia de renovar com a devida frequencia. Era sempre junto d'uma das pias, a do lado direito, que nós ficavamos, e comnosco a maior parte dos lavradores, todos endomingados, vestidos de jaqueta e sem gravata. Sentia-me vaidoso de assistir á Missa no rancho dos homens, e tudo quanto elles faziam eu fazia-o tambem, com exagero, o que ás vezes dava logar a reprimendas de meu pai. Não era bonito entrar na Igreja com bordão ou cajado; mas os trabalhadores de fóra da Villa não se dispensavam d'esta comodidade, que tambem para alguns era luxo, tal havendo que se mostrava vaidoso da sua vara de marmelo, com ponteira amarella, como se trouxesse na mão um sceptro. Os lavradores, com raras excepções, não usavam bordão, e poucos usavam cajado, a não ser no campo ou nas feiras, áparte algum doente ou velhote que precisava dar esse reforço ás pernas fracas e mal seguras. Tambem não usavam cinta, a não ser a gente nova, moços de sangue na guelra, janotas que nas feiras e romarias arrastavam as cachopas, presas ao seu garbo de cavaleiros, pelos olhos en-

ternecidos. Havia cintas de varias côres e de varios preços, encarnadas, pretas e azues. A cinta froixa, de cadilhos pendentes á ilharga, um bocadinho abaulada, na frente, onde um grande lenço encarnado fazia pôtra, era signal de feitio bohemio, inculcava um pangalhadas que nas tavernas bebia até se emborrachar, e nos bailaricos ia até aos maximos atrevimentos que se podem ter á luz froixa d'uma candeia de azeite, com testemunhas.

Não descansou a comadre Antonia emquanto me não arranjou um livrinho por onde eu aprendesse a ajudar á missa. Ainda o tenho, muito velho, encadernado em coiro preto, e nunca lhe pego, folheando-o, que não reviva os anos que passei em Aljustrel, estudanteco das primeiras letras, a chocar descuidadamente um futuro de intelectual bohemio, politico de valor segundo os literatos, bom literato segundo os politicos — nem uma nem outra coisa dizem os remotos descendentes de Zoilo, animais palreiros ou escrevinhadores que andam na peugada de todas as pessoas em evidencia para lhes morderem os calcanhares.

A verdade é que eu sabia o latim da Missa, e era opinião da comadre Antonia, bem como das visinhas que me ouviam declamal-o, que o pronunciava melhor que o sacristão, mal apetrechado com o elementar conhecimento do alfabeto para o exercicio de tão elevado mister.

D'uma vez o José Pinheiro, que fôra quasi ao mesmo tempo guarda d'alfandega e contrabandista, appareceu no adro da Igreja, á saida da Missa, e logo os lavradores se acercaram d'elle, cumprimentando-o com respeitosa familiaridade. Eu entrei na roda, e o Pinheiro, que era muito da minha casa, pegando-me no queixo entrou a fazer-me perguntas:

— Ora diga lá, seu estudante, porque é que o padre quando diz a missa, beija o altar?

— É porque Judas beijou Nosso Senhor Jesus Cristo quando os judeus o prenderam no Monte das Oliveiras.

— Sim, senhor, é isso mesmo. E porque é que deita a hostia no calix?

— E' porque Jesus desceu ao Limbo e...

— Não é nada d'isso. E' porque as sopas de vinho dão força aos cavallos cançados.

Meu pai, empurrando-me pelos hombros, mandou-me embora — vá para casa! vá para casa! — e nunca mais consentiu que o Zé Pinheiro me examinasse em pontos de doutrina.

As lavradoras saiam da Igreja para as suas pousadas, salvo o caso de irem fazer visitas ou compras nas lojas. Acudia muita gente ás portas, quando ellas passavam, geralmente bem vestidas; uma capa de pano fino cobrindo-as até aos calcanhares, nas mais ricas com bandas e golas de veludo; lenços de seda fina, de muito preço e va-

rias côres, na cabeça, penteadas com simplicidade, uma risca ao meio e as tranças enroladas no toutiço, sem o menor enfeite, mantido o troço com pequenos ganchos de arame; um grosso cordão de ouro enrolado no pescoço, caindo uma ansa no peito, ás vezes duas ansas, muito mais pequena uma do que a outra. Aneis era luxo que as lavradoras dispensavam, quasi todas, não os dispensando as raparigas pobres, trabalhando no campo, doidas por um anel de coralina ou alquime e a todos preferindo os que tinham a forma duma cobrinha enroscada.

Os lavradores demoravam-se no Adro, a conversar, inquirindo uns dos outros a respeito de gados, searas e pastagens, desabafando queixas contra os trabalhadores, de cada vez mais preguiçosos e menos obedientes.

— Os homens estão duma maneira tal que ninguem os atura.

Se vivessem hoje, os que assim falavam ha cincoenta anos, teriam de fugir do campo para a vila, entregando as suas propriedades a rendeiros.

Muita conversa, muita cigarrada — vá lá agora do meu — e aí vão eles, os lavradores, agrupados conforme as suas relações de parentesco ou amizade, a caminho das pousadas, onde eram incessantes as rodas de vinho. A's vezes o mesmo copo servia para todos, e isto era uma razão para cada qual o entregar vasio.

— Ninguem quer os seus sobejos.

Em minha casa reuniam-se os figurões da Vila, mais dados á pinga, senhores de casaco e gravata, e a regra era sairem aos bordos pela porta do quintal, os que não podiam sair direitos pela porta da rua. Os lavradores que ao domingo se emborrachavam, parecendo que cumpriam um preceito sagrado, como o de ouvir missa, durante a semana, nos seus Montes, não bebiam vinho.

Ainda empapoiladas, como tinham ido á missa, algumas lavradoras iam ás lojas, fazer mercas, e isso era a sua grande distracção, a quererem vêr tudo, a quererem saber o preço de tudo, ás vezes obrigando os caixeiros a pôrem em cima do balcão toda a fazenda dumas poucas de prateleiras, para comprarem um metro de chita ou uma vara de pano crú.

— Se a senhora comadre quere alguma coisa das lojas, não se incomode; eu vou buscar o que fôr preciso.

Como era para minha casa, sendo portadora a comadre Antonia, os lojistas davam tudo o que se lhes pedia, e marcavam o ultimo preço — o ultimo, diziam eles — para evitar idas e vindas. A loja do sr. Antonio Severino era a mais afreguezada, por ser a mais bem sortida, e nela se ajuntavam todos os dias as pessoas gradas da terra, respeitadas as incompatibilidades politicas. A bem dizer a loja do sr. Antonio Severino era o centro regenerador, como a loja do José Romão era o

centro progressista. Ali se cosinhava toda a politica do concelho, nada se fazendo sem as indicações ou a aprovação do Alonso Gomes, rico mineiro, a quem chamavam boneco de manganez, e de quem o Antonio Severino era uma especie de lugar-tenente.

Baixo e pançudo; de suissas curtas e ralas; vermelhusco e oleoso; sempre correctamente vestido; sempre barbeado de fresco, o sr. Antonio Severino, pouco menos de analfabeto, era uma pessoa importante, na Vila, presidente da Camara e mordomo da Misericordia, quasi todos os anos reitor das Endoenças, juiz de paz nos começos da sua carreira.

Livrava moços das sortes, em troca de votos, e tinha artes de evitar que pagassem contribuições relaxadas aqueles dos seus correligionarios que se tinham esquecido de cumprir o seu dever de contribuintes, no devido tempo. Escrivão ou recebedor que lhe não estivesse nas boas graças, estando no Poder os regeneradores, era sabido que não aquecia o logar. A vender trapos e a administrar os dinheiros da Camara e da Misericordia arranjou fortuna em pouco tempo. Era voz corrente que o sr. Antonio Severino tinha um alqueire para comprar e outro para vender trigo, havendo entre os dois uma rasoavel diferença de capacidade. Certo é que arranjou fortuna, e como não tinha filhos, muita gente lhe fazia a côrte, com mira no testamento.

— Não sabe um homem para quem trabalha.

Era alegre, expansivo, e como gosava de muita consideração em Beja, recebido pelo governador civil, sem esperar, quando o procurava para qualquer assunto politico ou que á politica se prendesse; sempre dispensado nas audiencias de juri, e nunca se encontrando em casa para assinar uma contra-fé, intimado para testemunha, o sr. Antonio Severino usava para com todos dum certo ar de protecção, que algumas vezes escandalisava.

— Quem te viu e quem te vê! Com toda aquela embofia ainda ha meia dusia de anos não tinha onde caír morto.

Lá no fundo, bem no fundo, o sr. Antonio Severino era miguelista, talvez porque o seu avô andára nas hostes de D. Miguel, vindo a sofrer tratos de polé uma vez que o apanharam os liberais. Acomodava-se bem no seu papel de constitucionalista, mas algumas vezes o absolutismo vinha-lhe á flôr da pele, enunciado em frases conceituosas.

Dizia uma vez o escrivão Moraes, muito laracheiro, e quasi republicano:

— A verdade é que as Nações da Europa, que não teem a Republica, adoptaram o regimen constitucional, democratico.

Acudiu logo o sr. Antonio Severino, corrigindo o exagero:

— Menos a Asia, sr. Morais.

Triste, muito triste e desolado o domingo em que me levaram para Aljustrel, fechada a escola de Rei de Moinhos, desolado e triste como nenhum outro dia da minha vida, até aquele momento, a não ser quando fui á Aldeia fazer as minhas despedidas, apanhando um beijo repenicado da velha Brazia, megera desdentada.

A' hora da abalada para o Monte, quasi sol posto, minha mãe deu-me um tostão para as minhas extravagancias, e já no carro—passem bem! passem bem! — fez-me a sua ultima recomendação:

— Tenha muito juizo, ouviu?... O que a comadre Antonia disser é que se faz.

Mais severo, carregando um pouco o semblante, dando-me a mão a beijar — Nosso Senhor o faça um santo — meu pai falou-me em termos de ameaça:

— Veja lá como se porta. Olhe que se não estudar vai para o Monte, e será o ajuda do maioral das ovelhas ou dos porcos emquanto não fôr capaz de pegar no rabo dum arado. Não o quero por aí a estroinar com os outros moços; tem aqui o quintal para brincar á vontade.

Voltando-se para a comadre Antonia, lembroulhe uma recomendação já feita.

— Aqui o deixo aos seus cuidados, comadre Antonia. Não m'o poupe. Em ele o merecendo, castigue-o, que eu depois lhe ajustarei melhor as contas.

Quando me levantei, no dia seguinte pela manhã, um pouco antes das oito horas, a comadre Antonia já tinha o almocinho pronto—uma açorda com sardinhas assadas, grandes e frescas, caras como a fortuna — três vintens a duzia!

Todo o meu apetrechamento escolar estava metido num taleigo de chita, feito de retalhos em forma de losango, iguais em tamanho, de côres variadas e caprichosas, distribuidas sem nenhuma preocupação de arranjo, com um atilho feito de lã de camelo, tendo uma borla em cada ponta. Dera-m'o a senhora D. Maria da Bispa, que nunca nos visitava sem levar presentes.

A comadre Antonia, fingindo que tinha necessidade de sair, acompanhou-me até á porta da Escola, e pelo caminho foi-me dando bons conselhos — não brincar na rua; não fumar; não atirar pedras; cumprimentar toda a gente, levando sempre a mão ao chapéu.

— E' muito feio não dar os bons dias ou as boas tardes.

Assentei em cumprimentar toda a gente, fosse lá quem fosse, e cumprimentava como a comadre Antonia me tinha ensinado, levando a mão ao chapéu... Já me lembrei que na infancia do sr. Bernardino Machado deve ter havido uma comadre Antonia, não tendo s. ex.ª conseguido, pela vida fora, perder o sestro de cumprimentar toda a gente, mesmo as pessoas que ele sabe, que ele tem a certeza de que não querem cumprimenta-lo.

O Mestre sujeitou-me a uma especie de exame para ver a classe em que devia ingressar. Havia três classes na Escola — a dos que chegavam em bruto, sem conhecerem as letras; a dos que começavam a ajuntar as sylabas, e a dos que já liam por cima, escreviam dictado e faziam contas.

Entrei na classe mais adiantada, com grande pasmo dos outros escolares e grande satisfação da comadre Antonia, quando lhe contei o sucedido.

— Os senhores compadres hão-de ficar muito sastifeitos em sabendo.

Rara era a semana em que a comadre Antonia não ia levar á Senhora do Castelo um quartilho d'azeite, que minha mãe lhe oferecia, e sempre eu era convidado a acompanhá-la.

— Quer vir, sr. compadre?

Quando passavamos pela cruz, uma grande cruz de pedra, a meio da encosta pedregosa que dá acesso á Igreja pelo lado da Vila, a comadre Antonia não se esquecia de recomendar:

— Tire o chapéu, sr. compadre.

Eu tirava o chapéu, ela benzia-se, e continuavamos a nossa excursão dificil.

Um dia perguntei á comadre Antonia, movido duma curiosidade que já não podia recalcar, o que significava a cruz.

A comadre Antonia explicou:

— Os judeus eram muito maus, peores que os ciganos, e como Nosso Senhor Jesus Cristo era

contra eles, a ponto de os azorragar, tinham-lhe uma asca de morte! Uma noite, estando Jesus com os seus discipulos, no Monte das Oliveiras, aparece um magote de judeus, armados de espetos e roçadoiras, para o prenderem. Não o conheciam; mas Judas Iskariotes tinha combinado com eles, na vespera, beijar na face o Divino Mestre, logo que eles se apresentassem, apanhando-os desprecavidos. Bem dito, bem feito. Foi Nosso Senhor debaixo de prisão á presença do Juiz, que não achou motivo nem razão para o condenar; mas o povo, comprado pelos judeus, entrou a gritar que ele devia ser morto, e vai então Poncio Pilatos entregou-lh'o para que fizessem justiça por suas mãos. Era o que os judeus queriam ouvir. Logo no outro dia, de manhãsinha, levaram o Senhor para um cerro que havia perto da povoação, e ali pregaram-no numa cruz de madeira, entre dois ladrões. Tres dias esteve Nosso Senhor crucificado, sofrendo tratos e chascos sem pedir misericordia aos seus algozes. Ao fim do terceiro dia expirou, e foi então que apareceu S. José, marido da Virgem Santissima, pedindo que lhe entregassem o corpo, para lhe dar sepultura... Como foi na cruz que Nosso Senhor sofreu por nós e morreu para nos salvar, aqui tem o sr. compadre a razão porque deve tirar o chapéu em passando por aqui.

Geralmente a porta da igreja estava fechada;

mas vinha logo abril-a a mulher do sacristão, ás vezes um dos seus filhos pequenos, se ela tinha ido á Vila fazer os seus avios.

Genuflectiamos, crusando a porta, e iamos ajoelhar mesmo em frente da Senhora, no unico degrau que tinha o seu modesto sanctuario. Raramente a lampada tinha azeite, sendo voz corrente na Vila que o sacristão o consumia nos seus usos domesticos.

— Este ladrão rouba o azeite da santinha!...

Uma vez, debaixo de bebida, o Fatias confessára o seu delicto, dizendo que tinha feito uma combinação com a Senhora: — ele alumiava-a de dia... com a luz do sol, e ela alumiava-o de noite com o azeite das devoções.

Recolhendo a casa, uma noite, com uma pinga a mais, sem todavia estar bebedo, o Fatias disse á mulher que lhe fizesse uma açorda, e lhe deitasse dois ovos, pois tinha uma fome que nem via.

— Estás servido; não tenho em casa uma pinga d'azeite.

— Lá por isso não seja a duvida...

Pegou na chave da Igreja, sem dizer palavra, e dispoz-se a saír.

— Escusas de lá ir, que a lampada só tem uma lagrima de azeite no fundo.

Abalou, sem fazer caso da advertencia, e d'ahi a pouco voltava, trazendo azeite n'um copinho.

— Deixaste a Senhora sem luz?

— O que ela tem que fazer, pode muito bem fazê-lo ás escuras. Açorda sem azeite é que nunca se viu.

Por estas e outras ia-se perdendo a devoção; as semanas passavam umas atraz das outras sem que um vintem caisse na caixa das almas; as esmolas em azeite eram de cada vez mais raras; as ofertas de trigo, no peditorio pelos Montes, eram de cada vez mais reduzidas.

A mulher do Fatias, galega como ele, era muito enxovalhada; andava sempre suja e a pingar farrapos, agravando a miseria com o desleixo. Só varria a igreja quando havia missa.

— Se vocemecê tivesse ahi uma vassoura que me emprestasse, eu varria o templo.

Depois de varrer o templo, muito bem varrido, a comadre Antonia limpava o altar da Senhora e ageitava as flores de papel nas suas pequenas jarras de loiça. E explicava-me tudo:

— Aquele santinho é S. Marcos. Quando o sr. compadre tiver mais estudos ha de ver nos livros a vida de todos os santos... Parece que S. Marcos andava sempre acompanhado de um cão e d'um borrego. Muitas mulheres vêm aqui com os moços, ainda ao peito, e tocam-lhes com a cabeça no borreguinho, para eles não serem maus. São devoções... Este é S. José, marido de Nossa Senhora. Nos seus principios foi carpinteiro, e depois que a Virgem concebeu, por obra e graça do Espirito Santo, é que se deixou do oficio... Aque-

la pedra foi onde a Senhora apareceu, um dia pela manhã cêdo, ainda não havia sinais do sol nascer. Em certas ocasiões, pondo-se ali o ouvido, sente-se a rugida do mar, que alagaria a vila se arrancassem a pedra... Uma rapariga de Arreliques, filha de gente que tinha alguma coisa de seu, caiu de cama com uma doença muito grave, que toda a gente cuidou que seria a ultima. Foram vêl-a medicos de toda a parte, até o Ganso, de Beja, e ainda se disse que viria um doutor de Lisboa, não me lembra agora o nome, mas que era o facultativo de mais nomeada que havia no reino, ouvia a gente dizer. A rapariga ia de mal a peor, a pontos que os doutores, tendo feito junta, desenganaram a familia.

— Aqui só um milagre.

Vai então a mãe da rapariga promete á Senhora do Castelo ofertar-lhe as tranças da filha, que eram uma coisa nunca vista, tão compridas que lhe chegavam aos calcanhares, se a livrasse da morte. Entrou a menina a melhorar, e d'ahi a pouco estava de perfeita saude, sem tomar remedios de botica desde que os medicos a consideraram perdida. Houve aqui uma grande festa, no dia em que a familia veio pagar a promessa; deram um jantar aos pobres e mandaram destribuir esmolas em dinheiro pelos entrevados que havia na terra. As tranças foram penduradas além... O sr. compadre não vê um preguinho que está ao lado d'aquelle braço de cêra?...

— Porque foi que as tiraram d'ali?

— Foram roubadas, um ano, pela feira, e o que se dizia era que as tinha roubado um logista de Lisboa, dos que fazem cabeleiras postiças, para as vender a uma fidalga muito rica, que deu por elas umas poucas de moedas... N'estes arredores não ha uma Senhora tão milagrosa como esta, e muitos dos milagres que ela faz não se conhecem. Aqui ha muitos anos o sacristão, andando a tratar da Igreja, logo de manhãsinha, reparou que a Senhora tinha o vestido molhado, na barra, e que além de estar molhado, estava sujo d'areia. Caiu de joelhos, a resar, e então a Senhora disse-lhe que tinha ido, de noite, salvar um navio, carregado de gente, que estava prestes a dar á costa, perto de Sines... O sr. compadre ri-se? Pois fique sabendo que o capitão do navio jurou que tinha visto a Senhora, andando por cima das aguas, chegar perto do barco, tornando-se logo o mar tão manso como se lhe tivessem deitado azeite. O caso veio nos bejenses — era como a comadre Antonia chamava aos jornaes — e durante muito tempo não se falou n'outra coisa...

Esta Senhora já foi muito rica; mas a pouco e pouco foram-lhe tirando tudo. Rebanhos de vacas tinha uns poucos, e possuia duas ou tres herdades, que eram das melhores da freguezia. Tudo levou sumiço. Faltava só vir para aqui este ladrão para a Senhora não ter na lampada azeite que a alumie. E admiram-se que Deus nos castigue com

doenças e anos ruins!... Estes azulejos são muito antigos e de muito valor. Já aqui esteve um figurão de Lisboa que ofereceu uma libra por cada um. Não sei como ainda os não roubaram, os malditos!

Seguidamente a todas estas explicações iamos sentar-nos ao pé da guarita, por detraz da igreja, um grande marco geodesico cuja serventia a comadre Antonia nunca soube descobrir.

— Não sei para que serve isto...

N'aquele tempo as charnecas vinham bater ao pé da vila e estendiam-se, cortadas aqui e além de tratos agricultados, até onde alcançava a vista.

— O sr. compadre vê, nesta direcção?... É o castelo de Beja, muito alto, com furnas debaixo do chão, onde os mouros guardavam os cativos... Aqui tambem havia furnas, mas parece que serviam para os mouros guardarem o trigo, porque eram forradas de tijolo, e o soalho era de ladrilhos. Eram muitas. Nalgumas encontrou o engenheiro da Mina, o Resende, umas candeiasinhas de barro, que levou para Lisboa, onde dão muito apreço a estas coisas.

Não vê, lá muito longe, por cima da Manteira, um vulto muito grande?... E' a Serra de Monchique. Dizem que lá de cima se avista todo o Algarve, á roda, e em dias claros, com um oculo de vêr ao longe, percebe-se a costa d'Africa, que

fica da outra banda do mar. Já se vê, isto são coisas que a gente ouve dizer, e quem conta um conto sempre lhe acrescenta um ponto. A' nossa direita ficam as serras de Odemira, que o sr. compadre hade ver quando fôr a banhos, a Vila Nova de Mil Fontes... A Senhora dos Remedios, em Castro Verde, é que se vê muito bem, nem admira, porque fica perto.

— E Lisboa, comadre Antonia?

— Lisboa fica n'este endireito... D'aqui não se vê. Quando morreu D. Pedro V, ainda o sr. compadre não era d'este mundo, ouviram-se aqui os tiros das peças, que não despegaram tres dias e tres noites...

— Gostava muito de ver terras!...

— Hade ver, quando fôr homem. Os senhores compadres teem muita fazenda para lhe deixar, e vocemecê hade ganhar muito dinheiro, se quizer seguir os estudos.

O que eu sei da geografia da região aprendi-o com a comadre Antonia, em lições repetidas, pelo cair da tarde, durante anos, quando ela ia levar á Senhora do Castelo o azeite que minha mãe lhe oferecia, e que ela generosamente repartia com o sacristão, a ponto de ficar ás escuras, noites seguidas, para ele não se privar duma açorda com os temperos devidos.

Se ainda hoje eu não me dispenso, indo a Aljustrel, de visitar a Senhora do Castelo, não é só

pelo facto dela ser minha madrinha de baptismo; é porque ali revivo, em breves instantes, um largo trecho da minha infancia, e nessa idade recuada não encontro tristezas que me ensombrem o espirito, cheio da felicidade pura que é privilegio das existencias que ainda não teem passado, e nem sequer pensam que hão-de ter futuro.

Muito devota, sem resaibos de fanatismo, a comadre Antonia cumpria rigorosamente os seus deveres religiosos, e á gente miuda de quem tinha encargo, os seus filhos, os senhores compadres do Monte — eu e meus irmãos — dava os melhores conselhos e os mais salutares exemplos, no sentido de os fazer bons e tementes a Deus.

Levou-me um dia á Igreja da Misericordia, onde havia um Senhor do tamanho dum homem, deitado num esquife, envolto numa tunica rôxa. O templo ainda hoje existe, sem alteração na sua primitiva insignificancia, e o Senhor ainda se conserva no seu pobre esquife, envolto na sua tunica rôxa, desbotada na côr. Tem de curioso este Senhor mover os olhos, abrindo-os e fechando-os, uns olhos pretos, muito bem rasgados, cheios de bondade e de sonho. Opera-se este milagre graças a um arame que lhe atravessa a cabeça, saindo-lhe pelo toutiço, dobrado em gancho. Desabotoando a tunica vê-se que este Redemptor, ao contrario de muitos outros redemptores, tem cabeça, mas não tem corpo, substituindo o tronco e

os membros uma armadura de ripas, que é necessario renovar de tempos a tempos, porque as róe o caruncho.

—Duma vez, contava a minha mãe, veio aqui um homem do Algarve, que era um grande hereje, e tendo visto como o Senhor é do pescoço para baixo, entrou a fazer mangação, rindo às carcachadas. Diz-lhe o sacristão: — Faça favor de reparar no semblante do Senhor... Nisto o Senhor abre os olhos, e o homem, dando um berro que se ouviu em Bentorrilho, caiu redondo no chão, deitando sangue e espuma pela boca. Quando chegou ao hospital estava morto.

Se a mãe da comadre Antonia era tão verdadeira como a filha, o caso passou-se rigorosamente como fica dito, pouco importando a explicação que dele se possa dar. — Porque não havia o homem ser portador dum aneurisma, que rebentou pela violencia da comoção?

Devidamente autorisado, puxei o arame milagrento, com pouca força — devagarinho, sr. compadre! —não fosse dar-se o caso de ficar o Senhor com algum defeito na vista, de que resultasse terem por ele os fieis menos respeito e devoção.

Todas as semanas a comadre Antonia ouvia missa, sem escolher dia, só a ouvindo ao domingo quando tinha de acompanhar a Senhora comadre á igreja, por ter a creada ficado no Monte.

Mal eu acabava de comer, a comadre Antonia

dizia-me que rezasse, e se adregava sair, deixando-me á mesa, nunca se esquecia de me recomendar que désse graças a Deus.

Não era mulher que andasse de casa em casa, ouvindo aqui para contar além, metendo-se nas vidas alheias, besbilhoteira e maldizente. Sem que a chamassem, não ia a casa de ninguem, a não ser para velar um defunto. O costume era encher-se a casa do morto de pessoas que ali passavam a noite, umas chorando ás claras, outras rindo ás ocultas, entremeando-se as orações com as historietas brejeiras, vindo á coleção todos os mexericos da Vila, e não raramente soando na atmosfera mortuaria, quente e abafada, propicia ás erupções flatulentas, um ruido estranho, que punha a assistencia numa galhofa irreverente.

— Porcas! Não teem vergonha! Quem não é capaz de estar com o preceito devido não aparece naqueles logares.

Fazer o pranto era quasi uma instituição legal, a que se eximiam raros, sendo-lhes verberado o procedimento como se praticassem uma falta grave. Consistia o pranto em o viuvo ou a viuva contarem, soluçando, as primaciaes virtudes do infeliz consorte, que Deus tenha em sua santa guarda! Havia quem fizesse um pranto muito bonito, arengando em palavras comovidas, mais encarecendo o valor do que perdia do que lastimando-se da enorme desgraça em que ficava. Mas a regra era serem ridiculas semelhantes lamurias, em

que a sinceridade da magua desaparecia ante o artificio rhetorico.

Contava meu pai que em Ferreira havia um cantador afamado, de nome Santana, superior a todos os cantadores, na desgarrada. Cantava bem e chupava melhor, sendo a bebedeira o seu estado normal. Um dia morreu-lhe a companheira, e o Santana, que aliás era bom homem, desatou num pranto de enternecer as féras. A' noite foram os amigos e companheiros de pandega fazer-lhe companhia, e com elles o Santana, enrolado na manta, livre de bebida, sentou-se á roda do lume, sem dizer palavra.

Na casa de fóra, discretamente palreiro, o mulherio velava o cadaver.

Pela noite adiante um dos amigos do inconsolavel viuvo, tocador de viola, rapa d'uma garrafa d'aguardente e oferece á sociedade. Todos beberam, e o Santana, que a principio recusara, acabou por beber, como os outros. Fizeram café, e como a garrafa já estivesse muito por baixo, renovou-se a provisão de aguardente. Na casa de fóra, palreiro e somnolento, o mulherio que velava o cadaver nem suspeitava do que se fazia na casa do lume. Copo vae, copo vem; dentro em pouco estavam todos bebedos, e o Santana, tão bebedo como os amigos, desabafando a sua dôr, entrou a cantar por alma da sua Zefa, e tão comovidamente cantava, que toda a familia, homens e mulheres, se puzeram a ouvil-o, embevecidos, sen-

do opinião geral que nunca o diabo do homem tinha cantado com tão bonito preceito.

*

Se acontecia ir o Senhor fóra, estando eu em casa, a comadre Antonia dizia-me sempre que fosse no acompanhamento, porque Deus Nosso Senhor tem em muita conta essa esmola que se faz a um moribundo. Eu ia da melhor vontade, radiante se podia vestir uma opa, empunhar uma vela ou um archote, resguardada a luz com um saco ou cartucho de papel, para que a não apagasse o vento. Cantava-se o bemdito-louvado, e como geralmente esta ceremonia tinha logar depois de recolherem os trabalhadores do campo, a procissão enchia a rua, e o côro, de muitas dezenas de vozes, quebrando o silencio da noite escura ou luarenta, tinha muito da unção divina que impregna os cantos liturgicos nas grandes catedrais sombrias. Estou a ver esse acompanhamento piedoso, o padre debaixo do palio, exibindo o Santissimo; adiante dele, em duas filas, as pessoas que vestiam opa e empunhavam tochas, cirios ou lanternas; logo atraz do palio a gente do povo, homens e mulheres, formando a massa coral, os homens de chapéu na mão, as mulheres com o chaile ou mantilha, pela cabeça, á moda arabe. Todos ajoelhavam á passagem do palio, e todos resavam, os que sabiam resar, um padre-nosso e

uma avé-maria, implorando as melhoras ou a salvação do que ia confessar-se ou receber a extrema-unção. Rara era a casa em que não havia, pelo lado de fóra, junto da porta, um preguinho de ferro ou arame, em que se pendurava uma candeia de bica, á passagem do cortejo.

Recordo com saudade estes tempos longinquos, e quer-me parecer, comparando-os com o presente, que elles valiam um poúco mais, porque nas pessoas havia mais sentimentos desinteressados, mais franqueza, melhor boa fé, uma crença ingenua e simples que era a poesia das almas rudes nos vagos anceios d'uma vida melhor, para além d'este valle de lagrimas.

Um dia cheguei a casa, de tarde, acabada a escola, e ainda não tinha principiado a merendar, pão e agua-mel, ouve-se o toque dos sinos, avisando de que ia sair Nosso Pai.

— Se a comadre Antonia quer, eu vou saber para quem é...

Pois ia para o Zé Poupinha, caseiro em Braz da Gama, a tres kilometros da villa, já perto das Mêzas.

— Como é um servo da casa, se quizer ir, estou que os senhores compadres se não zangarão por isso...

Não precisei que m'o dissesse outra vez.

Fôra o caso que o sr. Poupinha, afilhado de meu pai, alambazara-se com um pinto de figos contados a dois o real, e apanhara tamanha indi-

gestão que teve de ser ungido, por não estar capaz de se confessar.

No Monte só foi conhecido o caso quando ali cheguei, perto do sol posto, tendo-me dispensado de acompanhar Nosso Senhor, na volta.

Meu pai comentou:

— Deus me perdõe, mas era bem feito que arrebentasse, o grande animal...

Tinham nomeada os figos de Braz da Gama, sobretudo os castanhaes, que amadureciam no mez de Outubro, pelas alturas da feira de Castro. Os outros, os figos lampos, vinham mais cêdo, e eram bons como os melhores do Algarve.

Ficavam as figueiras n'uma cerquinha de paredes esbarrondadas, na margem d'um barranco que só por milagre não inquinava as aguas d'uma fonte, com avenca, que na cerca havia, e que era a Providencia, no verão, do povo de Rei de Moinhos.

Eram grandes arvores, estas figueiras, de tronco curto, bracejando a poucos palmos da terra, emaranhando-se esses braços ou pernadas, grossas como troncos, por uma forma tal, que duma figueira se passava para as outras sem a menor dificuldade.

Quando me podia escapulir do Monte, na epoca dos figos, abalava até Braz da Gama, correndo como um gamo, e a minha felicidade era completa se a Maria Caldeirinha, filha do caseiro, dando pela minha presença, vinha surrateiramente

até á Cêrca, com uma enfusa no quadril, fingindo que andava carregando agua.

Em toda a redondesa do concelho não havia um comilão da fôrça do sr. José Poupinha, homem de estatura meã, sem arcaboiço que o fizesse notado.

— Não sabe a gente onde este diabo mete o que come.

A verdade é que ele comia ordinariamente como qualquer outro homem de trabalho; mas quando desembestava a comer, pondo no ultimo furo a correia que trazia á cinta, não havia comida que o fartasse.

Duma vez andavam dez homens arrancando cêpa no Cabêço, corria o mês de Agosto, quente como uma fornalha. Senão quando, lá muito ao largo, na charneca, aparece um fogo enorme, tocado do vento na direcção dos montados proximos. Era necessario acudir sem perda de tempo, fazendo aceiros d'ocasião, desnudando a terra na frente das chamas devastadoras. Abalaram os homens, ficando o Poupinha de guarda á copa e aos alferces. Chegou o bagageiro, á hora do jantar, e o Poupinha, calculando que os camaradas só voltariam perto do sol posto, quasi á hora da ceia, houve por bem embutir, ele só, a comida que era para todos.

Conheci em Angra do Heroismo um homem que era capaz de se bater com o Poupinha — á

mesa. Era o general Lage, governador da Praça. Contou-me ele que uma vez, em Lagos, realizara esta façanha. — Chegou ali, de manhã cêdo, comandando uma força, e depois de ter aboletado os seus homens, foi para uma especie de Hotel que havia na terra, e que não passava duma estalagem vulgar.

— A que horas é o almoço?

— A's nove horas, senhor capitão.

— E não tem ahi alguma coisa que se coma, para entreter o estômago?

— Se o senhor capitão quizer, temos sardinhas muito frescas...

— Pois mande lá arranjar isso.

— Fritas ou assadas?

— Como fôr mais depressa.

As sardinhas eram bôas, muito gordas; tinham sido compradas á porta, á razão de meio cento por um tostão.

As primeiras que comeu, aguçaram-lhe o apetite, e como o almoço ainda estava demorado, disse ao criado que trouxesse mais, e esta ordem foi muitas vezes renovada.

— Saberá vossa senhoria que não ha mais.

— Não ha mais?... E dizia você que tinha sardinhas!

— Tinhamos meio cento, senhor capitão.

— Olha a fartura! Veja então se apressa o almoço, que eu estou-lhe com vontade.

Era um homem muito valente, o general Lage,

e tendo ascendido aos mais altos postos do Exercito, ficou sempre, no desembaraço das suas maneiras e no pitoresco da sua linguagem, um sargento correcto, dos sargentos que havia então, e que eram a massa de que se faziam os melhores chefes militares.

Quando foi promovido a alferes, já estava casado, e como só dispunha do soldo para sustentar a familia, muito antes do fim do mês rebatia o respectivo recibo, com descontos de alanhar. Mas assim mesmo, roubando-o, o agiota prestava-lhe um grande serviço, porque o dispensava de andar a pedir dinheiro, hoje a um, amanhã a outro, e sempre em riscos de não lh'o emprestarem. Um dia, tendo gastos extraordinarios, por motivos de doença, pediu ao agiota que lhe rebatesse o soldo sem descontos, que no mês seguinte seria indemnisado.

O agiota era um homem da sua corpulencia, com prosapias de valente, e corria no publico que tinha duas mortes ás costas. A sua vida era ao balcão, de chapéu na cabeça, servindo bem os fregueses que pagavam de pronto e servindo melhor os que se forneciam a credito — cifra vale dez!

— Isso é que eu não lhe fasso. Nem sequer lhe posso dar o mesmo que das outras vezes, porque anda aí tudo cheio que o governo não tem dinheiro, e que no fim do mêz paga só metade aos empregados, tanto paisanas como militares.

Ouvindo isto... Mas é melhor que fale o general:

— Quando elle me disse que nem sequer me daria o costumado, lembrei-me do que lá ia por casa, e senti uma onda de sangue a turvar-me a vista. Levantei a mão direita, atirei-a na direcção onde ele tinha a cara, e quiz-me parecer que o homem fizera um pino, sem querer, ficando-lhe os pés onde tinha a cabeça.

Pois o sr. José Poupinha era um ruim trabalhador, e como o filoxera lhe estragasse um bocado de vinha que plantara em Braz da Gama, pagando fôro, meteu-se a explorar, fóra do concelho, onde o não conheciam, a industria de cego, tendo primeiro explorado a industria de curandeiro. Morreu velho, muito velho, e até quasi á hora da morte conservou o apetite, contrariamente ao que sucede, em geral, aos comilões da sua força, mortos de fome pela impossibilidade de se alimentarem, negando-se o estomago a receber alimentos.

Era muito curiosa a familia Poupinha, duma candura primitiva, ingenua até ao inverosimil. Deu-se o caso da menina Maxima, a filha mais velha, ser derrissada por um moço da vila, que a pediu em casamento. A menina disse que sim, os pais declararam que acatavam a vontade da menina, e o noivo, que tinha pressa, marcou logo dia para o casorio. Tudo correu bem, no curto periodo do noivado; mas chegado o momentofeliz,

a Maxima entrou a dizer que tinha vergonha de ir á Igreja, com muita gente a ver, e que fôsse a mãe arreceber o homem, que ela depois tomaria o logar de esposa.

*

Nos primeiros tempos, quando me chegava aos ouvidos, estivesse onde estivesse, o berro do pregoeiro —*Bemdito, louvado e adorado seja Nosso Senhor Jesus Christo!... Quem quizer comprar atum... sardinhas frescas... carne de vaca... ameijoas... vá ao açougue... ao talho... á estalagem da Blala... do Bola-atraz...* — dava me o coração um pulo, a trasbordar de contentamento, porque era quasi certo ir ao Monte, com a comadre Antonia, que nunca se dispensava de fazer uma longa caminhada para levar á senhora comadre as coisas raras, de comer, que apareciam na Vila. Ainda não havia caminho de ferro do Algarve, para o qual, todavia, se não estou em erro, já fôra nomeado quasi todo o pessoal de exploração, e em Beja matava-se um boi por dia, a não ser por ocasião de festas. Homens que não podiam ou não gostavam de trabalhar no campo, se dispunham d'um burrinho, iam vender a Sines uma carga de aveia, e de lá traziam sardinhas, que apregoavam pelas ruas da Villa ou punham á venda na Estalagem, indo aos Montes offerecer as que sobejávam, ordinariamente salgadas como pilha. Por aquelle tempo um alqueire

de aveia custava entre seis vintens e dois tostões, e uma duzia de sardinhas, quando custava mais de tres vintens, já pouca gente lhe pegava — *isso é pros ricos, não é cá pra nós*. Dista Sines uns sessenta kilometros de Aljustrel, e valia a pena a um pobre diabo ir lá vender uns tantos alqueires de cevada, a carga de um ou dois burros, e trazer de lá, comprados na lota, uns centos de sardinhas para as vender, ás duzias, pelo infimo preço que já indiquei. E note-se que faziam a dupla caminhada a pé, ida e volta, alimentando-se de pão seco, mal se atrevendo a pedir, nos Montes por onde passavam — *compra sardinhas, lavradora?* — uma gôta de caldo para migar umas sôpas.

A comadre Antonia não era muito expansiva; mas quando iamos ao Monte, geralmente de tarde, conversava muito comigo, a respeito de tudo dando-me curiosas e instrutivas explicações.

— Tudo isto era uma brenha, antes do sr. compadre dar terras ao fôro. Havia aqui estevas mais altas que um homem, e os tojeiros eram tão pegados, que os caçadores, mesmo com safões de pele de cabra, não entravam ahi, apezar de se dizer que tinha fartura de caça. Agora é o que se está vendo, tudo cheio de vinhas, que até faz gosto olhar para ellas. Só os senhores compadres é que não teem vinha. E' uma fartura pra casa, e só o olival, mesmo que não seja muito castiço, dá para as despezas.

A comadre Antonia tinha razão; mas nunca meu

pai se decidiu a plantar uma vinha, embora o padrinho Joaquim Ignacio, de Montes Velhos, não se fartasse de lhe dizer... e de lhe demonstrar, que uma vinha ruim dava mais resultado que uma seara bôa.

Ao tempo ainda por ali não havia noticias do philoxera; a cêpa era um organismo robusto, que nenhuma doença atacava, e as enfermidades da folha e do fruto não faziam estragos de maior. As searas, na verdade, rendiam pouco, os gados ainda rendiam menos que as searas, de modo que o lavrador andava sempre com a cilha na barriga, como se costumava dizer, ao passo que o viticultor, ainda que modesto, tinha sempre ao canto da arca um bom par de libras.

Meu pai tinha o orgulho da sua profissão, mas dentro d'ella era d'uma orthodoxia excessivamente rigida e por demais limitada. Comprar e vender era função subsidiária da lavradoria; se um ou outro lavrador praticava o comercio em maior ou menor escala, meu pai dizia d'elle, com desdem e censura: — *E' mais cigano que lavrador.*

A verdade é que não tinhamos um bocadinho de vinha, tres ou quatro milhares de cepas que fartassem a casa, sobejando ainda uvas pra dar e vender, não querendo aproveital as para fazer uma talha de vinho e um barrilito de vinagre.

— Não sei, não sei porque o sr. compadre não hade aqui ter uma vinha ou nas Mezas, onde a terra ainda é melhor do que esta...

— Talvez custe muito dinheiro — ponderava eu.

— Isso sim! Os que teem vinha aqui, em Braz da Gama, tirando dois ou tres, é gente que vive do seu trabalho; mais teem os senhores compadres no farelo que elles todos juntos na farinha. São embirrações...

Sem dispender um vintem, graças ao aforamento, que era de quarentena e laudemio, meu pai limpou a herdade de Braz da Gama, que passou a render-lhe, a parte aforada, muito perto de duzentos mil réis! As pessoas já habituadas aos preços da actualidade acharão ridiculo este rendimento, que n'aquelle tempo era de apetecer.

Muitas das oliveiras de Braz da Gama são da minha idade, algumas são um pouco mais velhas do que eu, e assim sucede que passando por ali, agora que já sou velho, não me canso de olhar para ellas, quasi sentindo vontade de lhes falar, de as abraçar — como se fossem antigos camaradas da escola e da brincadeira, que encontrasse ao cabo de muitos anos.

No dia de S. Thiago — 25 de julho — a velha vai ao bago, e no dia de S. Lourenço — 10 de Agosto — a velha enche o lenço. Estes aphorismos citavamos a comadre Antonia muitas vezes, quando por ali passavamos, já formados, definitivamente formados os cachos, que eu namorava da estrada, lamentando-me de não ter uma vinha!

Morreram todos os foreiros de Braz da Gama, os que já o eram no tempo em que eu por ali

passava, muitas vezes acompanhado da comadre Antonia e até morreram já, tambem, muitas ou quasi todas as vinhas que me enfeitiçavam os olhos e aguçavam o apetite, subsistindo as oliveiras, de pequeno porte, talvez contentes no seu isolamento, porque as cepas comiam com ellas no mesmo prato, roubando-lhes o alimento de que careciam para viverem, para crescerem, para se tornarem grandes.

*

Na sua qualidade de parteira, a mais geitosa que havia na terra, a comadre Antonia entrava na casa dos pobres e dos ricos, e em todas as casas em que entrava era sempre a mesma pessoa discreta, impecavel de correcção, generosa para com os pobres — não me deve nada, sr. compadre; deixe lá isso — e dos abastados recebendo, com ar satisfeito, o pouco ou muito que lhe queriam dar.

Acompanhava á pia todos os meninos que aparava, rigorosamente vestida de preto, uma capa de pano aos hombros, caindo-lhe até aos pés, capa que era uma especie de artigo de uniforme, usado no rigor do inverno e no pino do verão.

Em minha casa havia um jarro de prata, que minha mãe comprara por ocasião de baptizar-se o seu primeiro filho, e que serviu no baptismo de todos, nada menos de doze. A comadre Antonia emprestava algumas vezes este pequeno jarro,

quando se tratava de pessoas a quem ela queria dar uma prova de distinção. Estava permanentemente autorizada a emprestar o jarro, e não só o jarro, mas tambem uma bandeja axaroada, em que ia uma toalha de bretanha, com profusão de rendas, servindo para o prior limpar os dedos depois de besuntar o neófito com os santos oleos. A comadre Antonia, muito ortodoxa em principios e muitos tradicionalista em praticas, não podia levar á paciencia que as crianças fossem baptizadas de concha, alegando, eruditamente, que os baptismos no Jordão, como os fazia Jesus, eram sempre de mergulho.

— A agua benta não constipa. Quem não quere os filhos baptizados com o preceito devido, não os leva á Igreja.

Tão pouco a comadre Antonia se conformava com a velha pratica de serem padrinhos ou madrinhas, em cerimonias de baptizado, crianças pouco mais velhas que o afilhado, petizes e petizas de meia duzia de anos de idade. Vagamente sabia, por ouvir ler nos livros, que os padrinhos e as madrinhas, no ritual da Igreja, são testemunhas na solenidade do baptismo, competindo-lhes, nessa qualidade, garantir a perfeita autenticidade do acto, e competindo-lhes depois promover a educação religiosa do neofito, não lhe faltando nunca com o auxilio e protecção de que viessem a carecer. Entendia, pois, a comadre Antonia, que só pessoas *sui juris* poderiam testemunhar no

acto baptismal, assumindo responsabilidades de ordem moral, do maior alcance e gravidade.

Quem meus filhos beija minha boca adoça, e coisa alguma desvanecia tanto os pais e as mães como um convite para a sua menina mais nova, para o seu menino mais velho fazerem uma alma cristã.

A comadre Antonia fartava-se de ter razão, mas ninguem lha dava, e a pratica continuou de irem á Igreja, pelo seu pé, como padrinhos e madrinhas, meninos e meninas a cujos braços debeis os respectivos compadres não entregariam os afilhados.

— As creanças sabem lá o que é o sacramento do baptismo! Ele, as pessoas grandes, poucas sabem, quanto mais as creanças. Os padres não deviam consentir em semelhante uso.

A verdade é que a comadre Antonia não se mostrava grandemente contrariada quando algum dos senhores compadres ia baptizar uma creança, sobretudo quando essa creança viera á sua consignação de parteira. Na vespera fazia uma pratica, que nós ouviamos religiosamente, visando a habilitar-nos a bem nos havermos em tão importante cerimonia, duma liturgia bastante complicada.

— O sr. compadre oferece o nome á madrinha; ela não aceita, está bem de ver, e o sr. compadre diz então como se hade chamar o menino. Assim que o padre tirar o menino da pia, o se-

nhor compadre põe-lhe logo o dedo na moleirinha, muito depressa, para a madrinha o não fazer primeiro. A' entrada e á saída da Igreja faça uma venia ao acompanhamento. Ponha-se do lado direito do prior, quando ele estiver ao pé da pia a fazer as cerimonias do baptismo. Tome muito sentido não lhe falte alguma palavra, que então a creança fica mal baptisada, por sua culpa.

Uma coisa que a comadre Antonia nunca me recomendava, e eu fazia sempre, era guardar para mim uma boa porção de confeitos, que devia atirar aos moços á saída da Igreja e ao recolher a casa o baptisado, detestaveis confeitos que pareciam feitos de miolo de pão com uma capinha de assucar.

A Republica, para não quebrar o fio duma longa tradição, fazendo o registo civil obrigatorio, conservou a instituição dos padrinhos e madrinhas, não como testemunhas porque lhes falta a idoneidade legal, mas como menores que assumem, devidamente autorisados, a responsabilidade moral de assistirem os seus afilhados, quando eles carecerem da sua protecção.

Muito temente a Deus, muito respeitadora dos mandamentos e preceitos da Santa Madre Igreja, a comadre Antonia acreditava no pecado original, mas tambem acreditava que o baptismo é um sacramento redemptor.

— Todos nascemos pecadores. A gente grande,

já no uso da rasão, peca umas vezes pelo que faz, outras vezes pelo que diz, e até peca sem fazer nada e sem dizer nada, só por ter maus pensamentos. Uma pessoa sabe lá quando é que não ofende a Deus Nosso Senhor! Mas as creanças, coitadinhas, que nem sequer sabem para que estão n'este mundo, não cometem pecados. Apezar d'isso são pecadores, por causa da falta de nossos primeiros paes. De maneiras que se morrem sem terem recebido os santos oleos, nem podem ser enterradas em sagrado, e a sua alma, em vez de ir logo direitinha para o céo, tem de entrar no Purgatorio, d'onde sae pura como a Virgem Mãe. Aqui está a razão porque ninguem se pode escusar a fazer uma alma cristã, já se vê, quando ha perigo de morte. A pessoas que leem nas Escripturas tenho ouvisto dizer que os rogos dos afilhados mortos, intercedendo pelos padrinhos doentes, valem mais que todas as orações e promessas feitas aos Santos.

A verdade é que a comadre Antonia, quando aparava alguma creança em precarias condições de vida, tratava logo de a baptizar — em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo — sem outro interesse que não fosse o de proporcionar aos anjinhos a sua imediata entrada no Paraizo, sem quarentena, embora pouco demorada, no Purgatorio.

Era ouvir dobrar os sinos, anunciando que alguem morrera, a comadre Antonia resava logo

por alma do defunto — Nosso Sonhor o leve para a sua santa vista — interrompendo o serviço em que estava. Depois é que inquiria das visinhas, ou d'alguem que ia passando: — *Quem fôi que morreu, visinha?... Quem foi que morreu, sr. fulano?* Mas se os sinos repicavam, sinal de que morrera uma creança, a comadre Antonia não resava, e raramente se dispensava de dizer, sem pensar na dôr que áquela hora amargurava um coração de mãe, enchendo-lhe os olhos de lagrimas: — Aquelle é que é feliz! Vae para a Bemaventurança sem conhecer as desventuras da Terra.

O meu bestunto não chegava para discutir as theologias da comadre Antonia; mas pela vida fóra, em lances varios, tenho recordado os seus principios e as suas reflexões, principios que eram os da sua fé, reflexões que eram, em grande parte, fructo da sua observação.

Seria monstruoso que as mães não chorassem os filhos mortos; mas como subsiste a crença n'uma Divindade infinitamente bôa, infinitamente justa, infinitamente mizericordiosa, se ella, podendo tudo, porque é Omnipotente, deixa que as creanças adoeçam e morram, pobres creaturinhas que nem sequer são responsaveis por terem nascido, porque as fizeram sem as consultarem?

...Entra o bébé, muito esperto, muito gazil, a dar mostras de sofrimento. Acaba de mamar e vomita; instinctivamente, para não vomitar, deixa de

pegar na mama. Encolhe-se para atenuar as dôres; mal adormece, vencido pelo cansaço, e logo acorda n'um choro convulsivo.

O que terá?

A febre queima-lhe as faces, e por vezes um suor frio, gelado, banha-lhe o corpito magro, d'um emagrecimento progressivo. Já não ri, o desventurado pequenino!

— O meu filho não morre, pois não, sr. doutor?...

Ardem constantemente duas velas junto do oratorio de Nossa Senhora, e não se espera que murchem para serem substituidas as flores que enchem duas jarras de loiça, flanqueando o oratorio. Vezes sem conto ajoelha a pobre mãe, resando á Virgem Santissima, debulhada n'um pranto em que se dilue a sua alma.

Pobre anjinho!

Já não rolam e deixaram de ter brilho os seus olhos vivos, d'um castanho leve, e os seus beicitos gordos, que apetecia beijar, são agora pequeninas valvulas de papel branco e delgado, fechando uma cavidade em fogo.

— Não é verdade, sr. doutor, que o meu filho...

Vem do berço um gemido prolongado em que se adivinha uma dor incomportavel, e quando a pobre mãe, aproximando-se quasi n'um salto, a respiração suspensa, o coração em espasmos, estende as mãos para lhe acudir, constata que elle abriu um tudo nada os labios, descerrou um bo-

cadinho os olhos — como se quizesse vel-a antes de morrer, como se quizesse deixar-lhe a recordação do seu ultimo sorriso.

— Morto! Morto o meu filho!...

As velas, sempre acesas, continuam iluminando a Virgem Santa, impassivel como se nunca tivesse sido mãe, e as flores que enchem duas jarras de loiça, flanqueando o oratorio, sempre frescas, põem na improvisada camara mortuaria uma nota alacre de vida moça e sadia.

Na verdade seria monstruoso que as mães não soffressem quando os filhos lhes morrem; mas não seria natural que perdessem a crença e a fé n'um Deus que lhes mata os filhos?

— São anjinhos do céo; vão para junto do Senhor!

*

Não transigia com modernismos, a comadre Antonia; a sinceridade das suas crenças, duma pureza absoluta, revoltava-se contra todos os abusos, ás vezes contra inocentes praticas que nem eram abusos, nem implicavam falta de respeito.

A primeira vez que ela viu na Missa senhoras de chapeu, teve vontade de as correr a tabéfe da Igreja para fóra. Nunca a senhora Morgada e mais era a senhora Morgada, entrava na Igreja de chapeu na cabeça, e vinham aquelas seresmas, as mineiras, que não tinham onde caissem mortas, fazer uma acção daquelas! Fossem

de véo, se não queriam ir de lenço, ou então deixassem-se ficar em casa a lêr os livros, visto não saberem rezar! Como os maus exemplos frutificam, dentro em pouco já não eram só as senhoritas da Mina que entravam de chapeu, na Igreja; eram tambem algumas senhoras da vila, muito poucas, tão somente as de maior prosapia, orgulhosas das suas relações com pessoas que falavam uma lingua estranha, de português mal conhecendo as palavras de uzo mais vulgar.

O desespero de que ela se tomou, um dia, vendo o padre Cardote, paramentado e de botas á frederica, ir confessar ou ungir uma velha, na Aldeia das Magras!

Sucedeu o sacristão casar uma afilhada, e como fôsse ele, e só ele, a fazer todas as despesas da função, tratou de ver como poderia realizar alguma economia, sem nada faltar que pudesse ser notado. Naquele tempo uma carga de cêpa, carga de burro, custava um dinheirão; em certas epocas do ano não se tirava por menos de dois tostões, e este preço o sr. Francisco Peixeiro, maricas até á raiz dos cabelos, achava-o exagerado para as suas posses. Lembrou-se então de aproveitar os santos velhos que havia nas Igrejas da Villa, restos de imagens em madeira, já fóra do uso cultual. Se bem o pensou melhor o fez.

Carregou, de noite, para sua casa, toda essa santidade carunchosa, e muito cêdo, mal luzia o

buraco; poz-se a escavacal-os no quintal, misturando os fragmentos com varia tanganhada, nada deixando substituir, como forma, que denuncia-se o seu delicto sacrilego.

Veio logo a saber-se que a jantarada se fizera com um auto de Fé, em que as vitimas tinham sido os santinhos roidos pelc caruncho.

Disse um conviva, mastigando um tassalho de borrego:

— Parece que o bispo entrou no ensopado...

Comentou outro:

— Não admira. Vendo os santinhos a arder, o bispo atirou-se ao fogo, e caiu no taxo.

Nunca mais a comadre Antonia poude tragar o sacristão, não levando á paciencia que o mantivessem ao serviço da Igreja depois duma aquidade daquelas.

— Deus não é de vinganças, bem sei; mas uma coisa assim merecia um exemplo.

A senhora Luiza Fecha-a-boca era pousadeira da Bôa Vista, nossa visinha de paredes-meias. Tinha uma filha, creança de tres a quatro anos, que o povo murmurava ser obra do sacristão, talvez porque elle a tratava com disvelos paternaes. A mãe era o desmazelo em pessoa, repolhuda e mole, os olhos muito esbogalhados, quasi sem pestanas, a boca sempre aberta, pendente o labio inferior, grosso e revirado, por modos a verem-se-lhe os dentes até quasi á raiz, muito

brancos e plantados com regularidade. A pequena era engraçada, e sempre que podia escapulir-se de casa ia brincar para o nosso quintal. A's vezes era a comadre Antonia que a chamava — vem cá, Maria!—,quando não era eu ou algum dos meus irmãos que pediamos licença á senhora Luiza para a levarmos para nossa casa, sentando-a á nossa meza, oferecendo-lhe das nossas gulozeimas, ensinando-a a falar.

— Dize lá Catharina ?... Se disseres bem, damos-te um rebuçado.

A pequena fazia um grande esforço de concentração, como que a repetir mentalmente a palavra, e estendendo a mãosita para o rebuçado, como se tivesse a certeza de o ganhar, dizia com desembaraço :

— Catina!

A comadre Antonia sabia muito bem dos amores da Fecha-a-boca, iniciados ainda em vida do marido, mas de certo modo desculpava-a pelos maus tratos que elle lhe dava, semanas e semanas sem lhe aparecer, e quando lhe aparecia falando-lhe com quatro pedras na mão, moendo-a com estoiros, chamando-lhe quantos nomes feios lhe vinham á boca, escandalizando a visinhança.

— Do que fez ha-de dar contas a Deus, que lhe perdoará, se achar por onde.

Ora sucedeu que um dia, andando a Fecha-a-boca a varrer a rua, muito descuidada, passou

por traz d'ella, á futrica, o prior, e pregou-lhe uma valente palmada no rabo.

Truz! Pareceu um tiro de polvora seca, acudindo os visinhos, a inquirir do que era.

Dizia o padre, livido e passado:

— Ora èsta, comadre Luiza!... Então vocemecê faz-me semelhante desfeita?...

E a Fecha-a-boca, com a vassoura na mão direita, como se desse a explicação mais natural d'este mundo:

— Então?... A que porta baterá o sr. compadre que lhe não respondam?

Nunca mais a comadre Antonia a poude tragar, embora não desculpasse o padre do mau procedimento que tivera.

— Grandissima atrevida! Até me parece que tenho zanga á creança por culpa do que a mãe fez — Nosso Senhor me perdõe.

Um dia constou na Vila que o padre da Pena fizera prender quasi toda a gente de Rei de Moinhos, homens e mulheres, alegando nos tribunais que a gente do povo, toda a gente, tinha violado a sua propriedade, uma vinha atravessada por uma estrada que era serventia publica desde o tempo dos Afonsinhos!

A comadre Antonia teve uma explosão de colera:

— Não era precisa semelhante Africa para este ladrão ir parar ás profundas do Inferno.

E contou:

— A senhora Pombeira, irmã do Padre, era uma pessoa de muito bem fazer. amiga de acudir á pobreza, nunca faltando com a sua esmolinha aos necessitados, e a cada um dando conforme as suas precisões. Vestia muitas creanças e pagava as decimas a viuvas que não tinham quem lh'o ganhasse, carregadas de filhos. Era senhora de muitos haveres, a pessoa mais rica dos sitios; mas outros, que eram quasi tão ricos como ela, não davam nada aos pobres, ou davam a ridicularia de cinco réis, á porta, uma vez por semana. Queria o padre, á viva força, que a irmã fizesse testamento para ele, deixando-lhe tudo, e que se deserdasse em vida, entregando-lhe quanto tinha, ficando ele a dar-lhe os alimentos. A irmã, está bem de vêr, não quiz, e ele então resolveu dar cabo dela. A Senhora costumava ir todos os anos a banhos, umas vezes para Sines, outras vezes para Vila Nova de Mil Fontes. Vai então o malvado, disposto a tudo, decide ir com ela para Sines, e todo ele era gatimanhas pelo caminho, não querendo que faltasse coisissima nenhuma á irmã—vê lá se queres isto! vê lá se queres aquilo — a ponto da infeliz se admirar de tantos cuidados e atenções, Foram dormir ao Cercal, tendo abalado da Vila ao romper da manhã.

«Naquele tempo era muito arriscado atravessar, de noite, a charneca d'Alvalade, por causa dos ladrões. Andava uma quadrilha por aquelles si-

tios, e o chefe era um homem que já tinha cumprido degredo nas Pedras Negras, condemnado por furtos e mortes.

«Foi no Cercal, á hora da ceia, que o padre fez engulir á irmã, n'uma chavena de chá, o veneno que havia de a matar. Pela noite adiante começou a Senhora a queixar se de vomitos e dôres no estomago, cobrindo-se de suores frios, e d'ahi a pouco entrou a faltar-lhe a luz dos olhos, gritando que lhe acudissem, porque sentia a morte na garganta. O tratante do Padre fingia que chorava — minha querida irmã! que desgraça! — mas não deitava uma lagrima, e tudo era dizer que fossem chamar um medico, sabendo que o não havia umas poucas de leguas á roda. Antes de clarear a manhã, a Senhora tinha dado a alma ao Creador, e o corpo era trazido para a Villa, fazendo-se-lhe o enterro quasi á capucha. Os pobresinhos que a Senhora socorria, desejavam acompanhar ao cemiterio o cadaver da sua bemfeitora, e toda a familia da Villa, pobres e ricos, desejavam ir ao enterro, que seria o maior de que havia noticia, se não tivesse sido feito quasi ás escondidas.

«Como a justiça é só para os pobres, o malvado ficou-se a rir dos clamores do povo, toda a gente, á uma, dizendo que elle matara a irmã, e uma velha creada que havia na casa não se escondendo de ninguem para afirmar que tinha visto elle deitar no bule um pó branco, que não era assucar,

com certeza. Não se consta d'um feito assim, e o peor foi que o algoz teve o que desejava, que era a riqueza da irmã, viuva dum morgado que tinha quasi tanto de seu como o Salvé-Rainha, que era a casa mais poderosa de Beja. Agora faz tudo quanto lhe dá na gana, não se importando com o que se diga ou deixe de dizer a seu respeito, sem medo e sem vergonha... Hade ter o pago na outra vida; mas n'esta corre-lhe tudo á medida dos seus desejos. E não ha um filho de uma velha que lhe rache a cabeça de meio a meio.—Nosso Senhor me perdõe!

A façanha do Padre, com respeito á familia de Rei de Moinhos, ficou marcando um data no calendario da Aldeia, a ela se referindo a idade das pessoas e os sucessos mais grados na vida de cada qual: *O meu Antonio nasceu quando foi aquilo do padre da Pena.—A gente casou no ano em que a familia da Aldeia foi presa e levada para Beja, por causa do padre da Pena.—O meu Joaquim entrou nas sortes no ano em que o padre da Pena fez a bonita acção de mandar prender toda a gente da Aldeia, mesmo as pessoas que não tinham saido de casa no dia em que o povo tornou a pôr a estrada como era dantes.*

Na verdade o sucesso fôra estrondoso, merecendo bem conservar-se na memoria dos homens, perdurando na tradição.

Da noite para o dia, o padre mandara fechar a estrada que lhe atravessava a vinha, e para ale-

gar prejuisos materiais, prevendo o que veiu a suceder, fez meter bacelo, duas carreiras de bacelo, no terreno assim adquirido.

Na Aldeia já havia rumores do que o Padre queria fazer, de modo que a supreza não foi grande quando as primeiras mulheres que iam á agua, em Braz da Gama, esbarraram na vedação, e viram plantados bacelos num chão que mal fôra revolvido. Voltaram para suas casas, contando o que havia, e logo a familia toda da Aldeia, grandes e pequenos, homens e mulheres, novos e velhos, abalaram em grande algazarra, levando pàs e enchadas, na disposição de restabelecerem a estrada, sem danificarem a vinha.

A' indignação sucedeu o folguedo, e durante horas houve balhos e descantes, não se praticando um unico acto censuravel, não se preferindo uma palavra que encobrisse um injuria.

Prevenido do caso, o Padre mandou lá um esbirro, que tomou nota de toda a gente que estava, já na maioridade, retificando depois a lista, conforme indicações de politicos, para lhe acrescentar o nome de pessoas que, por qualquer motivo, se tinham deixado ficar em casa na manhã daquele memoravel dia.

Passadas algumas semanas, uma noite, ainda não clareava a manhã, a Aldeia foi ocupada militarmente por uma força de infanteria. As primeiras pessoas, homens e mulheres, que pretenderam sair de casa, foram intimadas a não sair, e a inti-

mação era feita de espingarda á cara, devendo a desobediencia ser castigada com um tiro.

Foram presas todas as pessoas que se encontravam na lista, marchando em escolta para a Vila. Não foram a pé dali para Beja, porque meu pai se ofereceu para lhes pagar o comboio, e não ficaram em Beja na cadeia porque meu pai as afiançou. Nunca o respectivo processo chegou a ser julgado, mas o dinheiro da fiança, umas poucas de centenas de mil réis, nunca chegou a ser restituido. Sobre o Padre cairam as maldições dum povo inteiro, humilde gente de trabalho que nenhum damno causara na propriedade do miseravel tonsurado, que não ficaria mais rico pelo facto de acrescentar á sua vinha trez ou quatro duzias de bacelos. Nenhum incomodo ou desgosto lhe causaram essas maldições, sendo milagre que a Justiça lhe não desse completa razão, privando o povo duma serventia que remontava a tempos imemoríais, tornada por esse facto em propriedade da Aldeia. nos melhores termos do direito costumeiro. Morreu velho o Padre da Pena, com o estomago cheio de hostias e a consciencia a negrejar de crimes.

Todos os domingos vinham do Monte as esmolas para os pobrezinhos que já não podiam, quer pela idade, quer pela doença, sair de casa, a esmolar, e era a comadre Antonia que as distribuia, fazendo-o com a maior equidade. Um destes po-

bres era o tio José Branco, que um dia, tendo recolhido ao hospital, foi dado por morto, e logo transferido para a Igrega, para se enterrar no dia seguinte. Sucedeu que pela noite fóra o velhote se aliviou da bexiga, e isso lhe valeu não ser enterrado vivo.

— Seria gato?

Ocorreu verificar o obito, resultando dessa verificação ser o tio José Branco reconduzido ao hospital, e como recusasse tomar os remedios, veio a morrer de verdade quasi dois anos depois.

Dizia a comadre Antonia, comentando este caso:

— Não quero ser enterrada sem o facultativo dizer que estou morta e bem morta. Jesus! Credo! Uma pessoa a sentir que a metem na cova, e não poder gritar que está viva!

E contava o horrendo caso duma menina de Ferreira, que fôra a enterrar em Beja, num mausoleu, vindo um dia a ser encontrada fóra do caixão, sentada, a face tão serena, tão composta como se estivesse a dormir.

Não me recordo de ter visto rir a comadre Antonia; algumas vezes a vi sorrir, e só uma vez, uma unica, a vi chorar. Ela gostava muito de nós todos, de mim e de meus irmãos — quero-lhes como se fossem meus filhos! — mas o compadre Josézinho era o seu desperdiçado.

— E' uma creança que tem mais preceito que muita gente grande.

Na verdade o pequeno tinha a sizudez, a compostura duma pessoa já idosa, como se as suas ligeiras primaveras fossem carregados invernos. Não brincava com os rapazes da sua idade; as suas horas vagas passava-as em casa, entretido com os seus livros, os seus papeis, quando não ía para a loja do sr. Antonio Severino, onde se ajuntavam, para a cavaqueira, as pessoas mais gradas da terra, marca regeneradora.

Um dia o pequeno adoeceu, e doença foi ela que em menos duma semana o matou. Vi chorar a comadre Antonia quando lhe poz na cabeça uma corôa de flores artificiais, que me tinham dado, poucos dias antes, como premio escolar.

Este meu triunfo academico, precursor duma longa serie de desastres, custou a meu pai não me lembra agora quantas rodelas de metal amarelo, muito bonitas, algumas de cavalinho, que ao tempo andavam no giro, e se chamavam libras, valendo cada uma 4.500 reis.

A eternidade que vai passada!

O mestre Bentes inventara uns exames, com premios aos meninos mais distintos, e por notavel coincidencia só revelaram habilitações dignas de premio os meninos cujos pais, lavradores ou comerciantes, podiam á larga presentear, de qualquer forma, o professor. Nada menos de três premios me conferiu o sr. Bentes, sendo um destes

a corôa já referida, sendo outro a *Vida e obras de Freí Bartolomeu dos Martires*, dois pequenos volumes encadernados em coiro amarelo. O terceiro premio.. . Ainda outro dia a tive na mão, branca como se fosse de prata nova, a medalha que alcancei — valor e merito! — nesse certamen escolar, ha bons cincoenta anos, e senti ganas de a beijar como se fosse uma reliquia.

A alegria doida que houve em minha casa, no dia em que se fez a distribuição dos premios, com toda a solenidade, depois da missa, na sala nobre da Camara Municipal, assistindo todas as pessoas importantes da terra, e algumas das mais importantes das freguesias proximas. Meu pai, a fazer-se forte para não chorar, nem deu pelo bonito preço porque pagava a minha glorificação academica, quando o sr. Bentes, chamando-o de parte, lhe pediu umas duzias de mil réis de que tinha absoluta necessidade para umas despesas a fazer em Beja, no dia seguinte. Veiu toda a gente da visinhança cumprimentar-me — o compadre Seroula, o sr. Francisco Patarruta, o mestre José Tarelo, as visinhas Camachas, o Fraldinha, meu professor de viola, desgostoso por ter eu mais geito para as letras que para a musica.

Minha mãe, celebrando aquele dia, ofereceu-me vinte moedas de meio tostão em prata, metidas num *porte-monnaie* de missanga com fechos de metal, prenda que tinha comprado á porta do Monte, a um tendeiro, por doze vintens e meio,

se me não falha a memória. E recomendou-me, com lagrimas a bailarem-lhe nos olhos, procurando inutilmente tornar firme a sua linda voz d'acentos musicais:

— Tenha sempre muito juizo, e estude, para ser um homem.

*

Sem o vicio do rapé a comadre Antonia seria um compendio de virtudes sem erros de tipografia. Trabalhava como uma negra, de manhã á noite, e com a sua pessoa gastava só o que não podia dispensar-se de gastar, incluindo nos seus gastos indispensaveis o rapé, que considerava artigo de primeira necessidade.

— Quando desconfiarem que estou morta, cheguem-me a caixa do rapé ao nariz. Se não cheirar, é porque morri.

Semana sim, semana não, eu comprava na loja das senhoras Honorias um pacote de rapé, com o dinheiro que minha mãe para isso me dava, e em segredo, quando a comadre Antonia já tinha a caixa no fundo, uma caixa preta rectangular, com as arestas da tampa cobertas de metal branco, enchia-lha, muito bem atafulhada, e punha-lha no cesto da costura ou no poial das quartas, onde ela muitas vezes a deixava, por algum tempo, para refrescar. A esta generosidade se mostrava muito sensivel a comadre Antonia, que só do seu trabalho vivia, parteira de bôa reputação como

outra não havia em toda a redondeza do concelho.

Dos seus talentos de frasquejadeira tirava mais honras do que proveitos, convidada a frasquejar para todas as festas de certo tom, casamentos ou baptisados, mas raramente lhe sendo pago esse serviço em dinheiro de contado. Tinham fama os seus bolinhos de chá, de base redonda, com uma gema de ovo na face superior, ali posta quando iam para o forno em taboleirinhos de lata. Eram igualmente famosos os seus bolos folhados, as suas argolas de especie, e mais do que tudo as queijadas, no tempo proprio, dignas de as comerem os anjos.

— Em Beja não ha quem o faça melhor.

Se tivesse de adoptar uma divisa, á moda antiga, e pudesse adoptal-a em latim, por seguro tenho que a divisa da comadre Antonia seria esta — *nulli nocendum*, a ninguem prejudiques.

Para ela, não fazer bem era um direito que exerce cada um, á sua vontade; mas não fazer mal é uma obrigação superior á vontade de cada qual.

Como pode ser assim preponderante, num espirito sem cultura, para mais tratando-se duma mulher, o conceito de justiça, que de certo modo exclue ou subalternisa o sentimento da bondade?

Dizia Victor Hugo, inteligente até á fulguração do genio, que ser bom é facil, o que custa é ser justo.

Perdoar é um acto de bondade, que pode ser, algumas vezes, uma injustiça tremenda. Geralmente as pessoas fracas, as pessoas debeis, as pessoas timidas, são bondosas, e essa bondade é o disfarce dum egoismo a pedir favor e proteção. A comadre Antonia era uma alma forte, de rija tempera ; no aspero labutar da vida, pobre, viuva e com filhos, avigorara-se-lhe o animo para resistir a todas as contrariedades sem nada pedir que lhe não fosse devido, agradecida a todas as generosidades que para com ela tinham, e que por orgulho não solicitava.

— Qualquer trapo nos cobre, e basta uma côdea de pão e uma gota d'agua, havendo saude, para a gente viver sem olhar ás mãos de ninguem.

Se fosse homem, a comadre Antonia exerceria a autoridade do *pater-familias* como nos velhos tempos, com furia despotica. O filho, já de barbas na cara, não tinha liberdade para se concertar aqui ou além, onde lhe aprouvesse, e as soldadas entregava-as á mãe, integralmente, nem sequer reservando uns vintens para tabaco. Mesmo procedendo assim, com respeitosa humildade, apanhava seu tabefe quando se erguia temporal em casa, o que acontecia uma vez por semana, quando ia vestir a roupa.

As arrelias, as zangas, os cruciantes desgostos que ela passou com o namoro da filha mais velha, que se apaixonou por um moço da Vila, ao tempo com praça assente em Infantaria 17, aquartelado

em Beja, e que desde a primeira hora lhe falou em casamento! Proibira-a de lhe falar, e quando sabia que ela infringira este preceito, enchia-lhe a cara de bofetadas, ameaçando de a pôr na rua.

Baldadamente as pessoas que ela considerava lhe diziam que o rapaz era bem comportado, e visto a rapariga ter aquela inclinação, o melhor seria deixal-a casar, não fizesse ela alguma asneira.

— Casamentos nem fazel-os nem desmanchal-os.

— Não tenho faltas a pôr-lhe; mas não consinto no casamento. Se quizer casar com ele, hade esperar que eu morra, ou então ha-de sair de casa, levando a trouxa á cabeça. O tear não o leva, porque o paguei eu com o meu dinheiro.

Parecia que lhe adivinhava o coração. O casamento foi infeliz, não obstante assentar sobre a base dum amor compartilhado, nenhum motivo interesseiro contribuindo para que ele se fizesse. O rapaz nunca tinha namorado outra rapariga, a rapariga nunca tinha namorado outro rapaz, e desde pequenos se conheciam, tendo brincado juntos numa idade em que o sexo ainda é indeciso, embora Freud, cujas teorias mais ricas de originalidade que de bons fundamentos, faça remontar a vida sexual ao tempo em que a gente mama.

Um dia, obrigada a fugir de casa, abandonando o marido, a rapariga foi bater á porta da mãe, que não lh'a quiz abrir.

— Tenha vergonha, vá para casa do seu homem. Se o não pode aturar, a culpa não é mi-

nha. Por muitas lagrimas que ele a faça chorar, muitas mais chorei eu, antes de a vêr sair de casa. Assim o quiz, assim o tenha.

No dia seguinte, sabendo que a filha se acolhera a casa das vizinhas Camachas, uma das quais fôra sua mestra de tear, foi lá buscá-la sem palavras de recriminação.

— Vamos lá para casa que são muito boas horas de almoço.

Tinha esta grandesa dalma, rude mas afectiva, a comadre Antonia.

*

Sucedeu que o sr. Bentes, já sem credito a que recorresse nas suas angustiosas necessídades de dinheiro, enrolou a trouxa e foi-se embora, despedindo-se á franceza.

— Nosso Senhor o leve para onde não faça perca nem damno.

Fui para a escola do sr. Pedro d'Almada, escola particular, menos com o proposito de augmentar o meu cabedal de conhecimentos, do que para consolidar o modesto saber que já adquirira.

O Pedro d'Almada era um homem inteligente, com alguma instrução, mas sem geito nem feitio para ensinar rapazes. Insuportavel quando estava pingado, mesmo sem ter bebido maltratava os alunos, castigando-os muitas vezes sem motivo, e raramente proporcionando o castigo á falta. Como era das sucias em minha casa, geralmente trata-

va·me bem, sendo raro castigar-me. Um dia, porém, ou porque estivesse de mau humor ou porque tivesse bebido demais, estando eu a traduzir na Selecta, a *Morte de Colbert.* entrou a dizer·me grosserias, nomes feios, e como eu fechasse o livro, derepente, na disposição de sair da aula, pegou n'uma regua, e entrou a bater·me com ella, por onde calhava. Fez me um galo na testa, e quiz obrigar·me a estar á janela, com uma cabeça de burro enfiada até ás orelhas. Atirei-lhe com a cabeça de burro á cara, e saltando pela janella, corri para minha casa, que me não pesava o pé uma onça. Contei á comadre Antonia o que se passava, dizendo-lhe que ia para o Monte, imediatamente, para contar o sucedido a meu pai.

— Os senhores compadres vão ter um grande desgosto; mas que se lhe hade fazer? O homem não estava no uso da rasão, para romper n'uma brutesa d'esas. Eu tambem vou ao Monte.

Contei a meu pai, tim-tim por tim-tim, como as coisas se tinham passado, e puz na minha singela e comovida narrativa taes acentos de sinceridade, que meu pai só disse, quando acabei de falar:

— Está bem; acabou-se a Escola. O que elle precisava era que eu lhe fizesse o mesmo que elle lhe fez. Um bruto assim até devia ser prohibido de ter aula.

Amigos de meu pai, as categorizadas pessoas

da vila, meteram-lhe na cabeça que eu devia ir para Beja continuar os estudos, já sabendo um bocadinho de gramatica, arranhando menos mal o francês, lendo com desembaraço os jornais e nas contas dando sota e az ao mais pintado. Uns queriam que eu fosse doutor em leis; outros queriam que fosse engenheiro, para me empregar nas minas; outros queriam que eu estudasse para escrivão, substituindo mais tarde o Rasquinho, que era muito bom homem, mas perdia todos os papeis e trocava todos os nomes.

A comadre Antonia opinou:

— Queira ser medico, sr. compadre, para tomar o pulso ás moças e casar com uma menina rica.

Fiz a vontade á comadre Antonia, e como se o seu desejo fosse uma profecia, vim a casar com uma menina rica... de todos os dons e virtudes que na mulher são reflexo da Divindade — filhas, esposas e mães que do lar fazem um templo, o sagrado templo em que se pratíca, numa atmosfera de amisade pura e amor casto, a religião da familia.

Chegou-me a Torres Novas a noticia da sua morte, e nesse dia pareceu-me que o Àlmonda não cantava, saltando nas pedras asperas do seu leito, como nos outros dias, antes se arrastava, lento e gemebundo, e que os chorões que sobre as suas aguas se debruçam, sempre tristes, no recolhimento duma dôr suprema, afectavam uma dôr maior que de costume.

A tosquia

Mal vinha proxima a epoca da tosquia, ahi por fins de Abril, entrava eu num desassocego enorme, aflito por saber o dia certo em que chegariam os tosquiadores. Meu pai não mo dizia, e o compadre João Catarino quasi nunca mo podia dizer senão de vespera, porque o não sabia mais cêdo.

Era um espectaculo que me entretinha muito, e sobre todos os outros em que o gado entrava, tinha a vantagem de durar uns poucos de dias, mais ou menos conforme o numero dos tosquiadores, porque lá quanto ao numero de cabeças ele pouco variava de ano para ano.

Na vespera, ao cair da tarde, fazia-se o tendal, com braçados de lenha, servindo de porta, em geral, umas cangalhas velhas, deitadas. O chão era muito bem varrido, depois de regado, para que a lã fosse, o menos possivel, suja de terra.

No dia seguinte, muito cêdo, mas já com o sol

fóra, vinha todo o rebanho ao Monte, só ficando no tendal as cabeças que poderiam ser tosquiadas até á noite, fazendo-se o calculo sobre a base de vinte cabeças por homem.

Os tempos, hoje, são muito diferentes; os homens ganham muito mais e trabalham menos, e por muito pouco que trabalhem ainda reputam exiguo o seu salario. Um tosquiador, naquele tempo, ganhava o maximo de dezesete vintens, a seco; hoje ganha, tambem a seco, entre dez e quinze mil réis. Com esta circunstancia agravante — naquele tempo um homem tosquiava, como já disse, o minimo de vinte ovelhas, hoje tosquia, em mêdia, uma duzia, pois que em certos dias nem á duzia chega.

Será porque os homens de hoje são mais fracos ou menos habeis?

Será porque a lã das ovelhas, na actualidade, custa mais a cortar?

Já se inventou, creio que na America, uma maquina para este serviço; mas o seu emprego ainda se não generalizou entre nós, por não ter vantagens apreciaveis.

Estou convencido de que a mecanica, muito mais que os teorismos de escola, contribuirá para que se resolva satisfatoriamente o problema social, no que respeita ao fenomeno da produção, e a lavoura, entre nós, se não recorrer ás maquinas, em larga escala, dentro em pouco lutará com a falta de mão d'obra, que no Alemtejo, para de-

terminados serviços, já se faz sentir. Serviços ha a monda, por exemplo, que nunca poderão se feitos á maquina; mas que enorme quantidade de braços se não economisa, fazendo a lavoura mecanica, em larga escala?

Pois um homem, naqueles velhos tempos, tosquiava vinte cabeças de sol a sol, e ganhava entre vinte e trinta vezes menos do que ganha hoje, fazendo pouco mais de metade do trabalho que fazia então.

A' hora de começar a faina, estavam empioladas tantas cabeças quantos os tosquiadores, e neste serviço colaborava eu, agarrando as ovelhas pelas pernas, e agarrando os carneiros pelos cornos. Era trambulhão de meia noite, principalmente quando o compadre João Catarino, segurando um carneiro, me punha em geitos de lhe pegar de cara ou de cernelha, largando o bicho quando eu lhe dizia, pesporrente como um valente moço de forcado — agora, compadre João!

Está bem de ver, sucediam estas coisas quando meu pai não estava presente, porque o espectaculo distraia muito a familia, e o trabalho ficava para traz.

Este serviço, o da tosquia, era o serviço agricola que se fazia com mais preceitos, uma verdadeira liturgia, rigorosa e complicada, de que pouco ou nada subsiste.

Os tosquiadores formavam quadrilha, rigorosa-

mente subordinada a um Mestre. Era este que tomava compromissos com os lavradores—tal dia lá estamos; quem fazia ajustes; quem recebia o dinheiro; quem pagava aos seus homens. Nenhum aprendiz entrava na quadrilha sem autorização do Mestre, o qual a não dava sem ouvir a sua gente. Não convinha ás quadrilhas organizadas que houvesse grande oferta de braços, porque isso faria baixar os salarios; e assim elas regulavam o aprendizado, sem todavia procederem de maneira a estabelecerem, em seu proveito, uma verdadaira tirania, a que não pudesse escapar o lavrador.

Naquele tempo havia mais honestidade do que ha hoje; havia uma noção mais clara e mais imperativa do dever, quasi obliterada na actualidade. Os trabalhadores rurais não tinham organização corporativa, nem faziam idéa do que isso fosse; procuravam, naturalmente, melhorar os seus salarios, mas quando se ajustavam, não sofismavam o seu contracto, fazendo o que hoje se chama a greve de braços caídos, e que consiste em não trabalhar, fingindo que se trabalha.

Os tosquiadores eram rurais que só numa epoca do ano, por muito pouco tempo, tres a quatro semanas, exerciam o seu oficio, vindos daqui e de além, e dispersando, por assim dizer, quando davam a ultima tesourada. Porque tinham uma organização, embora rudimentar, tinham uma disciplina, que só regulava o seu mister de

tosquiadores, durante o curto periodo em que o exercitavam.

Quando um lavrador combinava com o Mestre que este lá apareceria no Monte, em tal dia, acompanhado de tantos homens, era como se firmasse uma escritura com todas as seguranças da lei.

Hoje o caso é diferente.

Falta-se ao compromisso tomado, por motivos de varia ordem, sendo o mais frequente e o mais poderoso a oferta de alguns centavos a mais do ajuste feito.

Outros tempos... peores costumes!

Quando chegava o momento de começar o trabalho, pela manhã, estava tudo a postos, cada tosquiador ao pé duma cabeça empiolada, a tezoura na mão, á espera que o Mestre desse o sinal de começar, isto é, a primeira tezourada. Se algum imprudente se antecipava ao Mestre, pagava uma multa em dinheiro. O que entrava no tendal, alheio á quadrilha, sem licença do Mestre, não sendo o lavrador, era multado, e o proprio lavrador, se descuidadamente ia sentar-se no monte de lã, tambem pagava multa. As ovelhas brancas ficavam todas a um lado, e o tosquiador que acabando de tosquiar uma ovelha preta passava a tosquiar uma ovelha branca, sob pena de multa, ao dar a primeira tezourada, tinha que dizer isto; — *Em nome Deus, em branco.* Sucedia

algumas vezes ficar uma cabeça com uma guedelha de lã, por descuido. O maioral agarrava essa cabeça, levava-a ao Mestre, que lhe cortava a guedelha, e impunha uma multa ao descuidado tosquiador. A função do maioral, na tosquia, limitava-se a enrolar a lã, formando velos, ajudando algumas vezes o empiolador, que era sempre um ganhão, á escolha do feitor.

Um tosquiador não podia levantar mão do animal que estava a tosquiar, sem licença do Mestre, a não ser para dar um fio na tezoura, ou untar-lhe as laminas com azeite. Para isto havia no tendal uma pedra de amolar, pertença do lavrador, e uma candeia com azeite, geralmente azeite de bôrras, improprio para a comida. Procedendo sem a observancia destes preceitos, fosse qual fosse o motivo porque o fizesse, incorria em multa. Resultavam ou podiam resultar graves inconvenientes de se deixar uma cabeça, por muito tempo, em meia tosquia, parte do corpo já sem a protecção da lã, a uma temperatura baixa, e a outra parte ainda coberta de lã, a uma temperatura mais elevada. E assim este preceito era, no final de contas, uma boa regra de higiene, disfarçada num formalismo que á primeira vista parece infantil.

A's vezes, acabada a faina diaria, se o maioral não podia levar as cabeças tosquiadas a juntarem-se ao rebanho, era qualquer servo da casa encarregado de o fazer, e muito instantemente lhe

era recomendado que não deixasse chegar o gado á agua, se tinha de passar onde ele pudesse beber. Sempre ouvi dizer ao comprade João Catarino :

— Aos animais tosquiados faz mal a agua por fóra e por dentro. Se lhes chove em cima, assim que largam o velo, morrem; se bebem, ainda quentes da tezoura, morrem da mesma maneira, ou mais ainda. Vão lá saber porque é isto?

A' hora de largar o trabalho, sol posto, o que dava a ultima tezourada era obrigado a dizer, ainda com os pés em cima da lã cortada: — *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Um padre-nosso e uma Avé-Maria pelas almas, quem souber e quizer.* Não o fazendo, pagava multa.

Todos se descarapuçavam e todos resavam, e eu fazia como eles, convencido de que a minha resa contribuiria para fazer sair algumas almas do Inferno para a Purgatorio e do Purgatorio para a Bemaventurança.

A' hora das refeições, todos lavavam as mãos, havendo para uso de todos uma grande bacia de arame e uma toalha de estopa, que alguns dispensavam, limpando-se ao lenço. O Mestre tinha que ser o primeiro; se algum apressado metia as mãos na bacia, antes dele, pagava multa.

E, afinal, para que era o dinheiro da multa?

Era para festejar Santa Bebianga, no dia da adiafa. O vinho, então, era barato; uma canada custava um pataco. O lavrador sempre mandava

destribuir uma ração de vinho; o produto das multas sempre dava para um meio almude, e assim a faina acabava por uma festa bachica, em que todos ficavam alegres e raros se embebedavam.

Tambem eu pagava multas, umas vezes a dinheiro outras vezes em generos; nos dias de cosida pagava-as em pão mole e quente, acabado de sair do forno, besuntado de manteiga, um grande bocado a cada homem.

Mesmo o bom tosquiador, o que era perfeito na sua Arte, deixava algumas vezes resvalar a tesoura da lã para a pele do animal, ferindo-o sem gravidade. O curativo fazia-se com uma cortiça queimada, que se passava na ferida, molhada em azeite, até se fazer negra a superficie sangrenta.

*

Na antiguidade biblica a tosquia não era um facto banal da vida agricola, pelo menos, no respeitante aos lavradores que possuiam milhares de cabeças de toda a especie de gado, sobretudo gado ovelhum, como se diz no Alemtejo.

Os rebanhos de Labão, que talvez não ficasse na Historia Sagrada sem a paixoneca de Jacob por sua filha Rachel, não deviam ser uma coisa por ahi além, visto elle entregar a sua guarda a uma fragil rapariga. N'aquelle tempo, e por aquelles logares santos, os ursós e os leões ata-

cavam frequentemente os rebanhos, que precisariam, para serem bem defendidos, estar sob a guarda e vigilancia de pastores como David, o qual, sem ter a corpulencia de Hercules, tinha força bastante para luctar com as féras, agarrando-as pelas queixadas e rasgando-as de cima a baixo, realisando uma façanha igual, em merecimento, á d'aquelle homem que atacado, de noite, por um lobo, quando atravessava uma charneca, lhe meteu a mão pela boca e, conseguindo alcançar-lhe o rabo, o virou do avêsso.

Nabal, que habitava no deserto de Maon, e possuia terras no Carmello, tinha a bagatella de tres mil ovelhas e mil cabras, não constando do Livro dos Reis o numero de seus camellos, bois e jumentos.

Mésa, rei de Moab, pagava ao rei de Israel qualquer coisa como cem mil cordeiros e cem mil carneiros de velo, o que bem mostra ser elle possuidor d'uma tão grande massa de gados que faz pensar nos exageros dos contos orientaes, colecionados nas *Mil e uma noites*. Imprudentemente este sr. Mesa foi desleal para com o rei de Israel, de que resultou este declarar lhe guerra, associado a dois reis visinhos, arrasando as suas cidades fortificadas, talando os seus campos ferteis, entupindo as suas fontes e cortando pelo pé todas as suas arvores fructiferas.

Job, varão sincero e recto, no dizer biblico, natural de Hus, começou a sua vida possuindo sete

mil ovelhas, tres mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentos jumentos. Para experimentar a constancia da sua fé, em que Satanaz não acreditava, Deus fez com que elle perdesse quanto possuia — os seus bois, os seus jumentos, as suas ovelhas, os seus camelos, sendo-lhe annunciado, ainda por cima, que lhe tinham morrido os filhos sob os escombros de uma casa em que se banqueteavam, e que por artes diabolicas se incendiou.

O que fez, o que disse Job ferido por taes e tantas calamidades?

Vem na Biblia:

Nu sahi do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá: o Senhor o deu o Senhor o tirou: como foi do agrado do Senhor, assim sucedeu: bemdito seja o nome do Senhor.

Não se deu por vencido Satanás, e teve o Senhor a condescendencia de permitir que fosse submetido a prova ainda mais dura o seu fiel adorador. Resignara se á perda total dos seus bens; não se resignaria, afirmava o Diabo, á perda da sua vida, tendo passado antes de a perder, por dolorosos, incomportaveis sofrimentos... D'um momento para outro Job apareceu chaguento, pôdre da planta do pé até ao alto da cabeça, sentado n'uma estrumeira, a rapar com um bocado de telha as suas podridões.

O que fez, o que disse Job assim ferido com tanta injustiça e deshumanidade?

Vem na Biblia:

— *E sua mulher lhe disse: Ainda tu perseveras em tua simplicidade? Louva a Deus e morre.*

— *Job lhe respondeu: Falastes como uma das mulheres tolas: se nós temos recebido os bens das mãos de Deus; porque não receberemos tambem os males?*

Certo é que Job, perdida a fortuna e a saude, de rico tornado mizeravel, de vigoroso tornado invalido, e para mais sendo repugnante o seu aspecto a ponto de nem sequer olharem para elle as pessoas compadecidas, nem por instantes, esmoreceu nas suas crenças, temente e fiel a Deus, de quem não procurava, na sua humildade de servo, prescrutar os altos designios. E porque saira triumphante de provas tão duras, o Senhor olhou para ele mizericordiosamente, curou-o das suas feridas e restituiu-lhe duplicada a sua fortuna, que ficou sendo, em gados, de quatorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentos.

Quem ha ahi, no País, que possua coisa parecida ccm esta massa pecuaria, a não ser o Estado, que alimenta nos seus estabulos, chamados Repartições Publicas, mais de metade da jumen-

taria nacional, com numerosos camelos á mistura ?...

Nas festas da trasladação da Arca, tendo dentro as taboas da Lei, que por tal signal eram de pedra, imolaram-se vinte e dois mil carneiros, e nem por isso ficou sensivelmente diminuida a fortuna do magnifico rei Salomão, mais digno d'este cognome que o nosso erotico D. João V. Nada menos de quarenta mil cavalos teve Salomão nas suas cavalariças, e o numero de coches que havia para seu uso e serviço era de doze mil.

Semelhantes, na pompa, sobretudo na comesaina, a estas festas da trasladação, foram as festas da Paschoa, em Jerusalem, mandadas celebrar por Josias que entrou a reinar tinha oito anos. Este Monarca, que foi, em todo o Israel, o mais terrivel inimigo dos infieis, caprichou em celebrar uma Paschoa que ficasse memoravel na Historia do seu povo, e como se quizesse vincal-a mais nos estomagos que nos espiritos offereceu trinta e tres mil bois, além de milhares sem conto de ovelhas e cabritos, para se banquetear o povo durante sete dias.

Porque a riqueza de cada um, na antiguidade biblica, era representada mais pelos gados do que pelas terras, a pastoricia valendo mais do que a agricultura, não admira que o rei David, por exemplo, tivesse varios intendentes de pecuaria — o dos bois, o dos camelos, o dos jumentos, o das

ovelhas, havendo tambem o das terras, vinhas e adegas.

Mas tudo isto veio a proposito da tosquia, que não era, nos remotos tempos em que Deus e Satanaz brigavam á mão armada, como supremas Divindades que se excluem, um facto banal da vida agricola, o que de certo modo torna menos estranha a sua complicada liturgia nos anos da minha saudosa meninice.

Se assim não fôsse, como se explicaria esta passagem da Biblia, no Livro dos reis:

Como pois David tivesse sabido no deserto que Nabal fazia a tosquia do seu rebanho

Enviou lá dez mancebos, e disse-lhes: Subi ao Carmello e ide a casa de Nabal e saudae o da minha parte cortezmente.

Se a tosquia fosse um sucesso banal da vida agricola, como se explicaria esta outra passagem da Biblia, no citado Livro dos Reis:

Dois anos depois aconteceu tosquiarem-se as ovelhas de Absalão no Baalhasor, que é ao pé de Efraim e Absalão convidou a todos os filhos do rei, e foi ter com o rei e lhe disse: Dou-te parte que se tosquiam as ovelhas do teu servo: rogo pois que venha o rei com seus principes a casa do seu servo.

O rei escusou-se, alegando que não queria ser pesado ao seu vassalo.

Mas este insistiu de tal maneira que S. M. lhe prometeu que iriam os principes assistir á sua festa, celebrando a tosquia. Na verdade os principes foram — *e Absalão tinha preparado um banquete como um banquete real*.

Quer o leitor saber, por mera curiosidade, como acabou este banquete de principes, que para mais eram irmãos?

Pois acabou sendo morto um dos principes, de nome Amnon, e quem o matou, já tomado de bebida, foram os creados de Absalão, que d'elle tinham recebido, para o fazerem, ordens expressas e terminantes.

Rasão d'este fratricidio?

Amnon seduzira sua irmã Thamar, que era muita bonita, e depois de a ter deshonrado, expulsára-a, como se fosse uma escrava. Acolheu-se a menina a casa de Absalão, que sobre o caso guardou segredo, mas tomado de entranhado odio contra Amnon, jurou matal-o na primeira oportunidade. E a tosquia das suas ovelhas, dois anos volvidos, favoreceu-lhe a oportunidade desejada.

Só por astucias diplomaticas de Abigail, mulher de Nabal, é que não houve uma guerra de exterminio entre este orgulhoso lavrador e o poderoso rei David, escandalisado este com o

grosseiro e desdenhoso acolhimento que aquelle fizera aos seus mensageiros.

Quem é David? e quem é o filho de Isai?... Pegarei eu portanto no meu pão e na minha agua, e na carne das rezes, que matei para os que tosquiam as minhas ovelhas, e dal-as hei a uns homens que eu não sei donde são?

Informado do que dissera Nabal, o rei David mandou armar a sua gente, armou-se elle proprio, cingindo a espada, e ahi vai a destemida phalange em direção ao Carmelo, disposto o filho de Isai a não deixar viva coisa que fosse de Nabal — *ainda a um dos que urinam á parede.*

Sucedeu, porém, que um creado de Nabal, prevendo a tempestade que se armava por sobre a cabeça do seu amo, informou a patrôa do sucedido, acrescentando que o rei David, á frente de quatrocentos guerreiros, marchava para ali.

Vai então a senhora Abigail, sem nada dizer ao marido, arranja um farnel de duzentos pães, dois odres de vinho, cinco carneiros cozidos, cinco alqueires de farinha, cem penduras de passas d'uvas, duzentas pastas de figo sêco, e pondo tudo em cima d'um jumento abalou, toc toc, ao encontro de David. Teve artes de o enternecer, de lhe desarmar a colera de que estava possuido, afrontado pela grosseria de Nabal, levada até ao

ponto de fingir não saber quem era o filho de Isai. — *Vae-te em paz para tua casa; bem vês que fiz o que me pediste e que honrei a tua presença.*

Quando a senhora Abigail chegou a casa, estava o marido em festança rija, a cair de bebedo, incapaz de fazer outra coisa que não fosse beber e vomitar. No dia seguinte contou-lhe o que se passara, e ou fosse do medo ou fosse da bebedeira, caiu elle doente na cama, e ao fim de poucos dias estava viuva a senhora Abigail, que David, muito temente a Deus e muito amigo das mulheres, mandou pedir em casamento.

Sucessos bem diversos tiveram logar depois que Absalão, n'uma festa da tosquia, fez assassinar seu irmão Ammon, vingando a deshonra e o abandono de sua irmã Thamar. Não era boa firma, este Absalão, aliás moço gentil como outro não havia em Israel — *da planta do pé até á cabeça, não havia n'elle defeito algum.* Meteu-se-lhe em cabeça desthronar o pai, e contra elle tomou as armas, resolvido a conquistar o throno, a que se julgava com mais direito que outro qualquer dos filhos de David, morto Ammon, que era o primogenito. Sucedeu-lhe este episodio burlesco, que teve um desfecho tragico: — Indo a passar, de cavallo, por baixo d'uma arvore, ficou preso pelo gasnete, safando-se a montada, e d'ahi a pouco Joab, a quem David, fizera comandante d'um terço das suas tropas, reco-

mendando-lhe que poupasse a vida de Absalão, chegava ao logar onde sabia que este se encontrava pendurado como n'um enforcamento, e meteu-lhe no peito tres lanças, nenhuma das quaes lhe atravessou o coração. Foram os escudeiros de Joab que o acabaram de matar, sendo o cadaver atirado para uma cova, no meio do bosque, pondo lhe em cima, ao uso do tempo, um monte de pedras. Apezar de tudo, David tinha em grande estimação o filho, e por isso, quando lhe disseram que elle fôra morto, cobrindo a cabeça, debulhado em pranto, gritava a sua dôr — *Quem me dera que eu morresse por ti, Absalão meu filho, filho meu Absalão.* E, comtudo, elle bem sabia quaes eram os propositos do seu filho, que se tornara seu vassalo rebelde, e não ignorava que elle, por conselhos de Aquitofel, *entrára ás concubinas de seu pai,* dando escandalo perante todo o povo de Israel. E' verdade que David, no capitulo mulheres, não tinha direito a mostrar-se em demasia severo, porquanto fôra sempre muito atreito aos pecados da carne, e para satisfazer os seus apetites de macho, não escrupulisava nos meios a empregar. D'uma vez, andando a passear no terraço do palacio real, depois de fazer a sesta, o rei David lobrigou uma mulher, muito formosa, que n'uma casa fronteira estava a lavar-se, nua como viera ao mundo.

Logo David a mandou chamar, e com ella se entreteve em praticas amorosas. Esta madama

chamava-se Bethsabé, e era casada com um tal senhor Urrás, ao tempo servindo sob as ordens do general em chefe, Joab, que sitiava Rabba. Pois David ordenou a Joab que expuzesse Urras aos maiores perigos, de modo a elle não escapar. Assim se fez, e assim sucedeu. Urras foi morto junto aos muros de Rabba, e a sua linda e já consolada viuva foi chamada a Palacio, tornando-se mulher de David, um erotico, vindo a ser mãe de Salomão, um fauno.

Moysés legislou sobre tudo; na sua vasta e complexa legislação, quer-me parecer, encontram-se os fundamentos de toda a Moral e de todo o Direito que na sucessão dos tempos, nos varios paizes, vieram a constituir Codigos. Já tenho pensado que a redação primitiva da Lei Salica, contendo preceitos de jurisdição civil e disposições de jurisdição criminal, foi devida a Moysés, o mais abalisado legislador de toda a antiguidade.

Pois bem; dizendo aos filhos de Israel, em nome de Deus, quaes as festas que ellas deviam celebrar, entre ellas não figura a tosquia, que aliás marca uma epoca certa e sempre a mesma no cyclo anual da vida agricola, e que deveria ter primacial importancia n'um tempo em que a fortuna de cada um era aferida pelo numero de animaes, limpos e imundos, de que era dono.

Porque não hão de os nossos lavradores, os que o são a valer, porque só da terra vivem, ce-

lebrar festas agricolas a festa das sementeiras, a festa das mondas, a festa da vindima, a festa da ceifa ou das eiras? Acabaram as festas de Igreja, e ainda se não adoptou qualquer cerimonia ritual que as substitua.

Gosto de entrar nos Templos... quando elles estão desertos, e só o receio de ofender crentes sinceros faz com que não assista, umas vezes por outras, a certas festas de Igreja; mas é em plena Natureza que me sinto religioso, d'uma religiosidade que não admite dogmas nem mysterios, uma especie de exaltação mystica que me despersonalisa, integrando-me, sem perda da consciencia, na vida universal.

São muito poeticos os templos; mas ha muito mais poesia nos campos — na ondulação rithmica das searas, ainda verdes mas quasi maduras; no rumor vago e cadenciado dos arvoredos espessos; na cantilena das fontes rusticas offerecendo aos pastores e aos viandantes, nos esbrazeados mezes do verão alemtejano, as suas aguas frescas e puras; na polychromia das florinhas silvestres, desde a papoula vermelha como o sangue arterial, até ao malmequer amarello, refulgente como o ouro novo.

*

Já morreram todos os tosquiadores do tempo em que eu era menino e moço, todos os que compunham a quadrilha que ia, todos os anos trabalhar ás Mezas, chefiada pelo Inacio do Cabo,

que mais tarde se concertou de feitor em minha casa; mas ainda hoje, quando vou ao Monte, eu vejo-os trabalhando no tendal, feito de braçados de lenha; umas cangalhas deitadas, fechando a porta; uma candeia de gancho suspensa dum prego de ferro, metido na parede; a pedra de amolar em cima dum grande tronco de azinheira, afeiçoado em cepo, e junto dela a indispensavel cortiça para a cirurgia de urgencia. Vejo-os todos, alguns no vago escurecer duma recordação que se apaga, e outros, os que tinha em maior estima, tão real e distintamente como se ali estivessem, eles homens feitos, com filhos mais velhos do que eu, alguns com netos da minha idade, e eu um petiscalho, quasi cheirando a coeiros.

Não tenho, quer-me parecer, o horror do que é novo; o que se poderia chamar o meu misoneismo, nada mais é do que a necessidade que tem o meu espirito de ir procurar no passado satisfações que não encontra no presente e nem sequer vislumbra no futuro.

Os sitios em que decorreu a minha infancia, são os que mais encantam os meus olhos, e as pessoas no convivio das quais entrou a formar-se a minha consciencia, mortas ha muito tempo, essas pessoas vivem na minha saudade, são os amigos certos da ocasião incerta, os que confiadamente procuro quando á minha volta rugem as tempestades da vida.

Se é um facto a transmigração das almas, a minha deve ter andado, no transcorrer de muitas gerações, metida no arcabouço de gente rustica, alma de ganhão ou de pastor, só agora trazida da tranquilidade paradisiaca dos campos para o tumulto infernal das cidades, anciosa de libertação para continuar a serie interrompida.

Ainda espero ser feliz .. depois de morto, na Terra ou no Céu, pouco me importa; mas para ser feliz na Terra é necessario que incarne por modo a fazer a vida para que a Natureza me dotou, e para ser feliz no Céu é necessario que lá encontre os meus queridos mortos, os que partindo antes de mim para a viagem eterna, me levaram bocados do coração!

As Janeiras

As Janeiras!

Se já restava pouco do madeiro do Natal, quando os ganhões chegavam do trabalho, arrumada a copa e a apeiragem, iam buscar um madeiro que meu pai tinha escolhido no monturo da lenha grossa, e colocavam-no na chaminé, arrumado á parede. Este frete era geralmente pago com um copo de vinho, e bem o mereciam os desgraçados, porque alombavam com um madeiro pesando umas poucas de arrobas. Cozia se sempre neste dia, e a ultima fornada de pão tirava-se já noite escura, ás vezes com a ganharia á mesa, para a ceia.

A cada janeireiro, homem ou mulher, dava se um pão; aos moços dava-se metade ou um quarto, conforme o seu tamanho, e ás vezes, já no clarear da madrugada, havia necessidade de reduzir a esmola, pois não chegava para tanta gente o pão cozido. Tal havia que apanhava duas, tres

ou quatro esmolas, incorporando-se em diferentes ranchos, e o mesmo rancho chegava a cantar duas vezes, mudando as vozes.

— São os mesmos que cantaram ha bocadinho.

Quem ia levar a esmola, geralmente uma creada, não se dispensava de dizer, mesmo que lhe não encomendassem o sermão:

— Vocemecês ainda não ha nada de tempo que aqui estiveram. Se cá voltarem, não levam esmola.

Que não, vocemecê está enganada, a gente chegou agora mesmo da villa, e ainda não cantamos em mais monte nenhum. Se quer ver o que trazemos...

Nenhum rancho denunciava outro rancho, embora nem todos fizessem a mesma coisa, a muitos repugnando uma tão descarada fraude, tanto mais que n'ella se envolvia Deus Nosso Pai, invocado a cada instante:

Lá vai uma, lá vão duas
Por cima do seu telhado.
Deus lhe dê muita fortuna
Ao pão que tiver semeado.

Se a noite estava escura, não se distinguiam as caras, e se havia um luar discreto, os homens escondiam a cabeça na manta, as mulheres no chaile ou na mantilha, e assim realizavam a mistificação. Quando o criado que distribuia as esmolas

avisava de que o pão, em menos de nada, estaria acabado, meu pai ordenava que dois ganhões dessem uma volta á roda do Monte, fiscalizando os ranchos, e era como se aparecessem guardas fiscais num campo onde manobrassem contrabandistas.

Lembro-me como se fosse hontem, e vão passadas umas poucas de duzias d'anos...

O compadre Cara-rôta, que era o abegão da casa, deixara-se ficar no Monte, para cantar as janeiras, e como aparecessem, já noite cerrada, os visinhos da Bispa, o compadre João Catharino, o primo Francisco Manuel, que era um grande tocador de viola, e o lavrador da Granja, que era um grande tocador... de garrafa, armou-se uma mesa de jogo, á pedida, perdendo-se, nominalmente, as melhores herdades do concelho.

A certa altura o maricas do Narciso, que andava no serviço das esmolas, declara que estavam cantando uns homens que já tinham cantado duas vezes, e como elle lhes dissesse que escusavam de cantar porque não apanhavam mais nada, elles ameaçaram-n'o de lhe bater, chegando um d'elles a atirar-lhe um sopapo, que por sorte o não apanhou.

— Estão bebedos, com certeza.

Disse meu pae ao compadre Cara-rôta:

— Tenha paciencia, compadre, dê uma voltinha lá por fóra, a ver o que ha.

O compadre Cara-rôta saíu, levando na mão

um fueiro, e quando chegou á porta do Monte ainda os homens cantavam. Eram quatro, um já entrado em anos.

— Por os modos vocês tomaram as janeiras d'empreitada, hein ?

Os homens ouviram, mas não fizeram caso, e continuaram a cantar.

O compadre Cara-rôta foi-se aproximando, e como vissem que elle não estava com as mãos abanando, calcularam que podia armar-se sarilho se continuassem a cantar, e que, em todo o caso, mais esmola não apanhavam. Um d'elles, o mais pimpão, desenrolando-se da manta, e pondo ao hombro o bordão, disse para os companheiros:

— O melhor é a gente ir-se embora. A esmola que nos haviam dar, que a metam...

Já fóra da calçada do Monte, virando-se para traz, disse ao compadre Cara-rôta, desafiando-o com insolencia:

— O amigo não canta, mas pode ser que tenha as guelas secas. Se as quizer molhar, venha com a gente até ali á estrada, que ninguem lhe faz mal.

— Vão lá andando que eu já os apanho.

Entrou na casa dos ganhões, trocou o fueiro pelo cacete mais forte que lá encontrou, e ainda os janeireiros não tinham chegado á estrada, já elle lhes falava d'esta sorte:

— Qual de vocês é que tem a borracha ?

— Somos nós todos — respondeu o que o desafiara.

Palavras não eram ditas, cae-lhe na cabeça uma bordoada que o fez ir a terra. Entraram todos na refrega, está bem de ver, mas o compadre Cara-rôta, agil como um palhaço, não se deixava tocar, e das cacetadas que despedia nenhuma caía no chão. Durou a lucta poucos minutos, saindo d'ella um dos janeireiros com a cabeça rachada, outro com um braço partido, e os outros muito bem zurzidos, mas sem nada quebrado.

— Então os homens, compadre Francisco?

— Fui-lhes levar a esmola ali á estrada, e lá se foram na paz do Senhor.

Era uma figura original, o compadre Cara-rôta, meu compadre de verdade, compadre d'aguas bentas. Ninguem era mais desembaraçado do que elle no seu oficio—nem mais desembaraçado nem mais perfeito. Por este motivo tinha uma grande freguezia, chamado para todos os Montes, e na Vila, trabalhando em sua casa ou na casa dos outros, nunca se lhe acabava que fazer.

Era alto, desempenado, forte como as armas, multiplicando a força pela agilidade, d'uma rara agilidade, o que lhe permitia brincar n'uma praça, com os touros, que eram quasi sempre vacas, por forma a enthusiasmar a familia. Tourada em que elle trabalhasse e o Esbandalha, era tourada de sucesso — como quando trabalhavam em Lis-

boa, na Praça de Sant'Anna, os manos Robertos. As vacas eram corridas desembοladas, e bandarilhas não se usavam no toureio da Provincia.

A sorte mestra, aquella em que o compadre Cara-rôta era eximio, na opinião de muitos inexcedivel, era a do emplastro, que consistia em pegar á testa da rez, com mel, um quarto de papel, como se fosse um escripto n'um vidro. Corria como um gamo, e dava saltos como um gymnasta de circo. Gostava da pandega, mas não era homem de bebedeiras, sempre lembrado de que tinha lá em casa uma filharada de que era o amparo e sustento. A sua grande paixão, dominante, avassaladora, era a caça.

Dizia meu pai:

— Homem invicionado na caça como o compadre Cara-rôta, não quero que haja outro.

Era muito rara a tarde em que elle não largava cêdo o trabalho para ir matar um coelho, á espera, e pelo dia adiante, se ouvia tiros no Cabeço ou via passarem os caçadores, não se importava mais com o que estava fazendo; metia as ferramentas na alcôfa, e ás escondidas, se podia ser, tirava de casa a espingarda, o polvarinho, a patrona, e pernas para que vos quero, até se meter na linha.

— Ora compadre Francisco, tudo o que é de mais não presta. Então vocemecê vê que tenho ahi uma parelha á bôa vida, e abala p'ra caça deixando o trabalho em meio?...

— Não se apoquente o sr. compadre que tudo se hade fazer a tempo e horas.

E fazia. Um bocadinho de serão, um bocadinho de madrugada e o compadre Cara-rôta tinha o serviço feito como se tivesse trabalhado sem descontinuidade.

Quer fosse ás perdizes, no ar, quer fosse ás lebres, na terra limpa, quer fosse aos coelhos, na charneca, poucos se explicavam como elle — peça visada era peça morta. Gostava muito de caçar nas pontas, e ordinariamente, em jolda, as pontas eram feitas pelos melhores atiradores, sempre um bocadinho adiantadas, quasi á espera da caça que se safava.

D'uma vez, caçando na Daroeira, ia elle n'uma ponta e eu na sobreponta respectiva, pouco distante da orla do mato. Um mitra, empurrado pela linha, sae do mato, surrateiramente, enfia para a terra limpa, correndo como um danado. O compadre Cara-rôta desfecha-lhe um tiro, e o coelho, se muito corria, muito mais passou a correr, mudando de rumo, enfiando por uma vereda, que marginava o mato. Lobrigo o figurão lá muito longe, e largo-lhe um tiro, sem grande confiança em que o chumbo lá chegasse. Ouviu-se o tiro, e viu-se o coelho, ao mesmo tempo, enrolar as patinhas, morto no meio da vereda. Fui buscar o coelho, muito satisfeito, tanto mais que d'estas me aconteciam poucas.

— Bem feita, sr. compadre!... Se eu tivesse vergonha não tornava a pegar n'uma espingarda.

Estava eu a empiolar o mitra quando o compadre Cara-rôta, como se lhe desse uma veneta, avança para mim, e diz com o ar de quem procura responder a uma interrogação interior, ao mesmo tempo dolorosa e vexatoria:

— O' sr. compadre, faça favor, deixe-me ver uma coisa...

Pegou no coelho, mirou-o, tornou a miral-o, apalpando-o muito bem apalpado, quasi polegada por polegada, e com elle suspenso pelas orelhas, a espingarda encostada a uma carrasqueira, disse-me pausadamente, como se estivesse a desenvolver um raciocinio complicado:

— O sr. compadre atirou ao coelho um pouco de rabo, mas do lado esquerdo; eu atirei-lhe d'atravessado, pelo lado direito, ia elle correndo, fóra do mato, n'esta direcção... Só um podão que nunca tivesse pegado n'uma arma, erraria n'um caso d'estes. A verdade é que elle não ficou no meu tiro; meteu-se na vereda, e só quando o sr. compadre desfechou com elle, é que enrolou a copa e nunca mais se mexeu. Mas faça o sr. compadre favor de ver — o coelho não tem um bago de chumbo do seu lado, e do meu lado tem uns poucos.

Era verdade. O coelho fôra morto pelo compadre Cara-rôta, e perante a evidencia irrecusavel

eu dei signais de magua, embora não desabafasse em lamentações.

— Isto, na caça, sucedem coisas que só vendo se acreditam. D'uma vez, n'aquellas chapadas do Monte Grande que vão bater em Valle de Leitão, os cães ergueram uma lebre, muito adiante da linha de caçadores. Corria que parecia que tinha azas nas patas, o bicho do diabo. Cada vez os cães lhe ficavam mais para traz, e quando ia chegando ao fim da ladeira, o João da Barôa larga-lhe um tiro, e a lebre fica estendida como uma pescada. O primeiro cão que lhe chegou ao pé foi um podengo, atravessado de galgo, que tinha o Antonio Joaquim, do correio, e que era um barra para trazer á mão.

— Foi um bago de chumbo desgarrado, que, lhe deu n'um sitio mortal.

«Passou-se vistoria ao bicho, e qual chumbo nem qual carapuça.

— Tinha morrido de susto?

— Não, senhor; tinha morrido de esfalfamento, com os bofes arrebentados.

A ultima vez que vi o compadre Cara-rôta já elle deitara os oitenta para traz das costas, mas andava com desembaraço, aprumado como um rapaz. Recordei, mentalmente, os afastados tempos em que elle ia trabalhar ás Mezas, ainda novo e eu creança, e pareceu-me vêl-o de machado nas unhas, falquejando á esquina do Monte, lar-

gando tudo, a inchó ou o machado, se ouvia tiros no Cabeço.

Era muito alegre, muito folgasão sempre de bom humor, como se a vida lhe corresse em todos os momentos facil e vantajosa.

Não era desordeiro, mas gostava de dar a sua castanha quando se lhe oferecia a ocasião.

D'uma vez, logo no dia seguinte á feira de Santo Antonio, appareceu no Monte um maltez, homem forte, de meia idade, surdo-mudo de nascença. Para estes desgraçados a esmola era sempre mais avultada, por expressa ordem de minha mãe. Dava-se-lhes umas sôpas, se as pediam, e levavam sempre um pão e conduto, geralmente um queijinho ou azeitonas.

— E' uma grande infelicidade não ver, mas não ouvir nem falar é infelicidade ainda maior.

Quando a creada dava a esmola ao pobresinho, o compadre Cara-rôta apareceu, em mangas de camisa, porque era assim que elle, mesmo no inverno, trabalhava no oficio. Viu o maltez, estacou, e como elle se dispuzesse, recebida a esmola, a ir-se embora, desfechou-lhe esta pergunta:

— Ha quanto tempo é que você é mudo?

O homem não se deu por achado, e a creada, rindo, comenta a pergunta.

— O sr. Francisco sempre tem cada uma! Se o homem ouvisse, e fosse capaz de responder, não era surdo-mudo...

O compadre Cara-rôta, não se importando com as filosofias da môça, repetiu a pergunta:

— Ha quanto tempo é que você é mudo?

Ouvindo altercação á porta do Monte, acudiu minha mãe, a inquirir do que se passava.

— Não é nada, senhora comadre. Este desgraçado perdeu a fala, e eu vou-lha restituir com uma untura de marmelo no lombo.

Palavras não eram ditas, deita a mão a uma vara que estava ali perto, menos grossa que um bordão, e vá de zurzir o maltez, como se batesse em centeio verde. Minha mãe, espavorida, queria acudir ao infeliz, mas o compadre Cara-rôta, não atendia os seus rogos, e o maltez levava e encolhia-se, queixando-se por gestos e por guinchos.

— Ah elle é isso! Não queres falar?... Espera que eu já te arranjo.

Sacou da algibeira uma navalha, que abriu dando tres estalinhos, e como fizesse aceno de avançar para o homem, disposto a cravar-lha no fole das migas, o maltez caiu de joelhos, a pedir mizericordia.

— Não me mate, pelo amor de Deus, que eu não fiz mal a ninguem.

— Ora esta! — dizia minha mãe, mal acreditando no que ouvia. Quem havia de dizer...

— Dizia eu, senhora comadre, porque ainda hontem á noite vi este pardal n'uma barraca da feira, muito bebado, ameaçando toda a gente, e

desenrolando um palavreado que até envergonhava as pessoas.

*

Nos maus anos cerealiferos, todos os que eram capazes de perder uma noite, homens e mulheres, em romaria pelos Montes, saiam a cantar as janeiras, fazendo-se acompanhar dos moços pequenos, os que os tinham, para maior colheita.

Ou porque chovesse muito e as terras se encharcassem, afogando as sementes, ou porque chovesse pouco e as sementes murchassem, apenas salpicando a terra de manchas verdes punctiformes, quando o ano agricola se mostrava assim, nada prometedor, dizia meu pae, nas vesperas do Ano Bom: — Temos ano de Janeiras, a não ser que chova a cantaros.

Mesmo chovendo, e ás vezes com um frio de bater o queixo, nos anos que se anunciavam maus, o gado a morrer de fome, a familia sem trabalho, porque nem sequer havia herva nas searas, tornando necessaria a monda, em anos tais a concorrencia de janeireiros era enorme, sobretudo não havendo barrancos a passar, que fossem cheios.

Os criados eram os primeiros a cantar as janeiras, á porta do Monte, e para elles a esmola era especial — pão alvo, chouriço para assar no espeto ou carne para uma friginada e vinho n'uma garrafa ou n'uma borracha, segundo o numero.

Era quasi certo que debutavam por esta cantiga :

Esta casa está caiada
Do telhado até ao chão ;
Os senhores que nela moram
Deus lhes dê a salvação.

Tambem nós, eu e meus irmãos, cantavamos as janeiras, e minha mãe mandava-nos dar a esmola pelo postigo, como aos outros janeireiros, o que muito nos lisongeava. Consistia a esmola em guloseimas, já divididas em porções, para evitar luctas fratricidas.

A gente de Messejana era a que chegava mais cedo, em ranchos, os homens enrolados nas suas mantas, as mulheres nas suas mantilhas, havendo geralmente em cada rancho uma cantadeira de fama, a Sofia, que era a mais pimpona de todas, a Barbara Bonita, que por signal era muito feia, mas trinava como um rouxinol... que apitasse como os comboios.

A Sofia, que era poetisa a valer, repentista como o Bocage, não garganteava as habituais quadrinhas, duma tão charra banalidade, a maior parte, que dificilmente se encontraria na grosseira urdidura de qualquer delas uma scentelha de inspiração. Improvisava á porta dos Montes, de modo que cantava só, e isso fazia com que a esmola do seu rancho fosse mais avultada. No despique ninguem lhe ganhava, a cantar uma noite

inteira, nos arraiais, ás vezes tendo de bater-se ao mesmo tempo com dois e três cantadores de reputação concelhia, mestres na desgarrada.

Tenho pena de não ter escrito algumas das quadras e decimas que a Sofia arquitectava sobre mote, dizendo-as sem hesitação, como se as tirasse da memória. Instruida e educada, a Sofia de Messejana estou que marcaria na literatura feminina do nosso País um logar de relêvo e distinção.

A Musa popular alemtejana é pouco imaginosa; falta lhe geralmente elevação de pensamento ; falta-lhe elegancia na expressão ; falta-lhe correcção na forma. A inspirar os janeireiros, pelo menos os que iam cantar ás Mezas, nunca entalhava na musica arrastada dos seus cantares uma quadrinha que tivesse o recorte simples mas elegante do junquilho, a fragrancia quasi dôce do mantrasto, a leveza pouco menos de imponderavel da papoula. E' ver por estas amostras:

O' senhor lavrador
Vestido de saragoça;
Mande-me dar a esmola
Pela sua filha mais moça.

Quando eu aqui cheguei
Dei um tope n'um cortiço;
Logo o coração me disse
Que me dariam um chouriço.

Venho-lhe dar os bons anos
Que as boas festas não pude;
Venho a fim de saber
Novas da sua saude.

O sr. Manuel de Brito
Cordão de ouro no chapeu;
Quando vai para a Igreja
Parece um anjo do céo.

Era pequeno o rol das cantigas janeireiras, de modo que o rancho que chegava, ás vezes sem lhe alterar a ordem, repetia as do rancho que imediatamente o antecedera. Esta monotonia só era quebrada pela variedade das vozes, cada rancho formando um côro desafinado, em que seria dificil, senão impossivel, uma classificação.

Se o frio era dos que enregelam, chegava-nos á chaminé, onde havia um lume que enchia de calor a casa toda, a tremura das cantadeiras, mal enroupadas, parecendo que o seu delgado fio de voz coalharia no ar, se não se calassem depressa.

Acudia minha mãe:

— Vão levar a esmola, e digam que não cantem mais.

Obtinha sempre um grande sucesso o rancho que cantava os tres do oriente — os tres desorientes—diziam os janeireiros, lenga-lenga que eu

sabia de cór, e que se me varreu, quasi por completo, da memória.

Principiava assim:

Quem são os tres cavaleiros
Que fazem sombra no mar?
São os tres desorientes
Que a Jesus veem buscar.
Não procuram por pousada
Nem onde a irão achar;
Procuram o Deus menino
Que nasceu para nos salvar.
Foram-no achar em Roma
Revestido no altar;
Missa nova quer dizer,
Missa nova quer cantar,
S. Pedro ajuda á missa,
S. João muda o missal.

O tio Rosa explicava que os tres cavaleiros eram os tres reis do Oriente, uma terra lá para os fins do mundo, os quais tendo noticia de que nascera Jesus, se puzeram a caminho, para o adorarem. Como eram muito grandes, e montavam cavalos do tamanho de torres, faziam sombra no mar. Chegados á arramada onde Nossa Senhora dera á luz, aí souberam que o menino fôra levado para Roma, porque Herodes era um grande malvado, e tinha dado ordens para o matarem. S. Pedro e S João acompanhavam Je-

sus, e uma vez chegados a Roma perguntou-lhes o Papa o que desejavam. Vai então Jesus respondeu que desejava dizer missa na Igreja matriz, ao que o Papa anuiu, e como o sacristão tinha ido fazer um recado, S. Pedro e S. João ajudaram ao oficicio divino. Veiu Herodes a saber onde Jesus estava, e mandou lá busca-lo, entregando o aos judeus, que o levaram á presença de Pilatos, pedindo a sua morte. Pilatos disse-lhes que não havia motivo nem razão para semelhante feito, mas que se o quizessem matar, o matassem, que ele lavava daí as suas mãos. Foi o Senhor pregado numa cruz, entre dois ladrões, e ressuscitou ao terceiro dia depois da morte, para nos remir e salvar.

Sucesso ainda maior alcançava o rancho que cantava a chamada oração das almas, lamuria funebre que era entoada muito lentamente, nenhuma voz excedendo o registo medio, e no côro predominando o baixo profundo, dando a impressão de vir a cantoria do interior dos sepulturas, a coar-se por entre tumulos.

Só me recordo do começo desta oração:

Acordai, ó acordai,
Desse somno tão profundo;
Que vos estão batendo á porta
As almas do outro mundo.

Esta oração era sempre ouvida em religioso

silencio, e dizia meu pai que uns homens de Ervidel a cantavam tão bem e com tanto sentimento, que não era facil ouvi-los sem chorar.

As Janeiras!

Até á meia noite ainda estava tudo a pé, no Monte, para ouvir os janeireiros, contrariando o velho habito, raramente interrompido, de ir tudo para a socega, mal engulida a ceia, e engulia-se a ceia ao acender as luzes. Meu pai, em algum dos filhos cabeceando, ordenava-lhe que se fosse deitar — na cama é que se dorme — o que punha logo o dorminhoco gazil como um furão.

De quando em quando vinha uma roda de café, um copinho de aguardente, um calice de vinho abafado, para espertar, sendo estas bebidas acompanhadas de alguma trincadeira — bôlos feitos naquele dia, nozes e figos comprados na feira de Castro, bolotas que tinham avelado numa alcôfa, ao canto da chaminé, escolhidas umas no Poço Seco pelo compadre Rabino, escolhidas outras no Sabugueiro pelo compadre Bugado.

Amos e creados, destes os mais antigos na casa, os compadres, os afilhados, fraternisavam naquelas noites de festa; emparceiravam no jogo; comiam do mesmo prato; quasi bebiam pelo mesmo copo; fumavam da mesma onça de tabaco. E não havia uma desatenção, uma falta de respeito, todos juntos e cada um no seu logar, a mesma alegria ingenua e franca iluminando to-

dos os olhares, a mesma paz interior reflectindo-se em todas as palavras e gestos.

Ficavam sempre dois creados de vela, até pela manhã, para darem as esmolas, e eu ficava com elles, rebelde ao somno, como se fosse atacado de espertina. Por minha conta e risco — o risco era nenhum — cortava-se um chouriço já curado, e toca de o assar no espeto. Abria-se um pão alvo, pelo rebordo, e o pingo do chouriço ia embebendo o miolo, dando-lhe um gosto muito apreciavel Minha mãe, num descuido propositado, deixava algumas garrafas de vinho no armario aberto, e eu nenhuma hesitação tinha em ir buscar uma ou duas para que o pão e o chouriço não arranhassem as guelas dos meus convivas. Ia chamar alguns creados de quem era mais amigo, e durava o brodio emquanto havia de comer.

— A minha mãe é capaz de me ralhar...

— Ora! O sr. compadre diz que foram os ratos que beberam o vinho emquanto a gente estava a escutar os janeireiros...

Os dias que medeiam entre as Janeiras e os Reis passava-os eu n'um alvoroto, que me valia alguns puxões de orelhas, pois nada ouvia do que me diziam, e nada fazia do que me mandavam fazer.

Nunca obtive licença para ir cantar as Janeiras ou os Reis á Bispa ou ás Refroias, Montes proximos e de gente amiga, nem mesmo ofere-

cendo se o compadre Rosa, para ir na minha companhia, garantindo que muito antes da meia noite estariamos de volta.

— Fiquem os senhores compadres descansados que não ha de haver novidade.

Morro com este desgosto, dos maiores da minha vida.... de menino!

As Janeiras! Os Reis!

Poucos, muito poucos são os Montes em que ainda hoje se dá esmola aos janeireiros, e por isso mesmo, além de varias rasões doutra ordem, são cada vez menos os janeireiros que passam uma noite de Monte em Monte, cantando aquelas tradicionais quadrinhas que o leitor já conhece, e outras de igual valor poetico, que se me varreram da memoria.

Os tempos andam tão mudados do que foram! Eu sinto-me tão diferente do que fui!

Estou a evocar estas recordações numa noite de janeiras, de vento fustigante e frio alpino, e precisamente quando suspendo a pena e fecho os olhos para que seja mais perfeita a evocação, a Otilia, minha sobrinhita, grita-me da porta do quarto, aos saltinhos, como uma rola na eira: — Tio! O chá está na mesa.

O chá, que naquelas eras, entre rurais pobres e abastados, só era tomado como remedio, para suar, e era de flores de sabugueiro!

O tio Zé Côxo

Fartei-me de procurar o tio Zé Coxo, sem o encontrar, porque ele tinha ido levar a Junjeiros uma encomenda de colheres. Era o seu mister — fazer colheres.

Apareceu um dia, no Monte, por voltas do sol posto, e pediu agasalho. A creada foi dizer que era um aleijadinho, leso duma perna e dum braço. — Que fosse para a arramada; á noite lá iria a ceia.

O agasalho da arramada só era dado aos pobresinhos de bom aspecto, aos que se presumia terem sido honrados trabalhadores, gente que desde a mais tenra idade trabucara por conta de outrem, vencendo um salario-miseria, e chegara ao fim da sua longa jornada, perdida a saude e o vigor, sem um tecto que a abrigasse, sem um farrapo que a cobrisse, sem o pãosinho garantido, só o pãozinho seco, sem condutos, para a sua alimentação diaria. Os profissionais da esmola, os que, na

frase do poeta, nunca tinham curvado o dorso ao jugo duma enxada, vadios e ladrões, produtos da miseria e da crapula, esses agasalhavam-se na casa dos maltezes, a Casinha, como se lhe chamava, dormindo sobre a palha ou sobre a lenha, ageitando os farrapos, no inverno, de modo a cobrirem o mais possivel a pele, o calor dum lumareu abundante servindo a todos de manta. Era uma promiscuidade repulsante, homens e mulheres, velhos e crianças, tudo para ali estendido, de restolhada, instintivamente colando-se uns aos outros para melhor resistirem ao frio, conservando o proprio calor.

Havia scenas escandalosas, quando sucedia apagar-se o lume, ficando aquele estranho dormitorio mergulhado na escuridão. Verificava-se algumas vezes, nos primeiros bocejos do acordar, que tinham desaparecido um homem e uma mulher, uma rapariga ou uma matrona que abandonava o pai ou o amante para ir correr mundo com um maltez que ela não sabia quem era, porque nunca o vira mais gordo, mas que a encantara, no serão, com a narrativa das suas aventuras, vagabundeando por Meca e Olivais de Santarem, ou a seduzira com a sua esbelteza de animal bravio, prometendo ampla satisfação aos seus apetites de femea. Raramente havia desordens, mas frequentemente havia roubos naquela montureira humana, sociedade colaticia que se formava ao sol posto e se desfazia ao nascer do sol, tão

gregaria e tão efemera que dir-se-hia uma ilhota de imundicies da via publica, suspensa por instantes na regueira mais proxima, para logo desaparecer na imediata sargeta.

Pois chegou o tio Zé Côxo ao Monte a bôas horas de pedir agasalho, e como fosse leso dum braço e duma perna, como fosse limpa a sua fatiota de pobre, — jaleca de peles, colete de saragoça, calção de tripe — foi-lhe dado agasalho na arramada, a ele e ao burro, que o animal, não ficando sob as suas vistas, podia facilmente mudar de dono.

No dia seguinte o tio Zé Côxo pediu licença para escolher na lenha grossa alguns paus de que fizesse colheres, e mais pediu a esmola de o deixarem ali ficar alguns dias, o tempo bastante para fabricar alguns produtos da sua industria, que fosse vender nas povoações vizinhas. O seu instrumental era completo — uma enxó, uma legra e um serrote. Servia-se destramente da mão aleijada, para segurar o pequeno toro de madeira em que trabalhava, e com a outra manejava a enxó e a legra, aprontando uma colher com extraordinaria rapidez. Só fazia colheres de pau, sem nenhum ornato, de cabo liso, desdenhando até das colheres de corno que faziam os maioraes, e que eram, muitas delas, adornadas de complicados arabescos, com pequeninas figuras á maneira dos chinas.

Afeiçoei-me ao tio Zé Côxo, muito severo para

com toda a gente, desabrido para com as pessoas de quem não gostava, nada conversador, evitando meter-se nas vidas alheias e não dando logar a que alguem se metesse na sua vida.

Era do termo de Mertola, e não tinha familia. Aprendera a fazer colheres para viver do seu trabalho, mas as colheres pouco lhe rendiam porque não eram artigo de comercio, fazendo-as toda a gente que tinha vagar, mesmo que não dispuzesse da legra do tio Zé Côxo.

Como ele não podia andar com desembaraço, os moços faziam-lhe negaças, que castigaria brutalmente se lhes pudesse deitar a unha. Praguejava, arrematava, e algumas vezes, esquecendo-se de que era aleijado, tratava de correr atraz do atrevido que se metia com ele, fiado nas pernas, ameaçando de lhe estender as orelhas até lhe taparem a boca.

A's vezes os criados, fingindo que o não viam, punham-se a cantarolar:

Tio Zé Côxo,
Olhos de mocho;
Brinca aqui, brinca ali,
Meu cravo rôxo.

De tempos a tempos abandonava o Monte, com propositos de não voltar; mas passados alguns dias voltava, e era sempre festejado o seu regresso, por mim e por meus irmãos, com demonstrações

de sincera alegria. Cada qual lhe perguntava, quasi trepando por ele acima: — Por onde andou, tio Zé Côxo? Porque abalou sem dizer nada? Queria deixar a gente?

Meu pai tambem não gostava do tio Zé Côxo, mas não lho fazia sentir.

— Se não fosse aleijado, era peor que as cobras.

A verdade é que ele não era de todo mau, e não era absolutamente inutil. Fazia recados, montado no seu burro; guardava a roupa, no estendedoiro; sachava os alhos no quinchoso, e espreitava as galinhas que punham no monturo da lenha, não fossem os porcos ou os malteses comer os ovos.

Quando a horta ficava perto do Monte, o que geralmente acontecia, o tio Zé Côxo tinha encargo de olhar por ella até entrar o guarda. Era um serviço que ele podia muito bem fazer, porque não exigia esforço nem destresa, mas sempre o fazia de má vontade, alegando que em não dormindo debaixo de telha vinha logo o rheumatismo fazer-lhe cocegas nos joelhos.

Semeava-se a horta na ultima semana de Abril, e eu não me dispensava de ajudar a este facil trabalho, a não ser que o fizessem sem que eu fosse prevenido. Dentro da horta da casa semeava eu a minha horta, tres ou quatro caseiras de melão, outras tantas de melancia, e uma duzia de pés de milho nos anos em que não tinhamos

milharal. As minhas caseiras eram sempre as mais bem feitas, redondas como se fossem talhadas a compasso, a terra muito bem revolvida e quasi pulverisada, sendo mais dificil encontar em qualquer dellas um pequenino torrão, que encontrar no campo um melro branco ou uma cegonha amarela. Adubava as com abundancia, e tinha o cuidado de escolher o palhuço mais curtido por ser o mais fertilisante. As sementes que eu empregava eram rigorosamente escolhidas, e por todas estas rasões a minha fructa era sempre da melhor. Quando apenas se adivinhavam as primeiras melancias, os primeiros melões da *minha horta*, eu passava o melhor do meu tempo a namorar essa vaga promessa de fruta, e de caseira em caseira espreitava o seu crescimento, quasi certo de que a via crescer. Subornava o guarda, dando-lhe tabaco e queijinhos, para que elle dedicasse ás minhas caseiras mais atenção que ás outras, e não me cançava de lhe recomendar que fosse escrupuloso na capação dos melões, não fossem elles sair pequeninos ou raquiticos. O desgosto que eu tinha quando me aparecia um melão engelhado, torto como um pequenino arrocho, ás vezes com uma racha funda na superficie concava, herniando por ali a buchada! As melancias tambem são sujeitas a doenças, sendo a mais frequente de todas a mela.

Quando já eram grandes os melões, para os preservar das ardencias do sol ás horas em que elle escalda, fazia-lhes uma cobertura de palha de

centeio ou buinho, e ás vezes não apenas uma cobertura, mas tambem uma cama, que o contacto direto com a terra dà, em muitos casos, logar a pisaduras que são uma especie de gangrena local com tendencias fagedenicas ou alastrantes.

Tinha dedo para escolher as melancias, só pelo toque, sendo raro colher alguma que não estivesse bem madura.

Emquanto durava a horta eu era vegetariano. Logo de manhã, pela fresca, com perolas d'orvalho ornando as folhas verdes e os cardos de espinhos agressivos, colhia a fruta que havia de comer nas horas quentes e escondia-a na cabana do guarda, que tinha o cuidado de a furtar a vistas indiscretas, pondo-lhe em cima a manta.

A' meza, tanto ao almoço como ao jantar, de pouco me servia o garfo, — não tenho vontade — o que me valia reprimendas asperas de meu pai, que bem conhecia a causa verdadeira do meu fastio.

— Não tem vontade! Se não andasse sempre no caminho da horta não o enfartava a comida. Sempre estou para ver como se sustenta em se acabando a fructa...

O sermão comovia-me um pouco, mas não me demovia absolutamente nada, e era puder escapar me, fosse a que horas fosse, lá me pregava na horta, e emquanto lá estava, comia.

Nos velhos tempos que estou a recordar, gostava de toda a fruta, mas a melancia ocupava

um logar á parte nas minhas predileções de guloso, a melancia encarnada, de pevide miudinha, vindo logo a seguir o melão de casca de carvalho, ligeiramente picante, cheirando na boca como a uva moscatel, que é a mais aristocratica, a mais delicada, a mais saborosa de toda a especie d'uva. O meu grande desgosto era não se poderem guardar as melancias como se guardam os melões, e nunca me sucedeu comer uma talhada de melão, fóra do tempo, no inverno, que não sentisse na boca, antes da primeira dentada, e sabor da melancia!

Quando se levantava a horta, nos primeiros dias de outubro, era uma bacanal — toda a familia, amos e creados, tomava parte na faina, e cada um comia do que mais gostava,

Os pobres, n'esse dia, recebiam a esmola do costume, acrescida d'um melanote ou pequena melancia, conforme desejavam. Aparecia toda a velhada de Messejana, como se tivese recebido aviso ou convite. Dizia meu pai:

— Estas maldisquentas parece que adivinham. São como os grifos. Não põe a gente a vista em cima dum; mas se morre uma cavalgadura ou uma rez que não se aproveita, aparece logo um bando delles. Parece que é o bicho que tem o faro mais apurado, cheirando-lhe a carne pôdre a muitas leguas de distancia. Se é o faro, se é a vista, não sei.

O tio Zé Côxo, talvez por gostar pouco de fruta,

dispensava-se de entrar na festança, e para se não fazer notado, ou para não se aborrecer, logo de manhã, sem esperar que lhe dessem o almoço, quasi ás escondidas, montava na burrinha e ahi vai elle, sem dizer que rumo tomava.

Um espetaculo a que elle nunca faltava, a não ser por motivos de força maior, era o da alagação do linho.

De vespera ficavam as carradas feitas, e o tio Zé Côxo tinha o cuidado de pedir, depois da ceia, o panito do almôço. Elle não tinha direito a forrar pão, visto não ser concertado; mas forrava, e com o produto da sua venda pagava as suas despezas, o quasi nada que dispendia com a sua pessoa, homem sem necessidades e sem vicios.

Tambem eu gostava de assistir á alagação do linho, não porque o espetaculo, duma espantosa banalidade — meter molhos na agua, a pequena fundura, e aguenta-los com pedras — me divertisse grandemente, mas porque me fornecia a ocasião de nadar em grandes pegos, na Ribeira do Rôxo, o que não me sucedia no barranco do Monte, quasi seco nos mezes de verão.

Pouco se cultiva hoje o linho, nos meus sitios, muitissimo pouco em relação ao que se cultivava no tempo em que eu era um destemido escalavardo, sempre descarapuçado no verão, muitas vezes em mangas de camisa no inverno, a chapinhar em todas as poças e regatos.

Por muitas e variadas operações passa o linho

desde que a respetiva semente é lançada á terra até que a fibra entra no dominio das utilisações industriaes ou caseiras. Um campo de linho, ainda verde, mas ondulando á mais leve aragem, é uma seara que encanta os olhos, e a sua flor pequenina, semelhante ao myosotis, é dum azul mais carregado que o das hortenses, que são grandes fidalgas ruraes, sem a linha de requintada elegancia aristocratica das rosas vermelhas ou brancas que foram nascidas e creadas no jardim de casas senhoriais.

Era serviço que eu nunca fazia, apanhar linho, porque é um serviço que exige força, planta de raizes fundas, e arranha as mãos com a asperesa do seu caule, muito delgado e muito alto. Mas gostava de sacudir os seus molhos, desbaganhando-os, e fartava-me de comer linhaça, como se fosse uma guloseima. Esta operação era feita *in-loco*, sobre lençoes, e exigia uns certos cuidados para não se perder muita semente.

Desbaganhado o linho, e tendo-o conservado uns dias, oito a dez, debaixo d'agua, num pégo da Ribeira, secavam-se os molhos pela sua exposição ao sol, na eira, empinados, e depois de secos é que principiava o trabalho tecnico da sua preparação definitiva para a industria caseira ou de fabrica. Primeiro era batido com a massa, molho por molho, e esta operação exigia pulso forte, porque o envolucro da fibra é quasi lenhoso duma grande resistencia. Depois de batido era gramado, e gramar o linho era um serviço d'or-

dem tecnica, que demandava aprendizagem. A grama era um aparelho tosco, feito de azinho, consistindo numa especie de caleira de bordos cortantes e forma triangular, montada em quatro pés, completando esta primitiva maquineta uma alavanca articulada, tambam de forma triangular, sendo a aresta formada pelas duas maiores faces aguçada como os bordos da caleira. Dos gramadores que trabalhavam nas Mesas, uns tres, só do tio José Damasio tenho nitida recordação, porque já servia em minha casa quando eu nasci, e até ao fim da vida não conheceu outros patrões. O primeiro leite que eu mamei, foi chupado dos peitos de sua mulher, a senhora Inacia Felicidade, andava ela a crear a sua Joana, a mais nova das suas filhas, e só raparigas ela deitou a este mundo, com grande magua do seu coração.

— Nosso Senhor nunca me quiz dar um rapaz!...

Depois de gramado, o linho era tasquinhado, e era nesta operação que se fazia a quasi definitiva depuração da fibra, separando-a da estôpa. A tasquinha era um grande facalhão de madeira, tendo, como o braço ou alavanca da grama, a forma dum triangulo provido de manipulo ou punho. O tasquinhador enrolava uma ponta da estriga em dois dedos, o indicador e o medio da mão esquerda e deixando-a pender ao longo dum cortiço, firme no chão pelo tampo, com a mão direita tasquinhava-a, isto é batia o em todo o cum-

primento, até a desembaraçar da estôpa na sua quasi totalidade. Vinha, finalmente, a passagem do linho pelo sedeiro, completando a sua desfibração e limpando-o duns restos de estôpa que tinha resistido á tasquinha. Esta operação era geralmente feita pela comadre Narcisa, que nunca deixava, a fazela, de contar alguma historia de bruxas, muito disparatada, muito absurda, mas em que ela acreditava como nas verdades da Escritura.

Se tivesse alguns anos a menos, e algumas ilusões a mais, talvez ainda me instalasse no campo, fazendo integralmente a vida de lavrador; todos os anos semearia linho como semearia horta, e não me dispensaria de ter um bocado de vinha entremeada de olival, exactamente como nas desaparecidas vinhas de Braz da Gama, que encantavam os meus olhos de escolar primario, bordando uma estrada onde me parece que ainda ha vestigios dos meus passos!

Abundava o linho em casa das lavradoras ricas, linho em obra — toalhas e lençoes; linho em peça, destinado, em grande parte, a entrar no enxoval das filhas que casavam. Tal havia que nas arcas ou caixões tinha duzia de varas de teia — um moio, isto é, sessenta varas por cada filha, e uma quantidade variavel para os seus usos caseiros.

Tanto como a seda, como a purpura, o linho era tido em grande estimação na antiguidade

cristã, linho finissimo, e na Roma pagã e debochada era de linho a tunica de Isis no templo em que se praticava o seu culto, a que se misturavam praticas de Venus!

*

O tio Zé Côxo!

Quem o queria ver zangado, numa furia, era perguntar-lhe porque não ensinava ele o pintor da Bispa a fazer colheres, aprendendo com ele a fazer santos.

Vinha a ser o pintor da Bispa, o senhor Antonio Pardal, um boemio que ali viera ter, um dia, oriundo de parte incerta, na demanda de trabalho artistico

Tinha um acentuado perfil hebraico, usava farta cabeleira, dum castanho muito carregado, e uma pera muito atrevida, em bico, da mesma côr do cabelo. Era homem de poucas falas e muita bebida.

Na sua pintura só havia as côres fundamentais do espectro solar, não todas, associadas pela forma mais disparatada. Gostava muito de pintar comboios em movimento, um grande penacho de fumo azul saíndo da chaminé da maquina, as carruagens muito pequeninas, mais pequenas que os passageiros. Como todos os lavradores da Bispa eram caçadores, excelentes caçadores, a par de excelentes pessoas, o Pardal, nas suas pinturas, fazia uma grande parte aos assuntos venatorios.

Sempre a espingarda era maior que o caçador, e a peça de caça a que ele atirava, sendo coelho era maior que uma lebre, sendo lebre era maior que uma raposa, e sendo perdiz era do tamanho duma mosca. Os seus camponezes e as suas camponezas eram todos da mesma familia, muito parecidos uns com os outros, como se fossem reproduções fotograficas. Não pintava retratos nem fazia caricaturas, mostrando um grande desdem por estas formas de Arte.

Bocados de madeira que não pudessem ter utilisação na maquinaria agricola ou nos usos domesticos, só bons para o lume, mestre Pardal aproveitava-os para fazer santos. Eram quasi todos de azinho, havendo alguns de choupo ou faia branca, preferindo o escultor as madeiras rijas, porque não empenam facilmente.

Não tardou que todas as paredes da Bispa estivessem pintadas, e que uma chusma de santos enchesse quasi do chão ao tecto uma casa espaçosa, de que a sr.ª D. Maria Inacia guardava zelosamente a chave, como se lá estivesse um tesouro. Toda aquela Arte, um museu abacadabrante, era mostrado ás visitas, o que muito desvanecia o Pardal, sempre convidado a dar explicações.

— Este santinho quem é, mestre Antonio?

— Este é S Joaquim, minha senhora.

— S. Joaquim disse vocemecê ontem que é aquele...

— Aquele é Santo Amaro.

— Credo! mestre Antonio. Santo Amaro disse vocemecê outro dia que é aquele que ali está entre Santa Suzana e S. Roque.

— Aquele é Santo Onofre, sr.ª D. Maria.

— Vocemecê está hoje transtornado da cabeça, com certeza. Então Santo Onofre não é aquele santinho que está com o chapéo na mão, um alforginho ás costas e um cão preso a um ourelo?

O sr. João Guerreiro, o lavrador, quasi sempre com dois grãos numa aza, ria da confusão do Pardal, seu companheiro na bebianga, e comentava alegremente, escandalisando a sr.ª D. Maria Inacia.

— Eles não se zangam por lhes trocarem os nomes, e vivem aqui belamente, entendendo-se uns com os outros, como Deus com os anjos. Se fosse gente que trabalhasse, eu não precisava de ganhões; mas tambem se fosse gente que comesse, vestisse e calçasse, já não tinha prego em parede.

Sucedeu um dia, no verão, andava-se no trabalho da debulha, manifestar-se fogo na eira. Quando se deu por isso estava a arder uma grande meda de aveia, perto da qual havia trigo em rama que daria bons quatro ou cinco calcadoiros, ficando perto o restolho, ainda com muitos releiros.

Acudiu logo a ganharia, que estava a jantar, e um dos filhos do lavrador, montado numa egua,

foi chamar a familia de Rei de Moinhos, indo tambem, pelos Montes proximos, levar a triste nova e pedir que acudissem. Os prejuizos seriam muito grandes, se não fosse atalhado o fogo, e seriam incalculaveis se ele da eira saltasse para o restolho proximo, alastrando como uma onda. Seriam queimadas as pastagens, e como nas herdades visinhas ainda havia muito pão no restolho, os respectivos lavradores veriam arder o seu remedio, sem lhe puderem acudir. Era um *fervet opus* na eira da Bispa, uns raspando o chão com pás e enxadas; outros varrendo com vassouras de lentisco ao redor do calcadoiro e da meda de trigo; outros com enfusas e cantaros d'agua, ogando sem tom nem som, inteiramente desapercebidos da inutilidade do seu esforço. Senão quando, ergue-se um ventinho fresco, do lado norte, e uma lingua de chamas, dobrada como se fosse uma cana verde, muito comprida, lambe a meda de trigo, que começa a arder. Tudo estava perdido, e no meio da geral consternação, lagrimas e suor banhando todos os rostos, o desespero e a magua reflectindo-se em todos os olhares, no meio dêste inferno dantesco, de minusculas proporções, aparece a senhora D. Maria Inacia, cheia de serenidade e confiança, portadora de todos os santos que pudera acomodar no regaço, grandes e pequenos. Aproximando-se do fogo, até quasi se queimar, tropeçou numa pedra. e caiu. Correram a levanta-la das chamas, retirando-a em bra-

ços. Dos santinhos ninguem se lembrou. Arderam todos, excepto um, que o mestre Pardal aproveitou para fazer dele um S. Benedito, que era preto, comemorando assim o tragico acontecimento.

Dizia o sr. João Guerreiro, a quem os prejuizos sofridos não tinham feito perder o bom humor:

— Como diabo haviam os santos fazer o milagre de atalhar o fogo, se nem para se salvarem eles tiveram poder?

Este sucesso não fez o minimo abalo nas crenças religiosas da senhora D. Maria Inacia, e vagamente eu me recordo de lhe ter ouvido dizer que os santinhos que ela levava no regaço, para a eira, certa de que eles fariam um milagre, eram uns que ainda não estavam bentos, e que o Pardal, nos seus descuidos de borracho, misturara aos outros, os que já participavam, pela benção apostolica, da graça divina.

O compadre Rosa, que tambem fôra apagar o lume, contava, dias passados, que o tio José Côxo, lamentando os prejuizos que havia tido o lavrador João Guerreiro, não pudera ocultar a sua grande satisfação pelo facto de terem morrido queimados os santinhos do Pardal, que ele reputava de menos utilidade que as suas colheres.

A senhora D. Maria Inacia, filha dum alferes miliciano, era pessoa de nobres sentimentos e esmerada educação, naturalmente aristocrata, chamando aristocracia uma singular delicadeza de

maneiras, que não se aprende, porque vem do berço, uma elegancia de gestos e atitudes que traduzem refinamentos de sensibilidade caracteristicos das raças privilegiadas, conservando-se no dobar de gerações. O senhor João Guerreiro, lavrador que em materia de instrução ficára nas primeiras letras, era uma pessoa honrada e bondosa, instintivamente polido, sem outro vicio que não fosse o de beber até cair. Enternecia a maneira como a senhora D. Maria Inacia tratava o seu marido e a maneira sempre respeitosa, impregnada de afecto, com que ele, na turvação do alcool, com ela falava e se entretinha.

Duma vez o sr. João Guerreiro foi para Beja com demora de alguns dias, porque fôra sorteado para fazer parte do juri em audiencias gerais. Deviam ser três os julgamentos, mas como dois eram de crimes graves, calculou o sr. João Guerreiro que a demora poderia ser de quatro a cinco dias, em todo o caso menos duma semana.

— Por tão pouco tempo não vale a pena ir com um taleigo ás costas, cheio de roupa.

A sr.ª D. Maria Inacia deu-lhe o nó da gravata, uma gravatinha estreita, das que então se usavam, e cujas pontas, dado o laço, pareciam as orelhas dum coelho.

No fim da semana estava de volta o sr. João Guerreiro, satisfeitissimo porque nas duas primeiras audiencias o favorecera a sorte, não ficando no juri, e na terceira dispensara-o o Ministerio

Publico, sem ele o haver pedido. De modo que estivera em Beja perto duma semana a embebedar-se com o Socaipa, e regressava a casa que nem uma flôr.

Diz-lhe a sr.ª Maria Inacia:

— Ora Guerreiro! Essa gravata não é a mesma que vocemecê levou.

— Não é a mesma? Essa agora é melhor.

— Pois já se vê que não é. A que vocemecê levou era uma gravata nova, ainda por estrear, e essa é uma gravata já com muito uso.

— Juro pela salvação da minha alma que a gravata que aqui tenho no pescoço é a mesma que daqui levei.

— Não jure, Guerreiro, que é pecado jurar o santo nome de Deus em vão. Provavelmente dormiam dois ou três no mesmo quarto, e pela manhã vocemecê pegou na gravata doutro imaginando que era a sua.

— O' mulher de Deus! Como podia isso acontecer se eu nunca a tirei, nem de dia nem de noite?

A sr.ª Maria Inacia já o sabia, mas quiz obrigar o seu Guerreiro a dizel-o.

Ainda vivem cinco dos filhos do sr. João Guerreiro, todos mais velhos do que eu, excepto um. Alegro-me quando os vejo, e tenho muito prazer em lhes falar, porque a ouvil-os rememoro um largo trecho da minha juventude, recuados tempos em que os laços de parentesco eram mais

apertados, as relações de sociedade eram mais afectuosas, a Justiça era menos corruptivel, a Moral era menos condescendente, a Religião era menos hipocrita.

Certo é que não consegui despedir-me do tio Zé Côxo, no dia em que abalei para os estudos, porque elle tinha ido levar a Junjeiros uma encomenda de colheres. Encarreguei o Figueiras de lhe dar muitas saudades minhas, e que lá o esperava em Beja, montado na burrinha, na sua primeira excursão.

Andava por longe quando o tio Zé Côxo morreu. Recebendo a noticia da sua morte, instintivamente, puz-me a resar, mas perdi-me *entre as mulheres*, na Avé-Maria, esquecido duma oração que tantas vezes eu resara ajoelhado aos pés de minha mãe, sacrosanto altar, duma pureza imaculada, que impregnara a minha alma do que nela ainda subsiste de bom — se alguma coisa ainda subsiste desse tesouro herdado.

A matança

O unico trabalho a que o Figueiras ajudava de bôa vontade, chegando a mostrar-se deligente, era o da matança. Não era preciso mandarem-no para ele, de vespera, dispôr tudo para o efeito. Se não havia tojo na montureira, ia busca lo ao mato, numas cangalhas, e descarregava-o na empena do Monte, que presumivelmente seria a mais abrigada ao romper da manhã. Para ali carregava tambem alguns braçados de esteva para a fogueira e a cama em que os porcos haviam de ser musgados, apenas mortos. As raspadeiras e cortiças deixava-as em cima da mesa dos ganhões, bem como o alfirme com que havia de apertar-se a tromba do animal, antes de se lhe meter a faca. O resto não era com ele, era com o Narciso, mais geitoso que as criadas em serviços que a estas pertenciam.

Antes de amanhecer, geralmente á hora em que os bois recolhiam á arramada, o Figueiras

saltava da cama, sem fazer barulho, e tratava de pôr tudo em ordem para o acto a realizar, isto é, para a matança de um, dois ou tres porcos, que era o maximo que em minha casa se matava num dia. O seu primeiro cuidado era acender a fogueira, uma grande fogueira que podia ser vista de muito longe, destacando na escuridão da noite, já proxima do fim.

Junto da fogueira colocava ele a tripeça em que o porco havia de ser morto, e ali perto um cantaro de cobre, com agua, para se lavar o animal, emquanto o iam musgando. As cortiças e as raspadeiras punha-as em cima dum bocado de taboa junto á parede, onde havia, ás vezes metido na ocasião, um preguinho em que se pendurava a toalha, de pano de estopa, a que os ganhões limpavam as mãos, depois de as lavarem numa bacia de arame, que o Figueiras areava na vespera. O alfirme para laçar a tromba do animal, já estendido na tripeça, trazia-o ele enrolado na cintura, para o entregar sem demora, assim que lho pedissem.

— Está aqui tudo ?

Se nada faltava, e eu ainda não tinha aparecido, o que raras vezes sucedia, o Figueiras ia chamar-me, sabendo que o seu cuidado não ficaria sem recompensa. Era certo que nos dias de matança eu bifava uma onça de tabaco, e lha dava inteirinha.

O espectaculo tinha para mim um duplo inte-

resse, pois que principiando por me encantar os olhos, acabava por me deliciar o apetite. O rabo do porco, assado nas brazas, é um manjar de primeira ordem, em nada inferior ás orelhas, assadas da mesma forma, e uma ou outra destas coisas era a paga do meu labor matutino.

Os porcos dormiam no palhuço, ao desabrigo, e lá ia eu buscá-los, mais o Figueiras, umas vezes sem escolha, outras vezes dando a triste preferencia aos que meu pai, de vespera assinalava, dando-lhes uma tesourada no cabelo. Nunca percebi que eles desconfiassem, quebrando-lhes o somno da manhã, da sorte que lhes estava reservada; grunhiam, porque o fazem sempre que são obrigados a mexer-se, mas aproximavam-se da fogueira com serenidade, e assistiam ao sacrificio dum camarada sem demonstrações de susto ou de pezar. Ainda há pouco tempo, pouco mais dum ano, eu assisti á matança de dois porcos, em minha casa, num pateo, e mandei que lhes puzessem comer no chão, milho ou cevada, não me lembro agora, perto da tripeça onde haviam de ser mortos. Puzeram-se a comer, os dois, com manifesto apetite; agarrou-se um, que desatou aos berros, naturalmente protestando; estendeu-se em cima da tripeça, grunhindo ainda com mais força e desespero; meteu-se-lhe a faca, musgou-se, abriu-se, e o outro continuou a comer, indiferente, e foi-se deitar, encostado á parede, quando se lhe acabou a comida.

Os versos de João de Deus são bonitos:

Uma vez
Uma cabra, um carneiro e um cevado
Foram numa carroça todos três,
Caminho do mercado...;
Não iam passear, é manifesto
Mas vamos nós ao resto.

O cevado gritava como se já estivessem a meter-lhe a faca; a cabra e o carneiro, satisfeitos como um novo rico a passear de automovel, enfadavam-se com a gritaria, não sabendo explica-la satisfatoriamente.

Gostaria o porco mais de andar a pé que de carroça?

O bruto do carroceiro não compreendendo tambem a gritaria do suino, saca dum fueiro e ameaça-o de lhe partir a tromba, se não se cala. Pois se os companheiros não davam pio, sisudos como austeros juizes dum tribunal supremo, para que havia de ir ele numa inferneira capaz de acordar um morto?

A cabra podia berrar tanto ou mais do que ele, se quizesse, porque tem guelas de ferro; mas não o faz por ser bem educada — uma senhora! O carneiro não é mudo

A's vezes berra que estremece tudo
Mas só quando é preciso;
Tem juizo, miolo.

Ouvindo falar de miolo, o porco grunhiu ainda com mais força, erguendo a tromba suplicante para o carroceiro irado:

«*Miolo! (exclamou o outro); pobre tolo»*
Ele supõe que o levam á tosquia,
E por isso nem pia.
Esta pensa tambem que vae de carro
Ao tarro
Vasar a têta;
Pobre pateta.
Deixa-los, lá se avenham.
Mas porcos não se ordenham!
Cevados não se tosquiam!
De mais sei eu para que se criam ..
De mais sei eu!
Por isso brado ao céu!
Por isso choro a minha triste sorte!
Por isso gritei, grito e gritarei,
Do fundo da minha alma até á morte.
Aqui d'el-rei!
Aqui d'el-rei!

Lindos, não ha duvida, os versos de João de Deus; mas eu não acredito que o porco dissesse aquilo que a poeta lhe atribue.

Engordam-se porcos desde que o mundo é mundo, e nunca se engordaram senão para se comerem.

Se eles tivessem uma noção, embora confusa,

do que é a morte, e possuissem uma linguagem, feita de sons e de gestos, para comunicarem uns com os outros, era lá possivel que passassem das meias carnes, ainda que no montado andassem atascados em boleta!

Não; os porcos não teem consciencia do sofrimento alheio, e quando o espectaculo desse sofrimento se desenrola diante dos seus olhos, n'uma agonia prolongada, porque convem que a morte venha lentamente, tão pouco ella os impressiona, que por nenhum signal traem a suspeita de que os ameaça um grande perigo.

E' uma operação dolorosa, a castração das porcas — operação de barriga aberta — e faz-se em pleno campo, o gado solto, não havendo memoria d'alguma cabeça ter fugido do rebanho, no proposito de escapar á lanceta do capador.

Geralmente o sr. Antonio Raposo, conhecido pela alcunha de Estravagante, chegava ao Monte pelo cair da tarde, ás vezes já noite, e entrava em funções logo no dia seguinte, pela manhã. Esta operação de grande cirurgia porcina não exigia o instrumental complicado — nem coisa parecida! — que exige na especie humana. Todo o arsenal do Estravagante, a trabalhar de cirurgião dos porcos, se reduzia a uma lamina em forma de meia lua, com o rebordo convexo afiado como navalha de barba, uma agulha e um novelo de fiado. O theatro operatorio era, geralmente, o ro-

cio, entre o curral das vacas e a estrada de Messejana. Servia de ajudante o maioral, que era o compadre Rabino, capador de gado macho. A marrã ou a porca era deitada no chão, segura pelas pernas, e o capador punha-lhe o pé direito em cima do pescoço, o que a impedia de fazer grande estardalhaço com as mãos. Como preliminar da operação o sr. Raposo limpava o campo operatorio, isto é, barbeava com a lanceta o ponto em que havia abrir a ferida por onde introduzisse um dedo, o indicador, em busca dos ovarios, que arrancava, está bem de ver, a coberto. O animal grunhia, dando signal de grande aflição, e nem por isso as outras cabeças se afastavam, nem sequer ao menos deixavam de comer; traindo uma ligeira desconfiança ou preocupação pela sorte que as esperava. A ferida era cosida com dois pontos,; apezar da completa falta de cuidados — nem a faca, nem a agulha, nem a linha se desinfectara, e o mesmo dedo entrava em todas as barrigas sem desinfecção — apezar de tudo isto, era muito raro morrer uma das operadas do Estravagante.

Meu pai dizia, encarecendo a sua pericia de cirurgião:

— Na sua Arte é muito perfeito, e trabalha com um desembaraço como eu nunca vi.

N'aquele tempo o preço da capação dos porcos variava entre um pataco e quatro vintens cada uma. Para os lavradores havia um desconto,

isto é, o preço era minimo, porque o numero de cabeças a operar era grande. Mas quando se tratava d'um ou outro caso isolado, o Estravagante pagava-se bem, indo até ao cumulo de pedir um tostão pelo seu trabalho! Em casa dos lavradores, está bem de vêr, elle era tratado como hospede, quando não era tratado como amigo, como sucedia em minha casa. Entrava nas aldeias tocando a sua gaita de capador, e era de ver o susto dos moços pequenos, choramingões e travessos, quando as mães lhes diziam, para que não chorassem ou estivessem quietos:

— Tu não te calas?... Não te acomodas?... Deixa estar que eu chamo o capador, e então é que berrarás de vontade!...

Era um homem alegre, folgasão, constantemente de bom humor, o Estravagante, esquecendo com facilidade os seus compromissos — tal dia lá vou — se calhava encontrar bons companheiros para uma pandega rasgada.

A espingarda acompanhava-o por toda a parte não porque tivesse necessidade d'uma arma para se defender, mas porque gostava muito de caçar.

Iam-se-me os olhos na sua espingarda, de dois canos, quando era já taludote, e o Figueiras, que só para caçar viera ao mundo, namorava-a com olhos ternos — olhos que elle nunca deitara a uma mulher.

— Quando vomecê fôr grande, o seu pai hade comprar-lhe uma assim.

Governei-me sempre com o que havia em casa, umas poucas de espingardas que tinham sido novas quando meu pai, ainda rapaz, era caçador. Atirava aos pardaes, que ás vezes eram bando no monturo ou em cima da linha delgada, e só por acaso ficava um no tiro. Dizia eu que era por causa das espingardas; dizia o compadre João Catharino que não, que era por causa da bagagem.

— Emquanto o sr. compadre atirar com chumbo torto, não mata coisa nenhuma. O peor é que chumbo direito não ha cá pelos sitios, e mesmo em Beja é uma raridade encontrar-se...

Já de aponta-barba, o sr. Antonio Raposo ofereceu-me uma parelha de galgos, o Verdugo e a Andorinha, e foi n'essa ocasião que eu fiz toda a força de vela para que meu pai me comprasse uma espingarda de dois canos — como a do Estravagante, com a coronha enfeitada de arabescos complicados.

O compadre Rabino tinha um grande respeito pelo sr. Raposo; não desfazendo em ninguem, outro não conhecia que fizesse obra tão bem acabada e com tanta ligeireza.

— Quando a gente cuida que elle vai dár a facada, já está a coser o animal. E não lhe morre uma cabeça, o diabo do homem.

Estava convencido o compadre Rabino de que

tambem era capaz de fazer aquilo, se aprendesse, e parecia-lhe que ensaiando umas vezes, sob a direção do Estravagante, ficava habilitado.

— Sim, uma pessoa não nasce ensinada. Uma vez é a primeira. Isto é como tudo mais. Depois de se aprender, o que se quer é pratica. Usa e serás mestre, diz o dítado, e não ha nada mais verdadeiro.

O Estravagante não se importaria de o ensinar, desprendido de interesses, como era, se meu pai desse licença que elle aprendesse. Mas essa licença nunca foi dada, apesar de muitas vezes, de forma directa e indirecta, ter sido pedida.

— Em capando ahi tres ou quatro marrãs, das mais somenos, logo se via se era capaz de fazer alguma coisa de geito. Por sorte que haviam morrer todas! . . .

— Pois sim, senhor — dizia-lhe meu pai. Vocemecê aprende nas suas, e capa depois as minhas.

Assim contrariada a sua tendencia para mestre capador, o compadre Rabino desforrava-se capando o gado macho, sem outro instrumento que não fosse a sua navalha de algibeira, muito bem afiada de vespera.

— Hoje o sr. compadre tem almoço de *rins*. É um petisco que em Lisboa ninguem come, e que mesmo a gente rica cá do Alemtejo, a não ser os que fazem vida de lavrador, imagina que é coisa que não se come.

O compadre Rabino não cosia as feridas que

abria, e á laia de antiseptico, se estou bem lembrado, deitava-lhes em cima um pouco de terra do curral. Produzia-se uma ou outra infecção, mas não me recordo de alguma ter sido mortal.

Como não heide ser velho, se tudo isto se passou ha muitos anos!

Como não heide considerar-me novo, se revejo tão de perto e sinto tão intimamente a minha longinqua mocidade!

*

A fogueira, bem alimentada, aquecia o ambiente, de modo que os homens, sem jaqueta, as mangas da camisa arregaçadas, trabalhavam desembaraçadamente, como se a manhã fosse morna. De quando em quando, se meu pai não estava, eu punha na fogueira uma grande pasta de tojo, e ficava-me a olhar a chama, muito alta, em cone regular, projetando um listrão de luz bàça, quasi desmaiada, sobre a terra escurecida.

Cinco homens agarravam um porco, dois nas mãos, dois nos pés, um nas orelhas, e colocavam-no em decubito lateral direito sobre a tripeça, que ali estava para esse efeito.

— O alfirme? . . .

Acudia o Figueiras, entregando o baraço que trazia á cintura, e com elle o compadre Rosa apertava o focinho do animal no chamado nó de porco, e logo o mizero passava a grunhir em surdina.

Com muita solemnidade o compadre Rosa ta-

cteava a papada do animal, á busca do ponto de eleição, para lhe meter a faca. Quando o encontrava, ou lhe parecia te-lo encontrado, recomendava á familia — segurem o bicho! — e metia-lhe a faca até ao cabo. Se o golpe fôra certeiro, o sangue jorrava, muito vermelho e espumoso, caindo num alguidar ou taxo de arame contendo vinagre quente, derretendo umas pedrinhas de sal, e mexido com uma colher de pau, de cabo comprido, emquanto durava a sangria.

— Esta chegou ao coração, tio Rosa.

A faca, quando bem dirigida, entrava pela furcula do externo, e cortava os grossos vasos, raramente, muito raramente chegando ao coração. Se era mal dirigida, e isso acontecia com relativa frequencia, perdia-se na papada, a ferida babando sangue e o animal fazendo inuteis e desesperados esforços para se libertar, adivinhando-se nos seus grunhidos surdos e na sua epilepsia aperreada a dôr imensa, a infinita dôr que o torturava.

Quem sabe?

Talvez ele estivesse a pedir que o matassem depressa, que lhe não prolongassem aquela agonia incomportavel, ou então que o deixassem abalar, fugir dali, indo continuar no palhuço o sono interrompido.

Verificado o obito, passava o porco da tripeça para a cama de mato, e logo o Figueiras tratava de o chamuscar, passando-lhe por todo o corpo, espetada num forcado de ferro, paveias de tojo a

arder. Era a vez de entrarem em função as raspadeiras, navalhas amolgadas, que para nada mais tinham serventia. Esfregava-se o porco com bocados de cortiça, como se esfrega uma casa com um piassá. Bem musgado, mal musgado, voltava o animal para cima da tripeça, que o Figueiras já limpara muito bem limpa, e toca de o escanhoar á navalha, serviço que não era para todos, porque exigia certa pericia. O preceito era deixar o porco sem um cabelo, ficando-lhe o coiro sem uma beliscadura. Lavado com abundancia de agua, era virado de barriga para o ar, e o compadre Rosa, pondo-se do lado da cabeça, empunhando uma faca bem afiada, dispunha-se a fazer uma autopsia com promtidão e mestria.

Ao primeiro golpe, havia sempre quem dissesse na roda: — *Se queres conhecer o teu corpo abre um porco.*

O compadre Rosa confirmava sempre a veracidade do adagio, não se dispensando d'alguns comentarios breves, mas eruditos.

— Os animais são de carne e osso como a gente, e tem os seus cinco sentidos. A diferença está em que nós temos o uso da razão, e quando morremos, o corpo, vai para debaixo da terra, e a alma vai para onde Deus é servido.

O José Loição, de Messejana, era um pouco livre-pensador; nunca rezava nem se benzia, a não ser por engano; nunca fazia uma saudação em que entrasse Deus — bons dias, bôas tardes, boas noi-

tes, e nunca — esteja com Deus, vá com Deus, salve-o Nosso Senhor.

Ouvindo o compadre Rosa falar da alma, o José Laição não se tinha que não fizesse uma afirmação de ateu.

— Um homem em morrendo é um defunto. O corpo vae para a cova; a alma nunca ninguem a viu, e não se me consta que já voltasse alguem do outro mundo para dizer o que por lá é passado.

Cortando a conversa, o compadre Rosa enterrava a navalha, e d'aí a pouco sacava a lingua do porco, trazendo agarradas todas as visceras toracicas, e a cachola. Cortava as orelhas do coração, deitando-as fóra — quem comer orelhas do coração, comerá outras ou não — e se o animal era do sexo masculino, tirava-lhe a bexiga do fel, sem a entornar, porque servia para variadas curas. A das porcas não tem virtudes curativas.

Perguntava o Loição:

— A gente tambem tem fel, como os porcos, tio Rosa?

Respondia o compadre Rosa, olhando-o de soslaio:

— Pois já se vê que sim. A diferença está em que todos os porcos o teem na cachola, e algumas pessoas o teem no coração.

O esvasiamento da cavidade abdominal não exigia menos pericia que o da cavidade toracica, e muito deslustrava o operador o facto de se rom-

per uma tripa, sujando o campo operatorio. O porco, na vespera de ser morto, era mantido em jejum quasi rigoroso, no proposito de se evitar, na medida do possivel, semelhante precalço.

O rissol, que eu mais tarde, muito mais tarde, vim a saber que se chamava, no homem, o peritoneu, era sempre muito festejado, ninguem sabendo, ao certo, que utilidade, para o animal, tem aquele veu ou pano rendilhado, cujas pregas seccionam o intestino em ansas, de modo a fazerem com que uma só tripa dê a impressão de muitas tripas.

— A gente será assim?...

O compadre Rosa dizia que era a mesma coisa; que a tripa é só uma, enrolada na barriga, fazendo um mólho, porque doutra forma não cabia. E logo contava, sem desviar a atenção do que estava fazendo, que um rei da Alexandria prometera a quem matasse um gigante, que andava a querer apanhar-lhe o reino, dar-lhe toda a terra que pudesse ser cercada pela tripa do bicho. Ninguem se atrevia a meter-se com o gigante, que andava sempre armado, e que para mais não podia ser morto senão metendo-lhe uma lança pelo olho esquerdo. O gigante dormia numa furna, e a porta era um pedregulho tão grande, que duzentas juntas de bois não poderiam com ele. Uma vez o gigante, tendo ido a uma função, entrou de mais na bebida, de modos que recolhendo á furna, para se meter na cama, esque-

ceu-se do pedregulho. Roncava que se ouvia tres leguas em redor. Um soldado da guarda do rei, que tinha visto o gigante aos pendões, foi andando atraz dele, e entrando na furna, quando ele resonava como um porco, enterrou-lhe a lança no olho esquerdo, e matou-o. O rei não teve remedio senão cumprir a promessa, e o soldado ficou com terra para tres moios de semente, sobejando-lhe ainda larguesa para contivar algum gadinho.

A pesagem do porco, em balança romana, era um dos numeros do espectaculo que mais interessavam a familia. Todos se metiam a calcular o peso do animal, fazendo-se apostas, que nunca iam além dum cigarro.

— Não bota ás sete arrobas...

— Tomara eu uma libra por cada arrate que pesar a mais.

— Havias de ficar rico com essa dinheirama! O porco tem muita madeira, mas saíu do montado antes de tempo; ainda lhe ficou muita pele por encher.

As divergencias eram maiores e os erros mais notaveis quando se tratava de porcos que não tinham ido ao montado, gordos a cevada ou milho.

— Isto era cabecinha que punha de nove arrobas para cima se tivesse feito a montanheira. Assim nem ás oito arrimará.

— Se o patrão me quizesse dar o passante das oito e meia, eu não se me dava que ele descontasse na soldada o que faltar para esta conta. Já

se vê que uma cabeça que engorda no montado põe mais carne que engordando no chiqueiro; mas a diferença nunca é tamanha.

O compadre Rosa, sempre erudito e sentencioso, declarava que nunca tinha visto porcos de tanto peso como os das avarias, em Aldeia Galega — gordos a lavarem-se com uma bochecha de agua, e raros pesando menos de dez arrobas.

Meu pai calculava com muita aproximação, habituado a vender á perna, isto é, sobre a base dum peso que se atribuia a cada cabeça, e que precisava não ser disparatado, muito fóra da baralha, para não dar asneira grossa. O compadre Rosa tambem não calculava mal, quasi sempre falhando mais por excesso que por diferença.

— O tio Rosa tinha mais geito para vender que para comprar.

Dois homens alombavam com uma tranca, almofadando os hombros, e no meio da tranca amarrava-se uma corda grossa, a que se enganchava a balança. Empiolava-se o porco, a perna dum lado e a mão do outro, em diagonal, e por ali passava um outro gancho da balança, ficando o animal suspenso no ar. Quando calhava, o que era raro, colocar-se o pilão no braço da balança, logo á primeira vez, justamente no ponto que marcava o peso exacto, havia rumor alegre na familia, celebrando o talento ou a felicidade do pesador, que dizia sempre, com modestia:

— Foi um calhar...

Ter uma balança romana naquele tempo, era luxo a que se davam poucos lavradores, mesmo alguns de cachaço grosso, como se dizia pitorescamente dos que possuiam alguns bens de vulto. Por isso a nossa balança andava sempre em emprestimos, na epoca da matança e da pesagem da lã, indo eu com ella, muitas vezes, porque eram poucos os lavradores que sabiam ler. O compadre Rosa tambem não sabia ler; mas entendia os numeros, e isso bastava para o intento.

— Quanto marca, tio Rosa?

Havia sempre, na assistencia, quem encarecesse a vantagem de saber umas letrinhas, que mais não fosse conhecer os numeros, coisa que se aprende sem ir á escola.

— O saber não ocupa logar... Quem não sabe é como quem não vê.

Onde eu gostava de ir com a balança era ás Refroias, porque sempre aí me davam alguma coisa para adoçar a boca. A lavradora velha era uma santa pessoa; dava a impressão de ser avó de toda a gente, porque tinha para todos disvelos e atenções que aos netos se prodigalisam. Tambem não desgostava de ir ao Monte do Alto, porque o lavrador, muito honesto, tinha um falar engraçado. Pagava renda a um padre de Garvão, e como não sabia ler, inventou uma escripta idiografica, que servia para a correspondencia entre rendeiro e senhorio.

Perguntava-lhe meu pai, ás vezes, para alimentar a conversa:

— Então, visinho Antonio, ha muito tempo que não vê o seu padre?

— Escrevile soutro dia, relativo á pastage. O homem, este ano quere uma asneira, que não ha ninguem que possa dar. Se teimar na sua, ha-de elle vir comel-a, se a quizer aproveitar.

Um dia, já me chamavam doutor, por antecipação, fui caçar para lá do Monte do Alto; de tres lebres que os cães levantaram, e correram, duas foram apanhadas, a segunda já na eira do Monte. As lebres, quando sentem o focinho do cão a tocar-lhes quasi no pêlo, só pensam em fugir; o seu instincto de conservação passa-lhes inteiramente da cabeça para as pernas. Entram num povoado, como se ali tivessem asilo seguro; atiram-se a um pego, como se fossem capazes de nadar.

— Bôas tardes, sr. Antonio.

— Venha com Deus, sr. doutor.

Empiolo a lebre, que a *Andorinha* guardava entre as patas dianteiras, com o focinho a tocar-lhe o lombo, e como ainda o sol ia alto, vá de taramelar.

— Pelo visto o sr. doutor não gosta de atirar á caça?...

— Gosto; mas com os cães, e em terra limpa, não é preciso espingarda.

— Sempre é bom. A's vezes a caça furta se

aos cães; se ouve um tiro, atrapalha-se e deixa-se apanhar.

— O sr. Antonio, noutro tempo, tambem era caçador, e tenho ouvido dizer que lhe dava menos mal.

—Isso sim!... Fui sempre um marteleiro. Lebres, em toda a minha vida, só matei duas, e ambas as duas na cama; coelhos, a não ser á espera ou ao candeio, não me lembra de ter morto uma duzia. Ha homem que não perde uma carga de chumbo. Os nossos visinhos da Bispa, do mais velho ao mais novo, todos atiram bem. O Joaquim é o mais pimpão; mas todos elles sabem meter uma espingarda á cara.

Fomos andando, sempre a conversar, e quando chegamos á porta do Monte o visinho Antonio não me dispensou de entrar.

— Para jantar é tarde, e para cear é cêdo. Mas sempre petisca alguma coisa, o que houver, que isto da caça abre muito a vontade. Sempre ouvi dizer — fome de caçador e sêde de pescador. Que eu, neste particular, curo por informações, porque nunca fui uma coisa nem outra.

Seria grave desfeita não comer, e o melsinho, muito loiro, muito puro, duma transparencia cristalina, fazia crescer a agua na boca.

— E' sem cerimonia. Faça favor sirva-se á sua vontade.

— Daqui ao Monte são dois passos, e quando lá chego está a ceia na meza.

A Parrancinha, governanta do lavrador, quiz á força que eu comesse um bolo, um só que fosse, dos que ella tinha posto na meza, e que eram duma função a que tinha ido, na vespera, como madrinha, a Messejana. Fiz lhe a vontade, e com isso ficou visivelmente satisfeito o patrão.

— Ainda por aí não vi uma seara como a sua, sr. Antonio. O trigo que tem á estrema das Mezas, a desandar para o barranco, não podia estar melhor.

— A searinha está boa, graças a deus. Se o tempo lhe servir até final, deve fundir bem.

— O sr. Antonio emprega os adubos?

— Qual!... Eu nem sei o que isso é... Tenho ouvido dizer que ha uns ingredientes que se botam na terra, em vez de estrume, mas nunca vi. Os terrenos são diferentes uns dos outros, e talvez os nossos não sejam proprios para esse tempero. Já se me constou que o Viriato usa os tais adubos; mas os resultados não devem ter sido grandes, porque o homem anda ahi sempre ó tio, ó tio, a ver quem lhe empresta algum vintem, e ás vezes nem para a semente lhe chega o que recolhe. Já se vê, isto são coisas que a gente ouve dizer, que o homem a mim nunca me pediu nada.

— O que é verdade, é que as terras estrumadas dão melhores searas...

— E' conforme, sr. doutor. O ano passado tinha eu uma folha estrumada á rêde, toda ela, e outra que não tinha levado uma pitada de estru-

me. Pois a primeira deu pouco mais que a semente, e a segunda, obra de seis quarteiros, deu passante de seis moios. Lavradores como eu não sabem nada; é esta rotina dos nossos pais, que faziam o mesmo que tinham visto fazer aos pais deles. Mas tenho cá para mim que nisto de searas, o que as faz bôas ou ruins é o tempo. Bem entendido, ha umas terras melhores que outras, mas em o tempo servindo, até as pedras dão trigo. O verdadeiro estrume, sr. doutor, é Deus, e tudo mais são historias.

A matança!

Desmanchar o porco não me interessava grandemente; em breves audiencias o Narciso fazia esse serviço, ele só, porque em trabalhando com as creadas era um laneiro pegado, e ele tinha uma ponta de lingua de meter mêdo. Mais tarde, quando se faziam os chouriços, eu não me dispensava de assistir, á cata dum *ratinho*, que vinha a ser um bocado de tripa, rôta em dois pontos, só aproveitavel, por brincadeira, para um chouriço pequenino.

Era da praxe, em dia de matança, distribuir-se aguardente pelo ganhões que tinham entrado na funçanata, e essa distribuição era eu que a fazia, copo a este, copo áquele, dobrando a dose para os mais velhos, porque necessitam, diziam eles, de mais calor que os moços.

No rescaldo da fogueira, alimentada com alguns tanganhos grossos, punha-me a assar o meu quinhão, a minha assadura, como se lhe chamava, e que umas vezes era o rabo — reparta com os manos! — outras vezes era a metade duma orelha, quando minha mãe as não requisitava inteirinhas, as que fossem, para serem comidas ao almoço, assadas nas brazas, com azeite e vinagre, cebola picada e uns raminhos de salsa.

A matança!

Gostava de me aquecer ainda ao calor duma grande fogueira, a arder á empena do Monte, por uma fria manhã de Dezembro, atirando para as chamas grandes paveias de tojo seco, extasiado a ver a lavareda, em cone, abrindo um rasgão de luz na escuridão da noite — como as almenaras do velho tempo mourisco, reverberando nas atalaias perdidas.

A Verruga

Era assim que toda a gente lhe chamava — a Verruga. Recebera na pia baptismal o nome de Francisca, e como o pai se chamava José Ameixa, ficou ela sendo, em franganota, a Chica Ameixa, e depois de mulher feita, a senhora Francisca Ameixa — uma sua criada. Maridou-se com um sagôrro, que tinha a alcunha de Verruga, e logo o povo entrou a chamar-lhe pela alcunha do marido, o que a arreliava muito, a principio, acabando por não fazer caso.

Duma vez o Jacinto Mestre, conhecido pelo Marmelo, estando numa roda, á porta da venda, como a Verruga passasse, dando as bôas tardes. sem olhar para a familia, perguntou-lhe, piscando o olho aos companheiros:

— O' senhora Francisca! Vocemecê é das ameixas que se vendem?...

E ella, muito prompta, disfarçando a raiva no desdem:

— E vocemecê, sr. Jacinto, é dos marmelos que se dão?

Morto o Verruga, maioral de ovelhas, imediatamente a viuva tratou de arranjar casa na Aldeia, despedida pelo feitor e farta do isolamento do Monte, dia e noite metida entre quatro paredes, sem visinhança, porque a caseira, muito opiniosa, não queria relações com ela

— Parece a mulher que se derrete em vendo um homem.

O Verruga, além do seu povelhal, tinha umas cabecitas á sociedade, na Defeza, e destas a viuva se desfez, vendendo-as um pouco ao desbarato, para não ter que aguardar as feiras. Arranjou um par de vintens, e com o que tinha no pé de meia, ao canto da arca, abilitou-se a comprar uma bela morada, a melhor que havia na Aldeia, tirando a Casa Grande.

Naquele tempo os pastores eram os unicos trabalhadores rurais que ganhavam com os dentes para comerem com as gengivas.

Não era que as soldadas fossem uma coisa por aí além, variando entre doze míl réis e tres moedas; mas tinham o povelhal, que lhes rendia bôas libras.

Dentre os maiorais, os ovelheiros eram os que melhor se governavam; em poucos anos habilitavam-se a comprar uma courelita, uma parelha, um carro, preparando a sua vida para quando

deixassem o gado, remediados bastante para não terem necessidade de servir outrem.

Por um milagre que os lavradores explicavam com toda a facilidade, o gado do maioral era sempre o melhor do rebanho; os seus borregos nunca morriam, mesmo quando os do patrão caiam como tordos. Geralmente o povelhal compunha-se de sessenta cabeças de ventre, todas elas duma admiravel fecundidade. Não podiam conservar os borregos para além do S. Miguel, e como as ovelhas sabiam isso, combinavam-se para só parirem borregas, o maior numero, e estas o lavrador deixava-as andar no rebanho, fazendo a vista grossa. Por acaso se forrava uma ovelha do maioral; ao assignarem-se os borregos, geralmente na primeira sexta-feira de Março, era sabido que as ovelhas do povelhal estavam todas paridas, e os seus borregos eram tão perfeitos que pareciam malatos.

São muito boas mães, as ovelhas; nelas o sentimento ou instinto maternal é tão grande e tão imperativo, que facilmente adoptam um borreguinho que lhes cheguem ás tetas, se teem a má sorte de lhes morrerem os filhos pouco depois de nascidos. Assim se explica que, chegado Março, das ovelhas do patrão havia muitas forras; das ovelhas do maioral, nem meia.

Os ovelheiros tinham comedorias reduzidas á sua expressão mais simples; davam-lhes vinte e um pães por semana, uma canada de azeite por

mês, um quarteiro de trigo ensacado, e por favor, de vez em quando, uma manchinha de sal. No tempo da ordenha, de Março a Junho, quasi se alimentavam a leite, e era precisamente nessa quadra do ano que as mulheres iam ter com eles mais vezes, não se dispensando de levar um tarro vazio, que traziam para casa cheio. A lã do povelhal era pesada á parte, mas era vendida juntamente com a do lavrador, fazendo toda ela um fato. Os borregos do maioral é que raramente eram expostos á venda, na feira, juntamente com os dos patrões, porque valiam sempre um pouco mais.

Era uma velha usança, que todos respeitavam, serem para o maioral as peles dos borregos que morriam antes de assinados, e a pele dum borrego com quatro a cinco meses já valia dinheiro. Uma achega, que era certa, para os que não eram gulosos de pastagem, consistia nos presentes discretos que lhes faziam os visinhos — tabaco ou conductos, carne fresca pela matança, a costa fôfa, de farinha alva, pelo Natal, e o folarsinho da Pascoa, com quatro ovos de galinha.

Havia gerações de pastores; os pais tomavam para ajuda os filhos, logo que eles podiam andar atraz do gado, de começo sem ganharem nada, mas dentro em pouco ganhando comedorias. A soldada vinha depois, quando o rapazote já era uma utilidade, embora minima.

— Se o patrão hade concertar um moço, eu

governo-me com o meu. Em ganhando para o calçado, já me dou por sastisfeito.

Pedra movediça não cria limos, e os pastores, sabendo isso, conservavam-se o mais que podiam na casa em que primeiro se haviam ajustado, muitos só a deixando quando se inutilisavam ou quando se metiam a seareiros.

— Quero dizer ao patrão, para se governar a tempo, que eu este ano deixo o gado.

— Se é por causa da soldada, a gente a falar é que se entende.

— Não é isso, patrão. Eu não deixava a sua casa, para ir conhecer um amo novo. Estou aqui há uns poucos de anos, e como o outro que diz, quem me comeu a carne que me rôa os ossos. Estou cansado; as pernas já me puxam muito p'ra baixo, e por mais que eu queira, não faço a minha obrigação como noutro tempo. Tenho os moços casados; com a ajuda de Deus, para eu viver e a velhota, sempre se há de arranjar um bocadinho de pão.

Os ganhões eram gente de levante, amigos de provar caldos, fazendo aqui o inverno, e indo fazer além o verão. Alguns havia, muito poucos, que serviam toda a vida, ao menos por largos anos, o mesmo amo; mas a grande maioria era de pedras movediças, pouco se lhes dando cortar o ano sem motivo nem rasão.

— Faça favor diga lá ao patrão que me faça as contas, que eu vou-me embora.

— Que mosca te mordeu, rapaz?

— Não me mordeu mosca nenhuma; quero-me ir embora.

— Bem sabes que quem entre pelo S. Miguel não sae quando quere...

— Quando me ajustei não fiz escritura de estar aqui toda a vida. Creados não faltam a quem paga, nem faltam amos a quem é capaz de trabalhar.

O futuro dum ganhão, ao cabo de cincoenta ou sessenta anos de trabalho, era andar com um alforjinho ás costas, falquejando pelos Montes, alargando mais ou menos a volta, conforme o vigor das suas pernas tremelicantes. Os que conheciam a sua longa vida de trabalho honrado, davam-lhe esmola avultada, e isso lhe permitia encurtar os passos, regressando a casa com o alforjinho cheio.

— Este, emquanto poude cuspir nas mãos, não o comeu á bôa vida.

Tudo era barato naquele tempo; mas o que poderia economisar um pobre diabo que ganhava por mês entre meia moeda e tres quartinhos, todas as suas despesas saíndo dos seus ganhos, acrescidos estes do que a mulher ganhava nas mondas e na apanha da azeitona, se não tinha filhos de mama, que a impedissem de ir aos trabalhos do campo?

Nos recuados tempos do Verruga, uma eter-

nidade de cincoenta anos, um dia de monda pagava-se com quatro vintens, um tostão, e as moças de quinze, dezeseis anos, não eram admitidas como mondadeiras. A apanha da azeitona regulava pelo mesmo preço, mas este trabalho fazia-se muitas vezes por empreitada, a base sendo a jorna por cada saco da capacidade de cinco alqueires. Hoje uma mondadeira ganha, pelo menos, quatro escudos, e o lavrador que não admite a franganada, moças entre os dez e os quinze anos, ganhando como as mulheres, arrisca-se a não ter quem lhe faça a monda.

— Se não lhe serve a filha, tambem lhe não serve a mãe.

Os criados d'ano, ajustando-se uns pela Santa Maria, outros pelo S. Miguel, tinham especiais regalias, que muito avolumavam os seus magros salarios—um bocado de relvão para semearem aveia, duas ou três geiras para semearem trigo, as mais das vezes a semente emprestada, a pagar nas colheitas. Aos que já eram velhos na casa, o patrão emprestava-lhes uma parelha e um carro para carregarem o pão para a eira, sucedendo algumas vezes dar-lhes uma ajuda á ceifa, se a seara ficava á mão, quando os ceifeiros mudavam duma folha para outra.

O jornaleiro punha acima de tudo a sua liberdade, nos dias em que trabalhava, livre desde que o sol se punha até que nascia, e nos domingos livre todo o santissimo dia, folgando nos soalheiros

ou na taberna. No inverno perdia muitos dias de trabalho, o que não sucedia aos ganhões, mesmo aos que andavam concertados ao mês ou pela temporada, porque esses, desde que estivessem presentes, se não trabalhavam por causa do mau tempo, ganhavam como se trabalhassem.

Sob o ponto de vista economico, o maioral era o burguês e o jornaleiro era o proletario na sociedade rural. Só por excepção, de que eu não conheci um unico exemplo, o pastor acabava os seus dias na indigencia, pedindo esmola, e tambem só por excepção o jornaleiro tinha uma velhice repousada, sem olhar ás mãos de ninguem, formiga laboriosa e previdente que enceleira no verão — a mocidade robusta e fecunda, para comer no inverno — a decrepitude enregelada e doente.

O tio André — estou a vêl-o! — trabalhou emquanto teve força e saude, e duraram-lhe estes dons até para além dos setenta anos. Creou os filhos como Deus foi servido, pondo-os a trabalhar ainda tenrinhos, e quando já não podia fazer os serviços dum ganhão, tirando daí o seu sustento, viuvo de muitos anos, concertou-se para guardar uns bacoritos, á roda da aldeia, trabalho de moço pequeno, e nem sequer esse poude fazer por muito tempo, porque se lhe negavam as pernas a meia duzia de passos. De minha casa lhe ia o comersinho, que ele agradecia, chorando, porque esta caridade o livrava de ir para o Hospital, a que tinha um horror sagrado, livrando-o ao mesmo

tempo de se vêr deitado ao almargem, como um animal já sem prestimo.

— Faça favor diga lá á senhora comadre que isto está acabado, e que eu lhe peço, por alma de quem lá tem no outro mundo, que me dê a mortalha.

Um dia, sentado á porta da senhora Teresa Mestra, aquecendo-se a uma restea de sol, num dia frio de Março, o tio André regalava-se, com um jantarinho de lebre, ajudando a digestão com uma pingoleta de vinho, que meu pai lhe mandara dar. Nisto chegou o maricas do Narciso, vindo do Monte, a cavalo num macho, e apeando-se ao pé do velhote, disse-lhe com a maior naturalidade deste mundo:

— Tio André, a sua comadre das Mesas manda-lhe dizer que em querendo morrer já pode, que a mortalha está feita.

— Seja tudo pelo amôr de Deus!

Acabou o resto da comida, bebeu o ultimo golo de vinho, limpou a bocca á manga da jaqueta e poz-se a rezar em voz alta — Padre Nosso que estais nos céos — por intenção dos seus bemfeitores. Acabada a resa pediu um cigarrinho, que lhe deram, já aceso, e á segunda fumaça, pendendo-lhe a cabeça sobre o peito, entregou a alma ao Creador.

A historia do tio André era a historia de todos, da quasi totalidade dos jornaleiros, só com a diferença dos outros não terem uma santa comadre

que os alimentasse e vestisse, ainda por cima dando-lhes a mortalha, para não irem para a cova, levados na tumba, enrolados num lençol velho, esburacado, as mãos postas como numa derradeira prece.

*

O habito de viver no campo, sem outra sociedade que não fosse a do seu gado, só de longe em longe indo passar uma tarde, raramente um dia inteiro, na Villa ou na Aldeia, fazia com que o maioral tivesse maneiras e atitudes que não tinham os outros rurais, exprimindo-se até numa linguagem peculiar, que denunciava o vinco da profissão. Tudo nele era original — a sua rudeza campesina, a sua esquivança de animal bravio, a sua indumentaria, que ainda hoje subsiste, com pequenas alterações. Desapareceu o botim, que era uma especie de polaina de couro, com fivelas de metal amarelo, cobrindo o sapato até á raiz dos dedos. Desapareceu o calção de tripe, dum azul aveludado, macio á vista, fechado adiante, aberto ao lado, em alçapão, descendo até abaixo do joelho, provido de algibeiras, grandes como taleigos. Subsiste a samarra, com o feitio de sobrepeliz, já hoje sem a utilidade que tinha noutro tempo, sem teto a malhada, reduzida a cama a um pouco de mato, por baixo do qual escorria a agua da chuva. O maioral dormia de papo para o ar, de modo que metade da samarra

servia-lhe de colchão, e a outra metade servia-lhe de cobertor.

Subsiste a pelica, que é um grande casaco de abafar, um sobretudo que desce até ao buxo da perna, umas vezes fechando com botões, outras vezes fechando com fivelas, e tanto num caso como noutro fazendo uma caixa de ar, quente como o borralho. Ainda subsiste a casasa, na maior parte dos casos sem gola, constantemente sem mangas, a aba unica, de forma rectangular, descendo até á curva dos joelhos. Os safões tambem subsistem, e são hoje o que eram então, sem mudança sens vel. O maioral, forrado de peles lanudas, e para o seu vestuario escolhia sempre as de melhor lã, defendia-se bem dos rigores do tempo, no inverno, e isso lhe permitia resistir ás investidas do reumatismo, que ás vezes, a experimentar, lhe apalpava as juntas.

O jornaleiro, nem mais instruido, nem mais educado que os maiorais, considerava-se de uma classe áparte, mais elevada na hierarquia social, tendo adquirldo, por atricto, um polimento que os maiorais não tinham, e que servia a estabelecer entre uns e outros a diferença que naturalmente ha entre um animal que vive na domesticidade e um outro, da mesma familia, que vive no estado de natureza, esbatida a selvageria primitiva por lhe terem passado alguns seculos de civilização por cima.

As moças não gostavam de balhar com maiorais

desageitados, tratando-as como se fossem uma resgalha, mexendo-se muito devagar, tornando se ridiculos quando o seu par ia ao meio executar uns passos de dansa.

A comadre Narcisa, filha de maioral, casada com um maioral, usava muito esta frase desdenhosa:

— Balhos em que entra a moiralada, perdem a graça.

Certo é que os maiorais, naquele tempo, como hoje, eram os rurais que melhor se governavam, alguns chegando a fazer uma pequena fortuna, e nenhum deixando de amealhar o bastante para ter uma velhice repousada, independente de todos, sem necessidade de contar com a problematica generosidade dos filhos.

O Verruga não fazia excepção á regra, muito pelo contrario. Começara por ganhar dinheiro muito novo, aos dez anos, e desde então, tirando o tempo que passara na tropa, nunca deixou de estar concertado. Não tinha familia a sustentar, e o que gastava comsigo era pouco mais de nada. A bem dizer as suas economias representavam a totalidade dos seus ganhos.

Para não vender o povelhal, quando assentou praça, deu o gado á sociedade, com excepção dos borregos, que o patrão lhe comprou, sem ajustar, comprometendo-se a pagá-los ao preço corrente na feira proxima.

Passou á reserva com a baixa limpa, sem o

menor castigo, estimado de todos, porque tinha um comportamento exemplar. Os camaradas encontravam-no sempre bem disposto a servi-los, inclusivamente emprestando-lhes algum dinheiro, pois tinha artes de nem sequer gastar o pret, que era de quarenta e cinco réis. Quando apertavam mais os trabalhos do campo, pedia e obtinha licença de algumas semanas, e porque era muito geitoso, facilmente encontrava amo, quer fosse para as ceifas, quer fosse para as eiras, tão desembaraçado com uma foice nas unhas, como a manejar uma forquilha ou uma pá.

Por feliz acaso, o maioral que o substituira deu o tempo por acabado na ocasião em que ele chegava da Praça, e como o patrão o tinha em muita estima, tomou logo conta do gado, sem mais ajustes, porque nem ele pretendia ganhar mais, nem o amo pretendia dar-lhe menos.

Por este tempo a ladroagem andava desenfreada no sitio, e os pastores eram a vitima predilecta dos audaciosos gatunos.

Um dia o Verruga, por voltas do sol posto, recolhendo o gado á rêde, verificou que da malhada desaparecera tudo, escapando por milagre uma jaqueta de peles debaixo dum feixe de lenha. Jurou que havia de apanhar a ladrão, e porque jurara por alma da mãe, esse juramento ficou sendo a mais sagrada das suas obrigações.

A partir daquele dia, como sentinela vigilante, nunca mais o Verruga perdeu a malhada de vis-

ta, andasse lá por onde andasse, pastoreando o seu gado na herdade, quasi chata como um fundo de alguidar. Uma ou outra prega do terreno poderia encobrir-lhe o seu ponto de mira, o alvo das suas atenções; mas ele, disfarçadamente, arranjava as coisas de modo a que isso nunca acontecesse, encontrando-se sempre, por acaso, a amparar o gado pela banda de cima.

— Hei de apanhá-lo, tão certo como a feira de Castro.

A' cautela, não fosse o diabo tecêl-as, guardava no Monte o melhor da sua turgia, dispondo o resto no arquiz, por forma a dar a impressão de estar ali tudo o que é dado a um maioral — mantas, peles, comedorias.

Quem sabe?

Talvez os meliantes resolvessem não lhe roubar mais nada, ou andassem por outros sitios, longe dali, exercendo a sua industria. Estas considerações davam-lhe uma relativa tranquilidade, mas não desarmavam a sua vigilancia, preso a um juramento sagrado, que era a mais imperiosa obrigação da sua vida.

Eis senão quando, um dia, pela meia tarde, o Verruga lobriga um maltez que caminhava em direcção á malhada, olho atrás, olho adiante, fazendo pequenos e amiudados altos, mirando á roda, no justificado receio de ser apanhado com a boca na botija.

O rebanho não se via do caminho que o mal-

tez levava, metido num grande lavajo, onde abundava a herva, muito perto da extrema da herdade. Mas o Verruga estava á espreita, metido numa carrasqueira que o encobria, sem lhe tirar a vista da malhada.

— Eu já te faço as contas!

Abalou, cosendo-se com o chão até se apanhar no barranco proximo, ao tempo sem agua, bordado de grandes junqueiras, e uma vez aí desatou a fugir com toda a força das suas pernas rijas, se bem que pouco habituadas a balgas. Saíu do barranco quando viu o maltez pendurado no arquiz, a depená-lo. Deixou-o fazer a trouxa, que enfiou no cacete, pondo-o ao hombro, e logo que viu a direcção que ele tomava, fez um rodeio, a passos largos, no proposito de lhe saltar pela frente, já fóra da herdade.

Saíu-lhe a coisa á medida dos seus desejos.

Havia uma azinheira, de grande copa, á beira da estrada, e foi aí que o Verruga se fez encontrado com o maltez, homem forte, dos seus quarenta anos bem puxados, o ar desembaraçado de quem não é mole dos queixos.

O maltez, assim que o viu, poz a trouxa no chão, e preparou se para a dansa.

Sem lhe dizer palavra, cego pela furia, o Verruga atirou-lhe uma cacheirada, que o teria emborcado, se o apanhasse. Mas o ladrão fugiu-lhe com o corpo, dando um salto para a banda, li-

geiro como um gamo, e poz-se a fazer sarilho com o bordão, como num jogo de pau.

— Você tocar, não me toca. O melhor é pegar nisso, e ir-se embora.

O Verruga confiava tanto na sua valentia como o maltez confiava na sua agilidade. Travou-se o duelo, sem testemunhas, desesperado por banda do maioral, sereno por banda do ladrão, que se mantinha na defeza, aos saltos, como um gingão, e umas vezes por outras aparando no fangueiro as cacheiradas que o Verruga lhe despedia, cego de raiva.

Era o maltez, como ao depois se soube, um daqueles facinoras que nas carvoarias procuravam refugio e protecção contra a Justiça dos tribunais, que não se atrevia a ir lá busca-los. Todos os carvoeiros eram bons jogadores de pau e de navalha, alguns havendo que deitados no chão, de costas, com a navalha presa a um cordel, sem lhes falhar um, contavam todos os aguieiros do telhado. Dois carvoeiros, fazendo costas, varriam uma feira, saindo quasi sempre ilesos da borrasca. Moços que não queriam assentar praça, repugnando-lhes ao mesmo tempo andarem fugidos, a monte, hoje aqui, ámanhã acolá, iam meter-se numa carvoaria, seguros de que não iriam lá incomodal-os. Era um privilegio do direito medieval, que as carvoarias se arrogavam altivamente, e defendiam com ferocidade. Sucedeu, no concelho de Alcacer, ser compelido a assentar praça

um mancebo, que deveria ficar isento pela apresentação do que tirara um numero imediatamente mais baixo, e que desaparecera do sitio quando devia apresentar-se. Vá de procurar o desertor, e ao cabo de longas e pacientes diligencias, veiu a saber-se que ele se acolhera a uma carvoaria de Santa Suzana, como num reduto inexpugnavel. Foi lá o pai do moço. na companhia de dois irmãos, homens desembaraçados, e cinco cabos de policia qne o administrador tinha cedido para o intento. Três dos cabos ficaram lá, com as tripas de fóra; os dois tios do moço retiraram com as costelas num feixe, e o pai deu-se por feliz em sair da contenda só com um braço partido e uma ferida na cabeça, de que jorrava o sangue a burdos.

Certo é que o Verruga não conseguira tocar no maltez, e como dispendesse muita força em pura perda, já previa o momento em que o adversario, deixando de se defender para atacar, lhe poria as uvas em pisa.

Nisto ocorreu-lhe que tinha metido três calhaus na cinta, para o caso do maltez fugir, certo como estava de que não erraria o alvo, e que bastaria acertar com um para o fazer ir de ventas á torneira. Recuou uns passos, e antes que o maltez se apercebesse da manobra, ferra-lhe uma barroqueirada no peito, quebrando-lhe a azelha esquerda. Assim desasado o meliante, com uma clavicula partida, o Verruga põe-se a malhar nele

como em centeio verde, acabando por lhe saltar em cima a pés juntos.

— Tinha jurado por alma de minha mãe que mas havias de pagar. Ainda que eu tivesse de ir aos quintos infernos procurar-te, havia de cumprir a minha jura.

O maltez não dava signais de vida, mas o Verruga ainda deitou os olhos a uma grande pedra que estava á beira da estrada, com ideias de lh'a pôr em cima da cabeça, para mais completa segurança.

Não o fez, e deixando cair sobre o miseravel um olhar demorado, em que havia mais odio que piedade, deitando a mão á trouxa roubada, voltou para a sua obrigação.

Passadas umas poucas de semanas, alguns meses, uma noite, escura como breu, estando o Verruga deitado na malhada, quasi a pegar no somno, ouviu o gado dar pancada dentro da rêde, esganiçando-se os cães numa inferneira de ensurdecer.

—E' bicho!...

Ergueu-se num prompto, deitou a mão ao cajado, e para ver onde punha os pés, acendeu uma candeia de bica, que tinha ali, para quando as noites eram assim opacas, sem uma restea de luar, sem uma reverberação de estrela.

Não chegou a dar um passo fóra da malhada. O som dum tiro ecoou no silencio da noite, tão

profundo como a escuridão, e o Verruga, atingido por uma bala nas arcas do peito, caiu para a frente, desamparado, dando um baque como se fosse massa inerte. Em menos de nada estava-lhe ao pé o assassino, o maltês que ele deixára por morto, debaixo duma azinheira, havia meses. Curvou-se para verificar se tinha bafo, e convencido de que o despachara desta para melhor, pregando-lhe um pontapé na cabeça, abalou cortando o negrume da noite, feroz como o crime, tragico como a vingança.

Porque não tinha os dias contados, o Verruga, levado para o hospital, por muito tempo suspenso entre a vida e a morte, acabou por se restabelecer, ficando-lhe a bala no corpo, sem dar signal de si, talvez cravada num osso, talvez enkistada nos tecidos moles.

Foi toda a gente de opinião que ele devia abalar d'ali, deixar o gado e o sitio, ir para fóra de vila e termo, desnorteando o maltez, que não deixaria de voltar á carga, tentando novamente dar-lhe cabo do canastro.

Tomou o Verruga o conselho, e um belo dia, sem dizer a ninguem que rumo tomava, abalou um pouco ao acaso das pernas, trocando as estradas pelos atalhos, no receio dum mau encontro.

Por um acaso feliz, no Monte de S. João tinham falta dum maioral, e como ele dissesse que toda a sua vida a passara atraz das ovelhas, em-

bora o não conhecessem, concertaram no. Bom servo, bom camarada, de todos era estimado, embora por alguns olhado com desconfiança, por ter ali aparecido de cajado na mão e a manta ao hombro, com mais ares de maltez que de pastor. Certo é que fazia muito belamente a sua obrigação, cuidadoso como nenhum outro, sabendo na perfeição tudo o que lhe era dado, como pastor, desde a tosquia á ordenha. Para ele não havia domingos nem dias santos, e como no Monte lhe tratavam da roupa, raramente ia á aldeia, desafiado pelos outros ganhões. Muito economico, evitava as ocasiões, mas quando se encontrava nelas, gastava como qualquer outro, andando o seu dinheiro sempre na casa dianteira.

Já a desandar para os cincoenta anos, sentindo a mocidade fugir-lhe e a velhice aproximar-se, entrou a pensar no aconchego duma casinha pobre, mas bem cuidada, um lar que já não poderia ser para ele uma primavera florida, com os filhos a encherem-no duma alegria ruidosa, mas que podia muito bem ser um inverno confortavel, a carinhosa solicitude duma companheira, recebida á face de Deus, ajudando-o a levar a sua cruz, nos ultimos passos do seu calvario.

Economisar para quê?

Assim como assim, quando adoecesse teria de ir para o hospital, como o ultimo dos miseraveis, nem sequer tendo um remoto parente que, por interesse, o levasse para sua casa, na esperança

de vir a herdar os seus modestos haveres que, apesar de modestos, pagariam bem o incomodo que com ele tivesse numa doença prolongada.

Andava ele nestas magicações quando lhe apareceu, uma tarde, a senhora Francisca Ameixa, toda endomingada, vindo das bandas de Alvalade.

— Tenha vocemecê muito boa tarde.

— Salve-a Nosso Senhor.

Enrolou na cintura, para a não sujar, a saia de cima, muito comprida, como se usava ao tempo, e sentou-se no chão, perto do Verruga, cruzando as pernas como na joeiração do trigo, as mãos nos joelhos, espalmadas, no geito preguiçoso de quem dispõe do seu tempo, e não se lhe dá consumi-lo a tagarelar.

— Tenho os pés que nem os sinto.

Fôra ás Sesmarias comprar mel para a frasca do S. João, porque o não havia na Aldeia. As moças tinham-se lembrado de armar um mastro na sua rua, quasi á sua porta, e ela prometera dar-lhes uma porção de frasca — argolas, biscoitos, pepias caiadas — para o enfeitarem. Os lavradores não lhe venderam o mel, deram-lh'o — não é nada, sr.ª Francisca — e ainda por cima a obrigaram a demorar-se para jantar, em riscos de lhe anoitecer no caminho, longe da Aldeia.

— Vocemecê, ainda que mal pergunte, não é cá dos sitios?...

Ele, sem indicar precisamente a terra da sua naturalidade, foi dizendo que era da Serra, mas

que não tinha lá parentes, ignorando se ainda viveriam uns primos que tinham ido para o Brasil, havia já um bom par de anos, e dos quais nunca houvera novas nem mandados.

— E' viuvo?...

— Nunca fui casado. Dizem que Deus Nosso Senhor fez as almas inteiras, e que depois as partiu ao meio, espalhando as ametades pela Terra, misturadas, e cada uma que procure a sua companheira, até a encontrar. As que se encontram, são felizes; as que não se encontram andam no mundo ao Deus dará, como uma cabeça que se perdeu, e não come nem descança á procura das outras, sem dar com elas.

— Isso são historias da carochinha. Quem faz uma panela faz logo o texto para ela. Só não casa quem não quer.

— Assim será, não digo que não; mas sempre ouvi dizer que casamento e mortalha no céo se talha, e tenho cá na minha que ha creaturas para quem Deus Nosso Senhor não talhou nem uma coisa nem outra. Eu sou d'essas. E vocemecê é casada?

— Eu, não, senhor. Nunca encontrei forma do meu pé, e preferi ficar solteira a casar com um diabo que vivesse do meu trabalho, e ainda por cima me enchesse a barriga de estoiros.

Interrompeu a conversa um caçador que ali chegou, e pediu lume ao Verruga para aceendr o cachimbo.

— Deixei em casa a pederneira, a isca e o fuzil, e ainda não encontrei uma alma de Deus que me ajudasse a matar o vicio.

Abalou, e como já não se lobrigasse o sol, muito baixo, coando atravez da ramaria das azinheiras mais altas os seus ultimos raios, ainda quentes, a Ameixa ergueu-se e desenrolou a saia, pegou na enfuzinha do mel, e tratou de se despedir.

— Fique-se com Deus, senhor... E' verdade, ainda me não disse a sua graça ..

— João, para o que lhe fôr prestavel.

— Eu chamo-me Francisca. Lá o espero na Aldeia, pelo S. João. Hade balhar comigo ..

Lá adiante, numa curva da estrada, a Francisca olhou para traz, e viu o maioral a segui-la com os olhos, encostado ao cacheiro, talvez o mesmo com que zurzira o maltez, deixando-o por morto á sombra discreta duma azinheira, iam passados muitos meses.

A partir daquele dia, em que o acaso o puzera a conversar com a Ameixa, o Verruga não pensou em mais nada senão em casar-se, e dizia-lhe o coração que a senhora Francisca era a mulher que lhe convinha, já na casa dos quarenta, perfeitaça, muito correntona em suas falas, bem feita de corpo e um palminho de cara que não metia medo a ninguem.

Na vespera de S. João, á noite, lá estava ele na Aldeia, com outros ganhões, e como o mas-

tro da Ameixa fosse o mais bem enfeitado, rico de frasca, com as flores vermelhas do loendro rindo por entre o verde dos mentrastos e dos choupos, foi ahi que eles estacaram, com enorme satisfação da senhora Francisca Ameixa, que não cabia em si de contente.

— Vamos desfazer um par, sr. João ?

— Nada, desafie outro, que eu não sou para essas coisas.

Não balhou; mas levou toda a santissima noite a devorar a senhora Francisca com os olhos, seguindo-a em todas as voltas que ela dava, inquieto quando ela desaparecia do balho, por breves instantes.

A sua resolução estava tomada — casaria com a Ameixa, se ela estivesse pelos ajustes. Tirou inculcas, e veiu a saber que ela tinha uma reputação estragada, leve de cabeça desde muito nova, dando trela a todos que lhe arrastavam a asa, namorando todos que a cortejavam, e levando as suas liberalidades amorosas para além dos mais faceis limites marcados pela decencia. Duma vez que ela abalou da Aldeia, sem dizer para onde ia, fazendo uma ausencia de mês e meio, chegou a dizer-se que estava no fado, em Beja, e um moço que servia no 17, impedido do major Galinha, mandou dizer á familia que a tinha visto de saias engomadas, na Rua da Branca, em que eram obrigadas a viver as infelizes que tinham matricula na policia. Era mentira; mas o facto

de se dizer e se acreditar, mostra até que ponto se desconceituara a Francisca Ameixa, aliás muito estimavel por outras qualidades boas que possuia.

Assim ferido, brutalmente, no coração, o Verruga lamentou se de que o maltez o não tivesse morto a valer, pregando-lhe um tiro nos cascos, estupidamente convencido de que uma bala que entra no peito dum homem, atravessando-lhe o bofe, ha de por força mata-lo! Dizia lhe a cabeça que fugisse, dizia-lhe o coração que ficasse, e ele sofria, irresoluto, puxado em direcções contrarias por duas forças iguais, uma que era a salvaguarda da sua honra, outra que era a satisfação do seu apetite. Andava alheado de si mesmo, como se lhe tivesse fugido a alma, sonambulo atrás do gado, de dia sem comer, de noite sem dormir, mirrando se a olhos vistos. Nada o interessava, nada o distraia; todos os sons lhe pareciam lamentos, todas as côres lhe pareciam gradações do preto, como se a Natureza estivesse de luto.

Se ao menos pudesse desabafar num peito amigo!

Ocorreu-lhe então que o feitor, desde o primeiro dia, mostrava ser-lhe afeiçoado, inspirando-lhe ultimamente tanta confiança, que o puzera ao facto da sua aventura com o maltez, não hesitando em lhe dizer que estava na resolução de o matar se ele por ali aparecesse algum dia.

Foi procura-lo, e em breves palavras, humedecidas de lagrimas recatadas, pôl o ao corrente do que se passava, pedindo o seu conselho.

— Nestas coisas, sr. João, a gente não sabe o que hade dizer. A mulher tem-se portado mal, como vocemecê já sabe, e no meu fraco entender o casamento não lhe mudaria a natureza. O que o berço dá a tumba o leva, e o mais certo é a Ameixa seguir até ao fim da vida o caminho que tem seguido até aqui. Mas podia ser que, casando, mudasse. Tem-se visto tanta coisa! O pior é que o laço, uma vez dado, só por morte se desfaz, e o sr. João ainda não é velho, e ela é mais nova que vocemecê. Isto de casar é um negocio muito serio; já o ouvi comparar á loteria — só depois de andar a roda é que se pode saber se a cautela que a gente comprou está branca ou foi premiada. Se vocemecê está resolvido a tomar o conselho duma cabeça ruim, faça isto que lhe digo — ajunte-se com ela, e mais tarde, conforme o seu porte, decidirá sobre o casamento. Lá mulher para trazer uma casa bem arranjada e cuidar dum homem por modos que nunca se lhe veja uma nodoa na roupa nem lhe falte um botão na camisa, não há melhor do que ela — quem disser o contrario, não diz a verdade. E' muito geitosa para tudo; no que é dado a uma mulher, ninguem a faz ruim. E então serviçal como ella não há outra na Aldeia. E' capaz de perder umas poucas de noites á cabeceira dum enfermo, e se

pode ajudar a familia com alguma coisa, ainda que tenha de o tirar da bôca, dá lho da melhor vontade. O mestre Pernil esteve de cama passante de dois mezes, e diz ahi, por toda a parte, a quem o quer ouvir, que abaixo de Deus é á Ameixa que deve a vida. Ela não lhe largou a cabeceira emquanto ele esteve perigoso, e obrigava-o a tomar os caldos e os remedios como o facultativo mandava, tudo a horas certas, sem faltar ali coisissima nenhuma. A mulher do Pernil é uma louva-a Deus, muito séria, lá isso diga-se a verdade, mas sem geito para nada deste mundo. E note vocemecê, sr. João, que a Ameixa não é nada áquela gente, nem de agua nem de sal; favores não lhos devia, e quanto a paga temos conversado, porque o que eles teem e nada, é tudo um... Verdadeiramente, sr. João, melhor sabe vocemecê o que hade fazer do que eu sei o que lhe heide aconselhar; mas como pediu a minha opinião...

— E em boa hora o fiz, tio Patricio. Até já sinto aliviado o peso que trazia aqui, do lado do coração, tão grande que nem me deixava tomar bem o fôlego. Vocemecê nem põe na sua ideia o que eu tenho penado de há tempos a esta parte Até já pensei em dar cabo de mim, Nosso Senhor me perdôe.

Não pregou olho em toda a santissima noite; mas pela manhã, á hora de soltar o gado, sentia-se bem disposto, o corpo leve, o espirito des-

anuviado, parecendo-lhe até que a Natureza, se ainda não trajava galas de noiva, tambem já não vestia o luto carregado das viuvas.

Afinal o que pretendia ele?

Pretendia a posse da sr.ª Francisca Ameixa, que lhe fizera muito bôa impressão na primeira abordagem, vinha ela das Sesmarias, endomingada, com uma enfusa de lata na mão, e com ele se entretivera a conversar, á borda da estrada, junto da ribeira, muito desembaraçada em seus dizeres, oferecendo aos seus apetites de macho o regalo duma carnação dura e sadia.

O passado da sr.ª Francisca Ameixa, duma escandalosa desenvoltura, era de molde a não permitir que a tomasse por sua legitima esposa, e isso ainda ele ignorava pelo S. João, toda a noite embasbacado a olhar para ela, a dizer-lhe, sem pronunciar uma palavra, que a queria, que a desejava, sendo lhe dada a resposta em sorrisos que tomava como promessas, achando-os quentes como beijos.

Mas porque não havia fazer a experiencia que lhe aconselhára o tio Patricio, levando a Ameixa para a sua companhia, e com ela vivendo maritalmente, livre de a pôr no olho da rua, se não tivesse emenda?

Subitamente ergueu-se no seu espirito, sob a forma de interrogação, uma duvida tremenda, que por bem pouco não faz reviver a sua angustia, a sua indizivel tortura de ha poucas horas, imensa-

mente atenuada, mas não por completo desfeita na conversa com o tio Patricio.

E se a Ameixa não estiver pelos ajustes ? Se ela não quizer fazer a experiencia ? Se aquela Magdalena, não tendo ainda chegado a sua hora de arrependimento, preferir continuar o seu viver de galderia a ter assento num lar, presa a um tacito compromisso de fidelidade, ou solemnemente comprometida á face de Igreja, sob a invocação dum Sacramento, a ser uma esposa virtuosa, observando rigorosamente os Mandamentos da lei de Deus, um dos quais, o sexto, proibe todos os prazeres da carne fora do uso legitimo do matrimonio ?

Teve um minuto, um breve instante de concentração, do qual saiu, esfregando os olhos, como quem afasta uma visão apavorante no acordar duma noite mal dormida, com angustias de pesadelo.

No dia seguinte, com a desculpa de ir ao tabaco, abalou caminho da Aldeia, resolvido a fazer-se encontrado com a senhora Francisca, e ter com ela uma explicação, que fixasse o seu destino.

Estava ela á porta do quintal, em cabelo, quando ele saiu da venda da Joana Canastra, enrolando um cigarro, muito distraido, sem fazer atenção em quem estava. Se ela não lhe desse vaia, teria passado sem a ver.

— Ora seja muito bem aparecido ! Cuidei que

tinha desertado cá dos sitios, ou que estava zangado com a familia da Aldeia.

Envergonhado, timido como um galucho, o Verruga aproximou-se, e deu á endiabrada senhora Francisca Ameixa as razões verdadeiras da sua longa ausencia, desde o S. João!

— A vida dum maioral de ovelhas é muito apensionada, principalmente em certas epocas do ano e a obrigação está primeiro que as devoções. Se o barbeiro não fôsse todas as semanas ao Monte raspar os queixos á ganharia, com a falta de lazer que eu tenho, já andaria com umas barbas que nem um monge. Eu nem sei o que ha-de ser de mim agora, por causa da roupa. Quem me tratava disso era a mulher do ajuda dos bois, que morava lá no Monte; mas o diabo do homem guerreou com o camarada, e o patrão fez-lhe as contas. Não sei, não sei que voltas hei-de dar á minha vida.

— Vocemecê o que deve é casar-se, sr. João. Será caso que tenha medo das mulheres?...

Fez-se o Verruga encarnado como um tomate, e respondeu com mal disfarçado azedume:

— Dos homens nunca tive medo; agora das mulheres não sei, porque nunca guerriei com elas.

— Eu não disse isto por mal, senhor João... Desculpe o meu atrevimento, e para mostrar que não fica zangado comigo, entre cá para casa um bocadinho, e conversemos a preceito.

A morada da senhora Francisca Ameixa, d'alu-

guer, tinha só dois compartimentos — a casa de fóra, que era ao mesmo tempo sala de visitas e quarto de costura, e a casa de dentro, que era cumulativamente quarto de cama, cosinha e sala de jantar.

Foi, naturalmente, para a sala de visitas que a senhora Francisca condusiu o sr. João oferecen-lhe, para se sentar, uma cadeira de Evora, com muita pintura de côres vivas.

— A casinha é pobre, mas não lhe chove dentro.

Num simples relancear d'olhos o Verruga constatou a boa ordem em que tudo estava, cada coisa no seu logar, e nada, absolutamente nada que denunciasse pouco asseio ou desmaselo.

— Não faça reparo, sr. João. E' o arranjo de uma pessoa que tem de o ganhar, e nunca recebeu herdanças.

— Pobre sou eu, e por feliz me daria se tivesse um aconchego assim para quando já não puder andar atrás do gado.

— Se o não tem é por que não quer, e muito melhor; as posses não lhe faltam.

— Não digo menos do que isso; graças a Deus alguma coisa tenho de meu, e para a vida que levo, e levarei, até o pouco que tenho é demais.

— Olhe, sr. João, desculpe, mas vocemecê o que deve é casar-se, digo e repito.

— Não vou fóra da sua razão, senhora Francisca; mas para um homem casar é preciso haver uma mulher que o queira.

— E vocemecê já procurou?

— Eu, procurar, não procurei; mas tenho deitado as minhas vistas...

— E ainda não encontrou coisa de geito? Pois olhe que mulheres não faltam por aí, e daquelas que não teem nada que se lhes diga. Os diabos me levassem se eu não fosse capás de lhe arranjar um casamento do meio dia para o sol posto.

— Lá isso era, não tenha duvidas. O caso era querer. E não precisava ir muito longe daqui.

— Não precisava ir muito longe daqui? Então não me enganei. O que eu não percebo é que vocemecê estivesse calado com isso desde o S. João até agora.

— Bem vê, a gente, quando não tem lidação com as pessoas, não se atreve a dizer umas certas coisas...

— Pois sr. João, sabe que mais? O que hade ser ao tarde, seja ao cedo; vocemecê melhor não encontra, e ela não lhe diz que não, porque está mortinha por casar. O que tem graça é que ainda ontem ela aqui esteve; eu falei-lhe a seu respeito, para experimentar, e vai a sonsa diz que o não conhecia.

— Vocemecê está em erro, senhora Francisca.

— Em êrro? Então vocemecê não disse que para eu lhe arranjar um casamento não precisava ir muito longe daqui? A Margarida móra tres portas passada a minha.

— E' verdade que disse, mas não disse bem.

O que eu devia dizer era que vocemecê, para esse intento, não tinha necessidade de pôr os pés na rua.

A Ameixa ficou, por instantes, silenciosa e recolhida, primeiro fixando o sr. João como se quizesse penetrar no mais intimo da sua alma, a certificar-se da sinceridade das suas palavras, e depois cerrando um bocadinho os olhos, num esforço maximo de ensimesmação.

Não estaria ela a sonhar?

Teria ouvido bem o que dissera o Verruga, e não se enganaria quanto á significação e alcance das suas palavras?

Como quem acorda, a voz firme, lentamente, medindo as palavras, a senhora Francisca disse para o seu interlocutor:

— Olhe, sr. João, eu não sou mulher que lhe sirva, se é que vocemecê está na firme tenção de mudar de estado. Tire informações a meu respeito, e verá o que lhe dizem. Fiquei sem pai e sem mãe, muito nova, entregue aos cuidados duma tia, velha e rabujenta, que me dava estoiros de criar bicho, e o que queria era vêr-me fóra de casa, por essas ruas e quintais, de dia e de noite, não se importando para nada com o que eu fazia. Isto, e tambem a minha natureza, fizeram de mim aquilo que eu sou, e que não quero encobrir, porque não vale a pena. Aqui fui nascida e creada; aqui tenho passado a minha vida inteira; as minhas acções todas as conhecem, do

maior ao mais pequeno. Fale o sr. João a meu respeito com a primeira pessoa que encontrar na rua, quando saír daqui, e verá o que lhe dizem. Quem conta um conto sempre acrescenta um ponto; mas ainda descontando os aumentos que façam no mal que digam de mim, o que fica chega bem à vontade para vocemecê não pensar mais em me propôr casamento. Informe-se, senhor João, informe-se, e çonsiderando bem no caso, verá que eu tenho razão.

— Eu já me informei, senhora Francisca. Não sou práhi um nescio que ande d'olhos fechados na rua, em perigo de esmurrar as ventas numa esquina. Antes de dar este passo, tomei as minhas alturas. Com o que vocemecê foi não tenho nada; são aguas passadas que não movem moinhos. Porte-se vocemecê bem para o futuro, que lá com o passado não me importo eu.

— Não se importa agora, senhor João, porque se lhe meteu isso na cabeça. Se nós casassemos, á mais pequena zanga vocemecê esfregava-me as ventas com o que eu fiz e deixei de fazer, em solteira, amentando-se de ter caído na arriosca de casar comigo. Está bem de ver, o sr. João fazia-me isso uma vez, e não tornava a fazel-o, porque nunca mais me punha a vista em cima. Já deitei os quarenta para traz das costas, e sempre me governei, até agora, sem precisar de homem nenhum. Mas vocemecê é que ficaria com os braços partidos, nem casado nem solteiro, e

ainda por cima sujeito a mofarem de si. Depois, sr. João, eu sou uma pessoa que nunca teve supremo de ninguem, livre como os passarinhos que vão para onde querem e fazem o que lhes dá na gana. Eu sei lá se ámanhã, casando comsigo, não quereria ter a mesma liberdade que até aqui, sem me importar com o juramento feito ao pé do altar? O sr. João quer casar; veja se faz isso por menos, e talvez ambos fiquemos bem.

Para tudo o Verruga estaria preparado, excepto para ouvir assim falar a mulher que ele queria para sua legitima esposa, dando-lhe quitação geral de todas as suas culpas no passado, e abrindo-lhe um credito de confiança, sem limites, para o seu futuro conjugal. Uma tão rude franqueza, se não era cinismo, descaramento, inculcava sentimentos duma rara nobreza, sendo então licito acreditar que naquele corpo de mulher prostituida residia uma alma que não era, talvez, um bocado de lama.

Se bem entendera o falar da senhora Francisca Ameixa, ela propunha-lhe o mesmo que o velho Patricio lhe aconselhara. Era como se tomasse uma criada a contento, mandando-a embora em qualquer altura, se não lhe agradasse. Talvez ambos tivessem rasão; mas parecia-lhe arriscada a experiencia, e não estava disposto a tenta-la, a menos que a Ameixa se obstinasse em não casar. Sentia-se preso áquela mulher; queria-a com toda a violencia duma sensualidade represada a

dentro dum organismo sadio e vigoroso, embora já lançado no ramo descendente da curva porque se exprime, teoricamente, uma existencia que realiza um ciclo perfeito. Assim como assim, não poderia passar sem ela, e tinha de si para si que lhe ficava mais bem garantida a sua posse, inteira e exclusiva, recebendo-a como esposa, do que tomando-a como amante. Poucos dias antes dissera ele ao tio Patricio, ainda caturrando sobre o caso: — O casamento é um negocio que a gente faz com escritura; o amiganço é um negocio debaixo de palavra.

Encontrava-se o sr. João, sem dar por isso, debatendo no seu fôro intimo um dos mais graves problemas da psicologia individual e amorosa, como sucedera á Heloisa, quando Abeilard lhe propoz casamento. A erudita e lasciva sobrinha do padre Fulbert resolvia-o pelo amor livre; o bronco maioral de ovelhas no Monte de S. João resolvia-o pelo enlace matrimonial.

— Pois senhora Francisca, pense bem no caso, que eu volto um destes dias pela resposta.

Ergueu-se, na disposição de se ir embora; mas a senhora Francisca pediu-lhe que se demorasse um instantinho, menos de nada, emquanto ela ia lá dentro fazer uma coisa. Não tardou em chamá-lo.

— Faça favor, senhor João, chegue aqui.

Estava a mesa posta, uma pequena mesa rectangular, de quatro pés, com a indispensavel ga-

veta, sem fechadura, para guardar a toalha, os garfos, as facas e colheres.

— Ora o incomodo que vocemecê tem por minha causa!

— O incomodo não é nenhum, ora essa!... Vocemecê não havia abalar daqui, a estas horas, sem meter alguma coisa na boca. Não tenho mais nada que lhe ofereça; mas quem dá o que tem, mostra o que deseja, e a mais não é obrigado. Não faça cerimonia, sr. João; sirva-se á sua vontade.

Sobre a toalha branca, muito branca, colocara a sr.ª Francisca um pão alvo, cosido naquele dia, um pires de barro, com azeitonas pretas, muito carnudas, e um queijinho de cabra, partido ao meio.

De repente lembrou-se — com sua licença — e foi á casa de fóra, voltando com uma garrafa e um copo.

— Não me lembrava que tinha ali esta pinga de vinho; talvez não seja bom, mas sempre molha a guela.

Estendendo o braço o sr. João tocaria na cama, larga demais para uma pessoa só, rescendendo a frescura dos lençoes de linho, com fronha e coberta, sem cabeceiras, armada sobre taboas.

— Não sei se está frio, se sou eu que o tenho. As minhas mãos parecem neve.

O sr. João tomou-lhe as mãos, que ela lhe estendia, e procurou aquecê-las nas suas, desenvol-

vendo calor pelo atrito, conforme o principio da correlação das forças, enunciado pelos sabios muitos seculos depois dos homens primitivos o terem posto em pratica.

Lançando um olhar cubiçoso para a cama, o sr. João disse com um ar de timidez suplicante:

— Deve ser bom dormir debaixo de telha, numa cama de lençoes.

— Principalmente estando-se bem acompanhado, quando o frio aperta.

Deixara de comer, distraido, enlevado, a querer falar, dizer alguma coisa, mas sentindo a boca sêca, como se ardesse em febre, a garganta apertada, como se o estrangulassem.

Não se serve de mais?

Ergueu-se, tendo bebido o que restava de vinho, no copo, e quando se dispunha a levantar a mesa, o sr. João agarrou-a pela cintura, apertando-a muito contra si, e poz-se a beijá-la, numa furia, deixando-lhe a cara afogueada.

Ainda não clareava a manhã, o sr. João despedia-se da Ameixa, á porta do quintal, renovando-lhe uma promessa feita, e lembrando-lhe um compromisso tomado.

— Na quarta feira aqui estarei. Quanto ao mais, o que se combinou combinado está.

— Ruim seja quem se arrepender.

*

Resolvido a casar, o Verruga pensou que o melhor que tinha a fazer seria instalar a mulher no Monte, fóra do meio em que se tinham formado, pelo menos em que se tinham desenvolvido as suas ruins inclinações. O campo, no seu isolamento, não cria a Virtude; mas porque aí a sociedade é, por assim dizer, familial, há menos tentações pecaminosas, os contactos são de natureza mais pura, mais casta, que nos centros urbanos, ainda os de menor importancia. Por acasos de conversa, numa roda de ganhões, veio a saber que o patrão recusara ao eguariço a moradita, duas casas, que tinha ficado disponivel pela saída do ajuda dos bois, dizendo que não queria debaixo das suas telhas as amigas dos seus creados. Este incidente tel-o-ía resolvido a casar, se uma tal resolução ele não a tivesse já tomado duma forma inabalavel. O que era preciso era dar-se pressa em ir falar ao patrão, pedindo-lhe a casa, não fosse ele dispôr dela em favôr doutro que lha pedisse primeiro.

— Se vocemecê fizesse o favor e a esmola de me dispensar aquelas casinhas onde esteve o Negalhas, eu estou aí para fazer um negocio ruim, e convinha-me trazer para cá a mulher.

— Temos então casamento?

— E' verdade, patrão. Daqui a pouco estou que nem posso com as pernas, e sem uma pes-

soa de obrigação, que olhe por mim, ao mais pequeno achaque teria que recolher ao hospital.

— Pois a casa, pode contar com ela. Em precisando da chave peça-a ao feitor.

O coração deu-lhe um pulo, de contente, e riram-se-lhe os olhos, duma alegria trasbordante. Não só o patrão deferia o seu pedido, mas nem sequer lhe perguntava com quem ia casar, livrando-o do embaraço, do acanhamento, da vergonha de lho dizer.

Foi logo dali, direito, ter com o velho Patricio, a contar lhe o sucedido.

— O que eu estimo, sr. João, é que vocemecê seja feliz, e que nunca tenha que se arrepender do passo que dá.

Nos soalheiros da Aldeia começou a falar-se do casamento da Ameixa com o Verruga, afirmando-se que para melhor se conhecerem um ao outro, antes de se casarem, elle ia ficar com ella umas noites por outras. Era verdade; mas nunca o Verruga entrava sem que fosse noite fechada, nem uma só vez lhe aconteceu saír já manhã fóra.

Na taverna da Canastra é que o caso foi comentado por forma que se armou desordem, havendo cabeças rachadas, atirando um dos contendores um copo á cara doutro, com tanta infelicidade que um bocado de vidro se lhe meteu num

olho, vasando-lh'o. Foi o caso, segundo a versão corrente no dia seguinte, que o Faneca entrou a dizer cobras e lagartos da Ameixa, pondo a mais baixa que as pedras da calçada, gabando-se de ter sido o primeiro a goza-la, ainda ela não tinha quinze anos. O Cardim, que o não podia tragar, porque ele se fizera alarve com a sua Justa, disse-lhe que tivesse vergonha, que se lembrasse de que fôra ela que lhe tratára da mãe, na doença de que veio a morrer, noites e noites sem dormir, dando o que podia dar e indo pedir, como se fosse para ela, aquilo que não tinha.

— A terra que essa mulher pisa devia você beijar, e não lhe pagava a esmola que ela lhe fez, sem interesse nenhum.

— E' verdade que passou algumas noites em minha casa; mas não as perdia á cabeceira de minha mãe, porque se ia meter comigo na cama. E que assim não fosse, o que é que você tem com a minha vida? Se deve muitos favores á Ameixa, pague-lh'os como quizer, mas não se meta a dar conselhos a quem lh'os não pede, porque delles não precisa.

Levou á boca o copo que tinha na mão; despejou-o dum trago, e encarando com insolencia o Cardim disse com uma seriedade comica, que fez rir os mais pingados:

— Se Deus me der vida e saude, quero ser uma das moças do arco no casamento da Ameixa. Já ámanhã me boto a arranjar chavelhos

para o enfeitar, e se fôr preciso arrancar alguns dos que tenho posto, ha-de custar-me isso tanto como tirar as unhas dum porco depois de lhe meter os chispes em tojo a arder.

— Com metade dos que tem na cabeça armava você o arco, e ainda lhe sobejavam para quando casar outra vez, se não quizer morrer viuvo.

Palavras não eram ditas, o Faneca prega-lhe com o copo na cara, vasando-lhe um olho.

No dia seguinte, naturalmente, não se falava doutra coisa, na Aldeia, e o falatorio teve éco no Monte de S. João, chegando aos ouvidos do Verruga, que foi logo ter com o velho Patricio, carpindo as suas magoas.

— Ora veja o tio Patricio!... Eu não sou homem que me intrometa na vida de ninguem; só lá de tempos a tempos é que vou á Aldeia, e é uma citula entrar numa venda para beber um copo de vinho. Nem sequer sei o nome da maior parte da familia — estejam com Deus, vão com Deus — e se ninguem me deve favores, quer me parecer que escandolas minhas tambem ninguem as tem. Eu sei tanto do que se passa na Aldeia como do que se passa em Lisboa. Cuido da minha obrigação, e com o mais não tenho nada, nem quero ter. Pois veja o tio Patricio o que sucede...

O tio Patricio disse-lhe algumas palavras consoladoras, que lhe alevantaram o animo, e achou que vinha a proposito dar-lhe alguns bons conselhos.

— Eu cá, se fosse ao sr. João, estando disposto a levar a sua por diante, casava á chucha calada, sem ninguem dar por isso. Ha por aí muita gente ruim, e o Faneca é um grande mariola. Para mais nem vocemecê nem ela teem aqui familia, de modo que a função póde muito bem dispensar-se. O sr. João fará o que entender, mas eu conheço os como aos meus dedos, sei muito bem do que são capazes.

— Mas os pregões, sim, isso não se póde evitar?...

— Póde, sim, senhor. Vocemecê fala com o prior, a esse respeito, paga um tanto, e fica tudo arranjado. Se o sr. João quizer, eu vou na sua companhia.

Fez-se tudo como o velho Patricio aconselhava. Dispensaram se os pregões, e até foram dispensadas as perguntas e a examinação da doutrina, servindo de empenho o sacristão, que aconselhou o Verruga a oferecer ao prior um borrego tenrinho para consumo imediato, e um borrego já meio carneiro, para ter no quintal. Homem generoso e de senso pratico, o Verruga não se esqueceu de tambem obsequiar o sacristão, oferecendo-lhe uma ovelha pejada, afirmando que ela havia parir um borrego que nem um toiro.

O caso foi que o Verruga conseguiu matrimoniar-se tão em segredo, que o acontecimento só foi conhecido na Aldeia quasi ao sol posto desse dia, quando ali chegaram dois carros empresta-

dos pelo lavrador para levarem para o Monte o arranjo da Ameixa. O velho Patricio aceitara, do melhor agrado, o convite para padrinho, e porque gostava do Verruga — simpatiso com o diabo do homem! — e tinha muita pena de o ver metido em alhadas, lembrou que a mulher do sacristão poderia ser a madrinha, sendo o outro padrinho um seu cunhado, que morava ao pé da Igreja, e que era homem para se lhe confiar um segredo.

Realizou-se o casamento de manhã cedo, pouco depois do nascimento do sol, para se respeitarem os preceitos da Igreja, e como não havia acompanhamento, não foi preciso abrir a porta do templo, entrando os noivos e os padrinhos, separadamente, um agora, outro logo, pela porta da sacristia, numa travessa por onde ninguem passava.

Quiz a madrinha, á viva força, que os afilhados entrassem em sua casa — é um instantinho, não demora nada — e como o tio Patricio não visse nisso inconvenientes de maior, fizeram-lhe a vontade.

— Vocemecês hão de desculpar... Isto não é coisa que se ofereça, mas não houve tempo para mais. Façam de conta que é a matadela do bicho para quem vai de jornada.

Os homens beberam uns copinhos de aguardente e comeram bolos, e a noiva, recebendo o das mãos da madrinha, bebeu um copinho de licôr de hortelã pimenta, e comeu uma bolacha.

Recomendou o Verruga á mulher que se abstivesse o mais possivel de ir á Aldeia, só o fazendo em caso de extrema necessidade. Era desnecessaria a recomendação, porque a Ameixa, logo no dia do seu casamento, quando passava em frente da Aldeia, um pouco ao largo, cortando a charneca, dissera de si para si: — Tarde será quando ahi ponha os pés.

Emquanto se deu com a caseira, era esta que fazia a sua recovagem — um carrinho de linhas, uma carteira de agulhas, alguma fazenda para remendos, uma quarta de sabão, umas semanas por outras. Mas a caseira, muito impostora e muito ciumenta, entrou a embirrar com ela. Deixou de lhe preguntar se queria alguma coisa da Aldeia, quando lá ia, e acabou por nem lhe abaixar a cabeça. Muito avisadamente andara o tio Patricio quando recomendou á afilhada que se desse pouco com ela, que evitasse o mais possivel ir a sua casa ás horas em que o marido lá estivesse.

— Nunca se viu uma coisa assim! Parece o diabo da mulher que até da sombra tem ciumes. Ainda se o marido fosse um cabeça no ar, um destes homens que se visse uma burra com saias se atiraria a ela... Mas qual historia! Se encontra uma mulher, já se vê, não lhe volta a cara, faz como outro qualquer — salve-a Deus, esteja com Deus — e segue o seu caminho. Só de tempos a tempos é que ele vai ao povo; faz o que tem a fazer; entra numa venda para sociar

com os amigos, e não é homem que se demore em paleio com esta ou com aquela, arrastando a asa ás que toda a gente sabe que só ao pé dos homens é que estão satisfeitas. Cada qual na sua casa é que está bem, afilhada, e os mais que se governem.

A Ameixa procurou observar rigorosamente o conselho do padrinho; mas não evitou, ainda assim, que a caseira a tomasse de ponta, convencida de que não era por acaso que ella se encontrava á porta quando o marido passava, indo para a sua obrigação. Deu-se o caso de se encontrarem na estrada, um dia, a pequena distancia do Monte, o caseiro e a sr.ª Francisca, e como seguiam ao mesmo destino, foram andando juntos, trocados os banais cumprimentos — bôas tardes, senhora Francisca! boas tardes, senhor Jerolmo!

Pelo sim, pelo não, conhecendo muito bem os vidonhos da mulher, o Jerolmo, a certa altura, disse á Francisca que fosse andando, que ele ia ver se apanhava umas hervas para fazer um cozimento. Quando chegou a casa, já a mulher soubera, pelo moço da agua, que o seu Jerolmo vinha com a senhora Francisca, dos lados da ribeira, e isto foi para ela como se os tivesse apanhado em flagrante delito de adulterio.

A scena foi tal que o Jerolmo pregou uma sova mestra na mulher, pontapés e cachações, moendo-a a pontos que, durante uns poucos de dias, mal poude fazer o geverno da casa, tão depres-

sa erguida como deitada, e sempre a gemer com dores, como se a tivessem pisado num almofariz.

A senhora Francisca soube logo do sucedido, e jurou quebrar todas as relações com a caseira, muito arrependida de o não ter feito mais cedo.

— Ainda que eu soubesse que na casa dela encontrava a minha salvação — Nosso Senhor me perdôe — não lhe cruzava os portais da porta.

Sempre que podia fazê-lo, o Verruga ia dormir debaixo de telha, no aconchego de uns lençois lavados, rescendendo a frescura do linho. A mulher tinha-lhe a ceia pronta, quando ele chegava, e nunca se esquecia dum mimosinho, fosse o que fosse, a que ele era sensivel, e entrava por muito na sua felicidade conjugal. No verão, quando apetece dormir ao relento, a senhora Francisca ia muitas vezes passar a noite com o marido, por lá ficando dias seguidos, a trabalhar na sua costura, umas vezes na malhada, outras vezes atraz do gado.

O que a divertiam os borreguinhos, saltando como perdigotos, atraz das mães, pouco depois de nascerem! Em vendo que uma ovelha estava em trabalho de parto, a distanciar-se do rebanho, não mais a largava, sobretudo se a noite vinha proxima, no justificado receio de que a mãe e o filho, sem defesa possivel, fornecessem a ceia a algum lobo voraz. O espectaculo dos borreguinhos, em grande numero brincando na relva, na desenvoltura de escolares no intervalo das aulas,

acordava na Ameixa sentimentos ou instintos de maternidade, que a lançavam numa dôce melancolia, num vago sonhar acordado, que durava só por instantes.

— Não gostavas de ter filhos, João?

Claro está que gostava, mas conformava-se com a vontade de Deus, que lhos não dava, talvez por felicidade de ambos, já adiantados em anos.

— A falta deve ser minha, — comentava a sr.ª Francisca, considerando-se terreno esteril, visto ter resistido a variadissimas sementeiras.

Constatava o Verruga a exactidão das informações que lhe dera o velho Patricio quanto ás excellentes qualidades da Ameixa, como dona de casa, muito arranjada, muito completa nos seus feitos. O bocadinho de comida não havia quem o fizesse melhor, como não havia quem deitasse um remendo mais bem deitado, sendo igualmente habil em cortar uma camisa ou umas ceroulas, em talhar um vestido ou uma polka, no rigor da moda. Sentia-se feliz por ter casado, e a sua felicidade era completa porque varrera da memoria o passado da Ameixa, e nada via no presente que lhe fizesse ter medo do futuro.

Por seu lado a Ameixa tambem se considerava feliz, porquanto nada faltava na sua casa, e o marido dava-lhe toda a estimação que ela poderia desejar, adivinhando-lhe as vontades para lh'as satisfazer.

Dizia ela á madrinha, num domingo em que foi á missa, com o marido :

— Eu, senhora madrinha, até já me evito de dizer, na presença do meu João, que gostava de ter isto ou aquilo porque ele, emquanto não m'o arranja, não tem descanso.

Eram, na realidade, felizes?

Sem duvida que o eram, porque como tal se consideravam, e a felicidade é tudo o que ha de mais pessoal e subjectivo.

Nem o Verruga nem a sua mulher sofriam daquela angustiosa duvida, que torturava o poeta catalão, expressa na belesa destes versos:

Se ao ser feliz creio sê-lo,
Passo a sofrer nesse estado,
Porque me faz desgraçado
Só o medo de perde-lo.
Se sou feliz sem sabe-lo,
Como o não sei não o sou
Nesta incertesa assim vou,
Mas feliz nunca o serei,
Porque se o sou não o sei,
E se o sei já o não sou.

Mas estava escrito que aquela lua de mel, como todas as luas de mel, havia de acabar, e tinha a Fatalidade determinado que a fase a seguir seria a de quarto crescente na cabeça do pobre Verruga.

Aquela vida regrada como num internato, monotona como uma oscilação pendular, já enfastiava imensamente a Ameixa, Nada lhe faltava em casa, é certo; mas a sua naturesa, como previra, muito sabiamente, o tio Patricio, não mudára pelo facto do casamento, e a necessidade de se entregar a um homem que não fosse o seu, variando a satisfação dos seus apetites de femea, fazia-se sentir de cada vez com mais imperio. Era livre; mas parecia-lhe que a sua liberdade era muito parecida com a que os presos teem na cadeia, e os passaros teem na gaiola. Já lhe pesava muito no cachaço a canga do matrimonio, e via muito proximo o instante em que se lhe tornaria impossivel, ainda que muito o quizesse, puxar certo com o seu João.

Habituada a não ter o supremo de ninguem, conforme dissera ao Verruga naquela noite em que ele, acanhado e timido, lhe falára, a primeira vez, de casamento, a autoridade do marido, a sua indispensavel subordinação a uma vontade alheia, era fardo com que não podiam os seus hombros. Encontravam-se em conflito a sua carne e o seu espirito; as virtudes da sua alma e as debilidades do seu sexo.

Tão bom homem, o seu João!

Queria-lhe como ao seu primeiro, ao seu unico amor, e como se ela esfolhasse no leito nupcial, apertada nos seus braços, a flor rubra da virgindade mais pura, mais irrecusavel, pergun-

tou-lhe carinhosamente, pela manhã, ao acordarem definitivamente dum somno interrompido :

— Não é verdade, Francisca, que nunca foste doutro homem?

Estava a senhora Ameixa como aqueles bebedos que um dia, numa suprema reacção da vontade, deixaram de beber, e por largo tempo se conservaram abstemios, resistindo á tentação. Senão quando, volta-lhes o apetite, o desejo de beberem vinho, embora certos de que sobre o primeiro copo emborcarão muitos outros copos, de que a primeira bebedeira reatará a serie interrompida.

Ora sucedeu que o acaso empurrou a Ameixa, com força, no plano inclinado em que ia escorregando, fascinada pelo abismo.

Entrára o gado a morrer; todos os dias o Verruga esfolava umas poucas de ovelhas, das quais só a pele se aproveitava, servindo a carne para regabofe dos cães e bicharocos do ar, corvos e grifos. Não havia a precaução de enterrar os animais que morriam; o Verruga esfolava-os onde os encontrava, guardava a pele e deixava a orgadura ao ar livre. As aves carniceiras não se faziam esperar, e como na Aldeia constasse aquela morrinha, tambem não faltavam mulheres e rapazes com alcofas e taleigos, fornecendo-se de graça naquele vasto matadouro, sem receio do mal que lhes pudesse fazer aquela carne enferma.

— As ovelhas morrem porque teem de mor-

rer. Deitando fóra os bofes e as cacholas, o resto é uma carne perfeita, como se viesse do açougue.

Ao certo ninguem sabia qae raio de molestia era aquela, tão grave que em poucas horas o animal que ela atacava, perfeito de saude, dava o ultimo suspiro. Heıva não faltava na pastagem; a agua que o gado bebia era corrente, e para livrar de duvidas, logo aos primeiros casos o Verruga não deixava as ovelhas beberem abaixo do pego em que lavavam as mulheres da Aldeia.

Aquilo não era o monquilho, ronha ou baceira, e só estas doenças descritas no Tesouro do Lavrador, áparte enfermidades sem importancia, eram conhecidas do maioral, do amo e do feitor. O animal atacado, se não morria quasi de repente, começava a andar triste; não comia; deixava-se ficar para traz do rebanho, á tremer, a tremer; almariava, deitando fios de baba pelos cantos da boca, enevoavam-se-lhe os olhos, tornava-se a modos cego e parvo, e passadas algumas horas, um dia, dois dias, era duma vez.

O Verruga nunca tinha visto uma coisa assim, e lidava com ovelhas desde pequeno. Um aphorismo rural, que pode muito bem ser do tempo dos chaldeus, afamados pastores, diz que ainda está por nascer quem de ovelhas hade entender, significando assim, por esta forma sentenciosa, que o gado ovelhum, pelo menos na sua pathologia, é duma grande complicação.

Certo é que o Verruga andava maluco atraz do gado, a ver que dentro em pouco a maior parte do rebanho andaria pelos ares, na barriga dos corvos e dos grifos.

— Foi ramo de peste que por aqui passou, não haja duvidas. Os animais trazem a barriga cheia; a pastagem é a mesma dos outros anos, a agua não tem que se lhe diga, tão clara que parece de fonte. Porque é, então, que as ovelhas morrem, façam favor de me dizer? Ninguem me tira da cabeça que sem o gado levantar, indo daqui para longe não acaba esta morrinha.

Fôsse lá como fosse, a verdade é que o Verruga pouco mais fazia do que esfolar ovelhas, indo todas as tardes levar as respectivas peles ao Monte, para serem esfregadas com salmoira, estendendo-as a seguir, para enxugarem.

Por ordem do Patrão, o velho Patricio disse ao Verruga que se arranjasse para ir á busca de pastagem, devendo abalar no dia seguinte.

— O afilhado João vai daqui a Ourique; se por ali não fizer nada, vai para diante, conforme as noticias que tiver, procurando sempre até que encontre. O patrão o que quer é levantar daqui o gado, e quanto mais para longe melhor. Mesmo que lhe peçam um disparate, vocemecê pegue-lhe logo; sendo pastagem em que o gado se possa contivar por um mês ou dois, serve por todo o dinheiro.

— E quem fica no meu lugar, sr. padrinho?

O ajuda que ahi tenho, é muito geitoso, mas sósinho não dá conta do recado. Só para esfolar o gado que morre, um homem não é demais, e precisa ter desembaraço nas unhas.

— Veio aí um moço dcs Bairros, que foi maioral de ovelhas até assentar praça, e quer agora ser ganhão. Disse-lhe para ficar no seu logar, até que vocemecê volte, e ele, como é por pouco tempo, disse que sim. Foi a casa arranjar umas coisas, e ámanhã, a horas do almoço, está por ahi.

Abalou o Verruga, com avios para uma semana, comida para ele e para a mula, e dinheiro mais que suficiente para dar o sinal, mesmo para imediatamente pagar a pastagem, se encontrasse coisa de geito.

— Vá com Deus, afilhado João. Ainda que tenha de ir ao fim do mundo, não volte com as mãos abanando.

Logo no outro dia a Verruga teve necessidade de ir á cabana, porque deixára lá, no surrão, umas linhas e agulhas que lhe estavam a fazer falta para o serviço da costura.

O maioral, vendo que uma pessoa caminhava em direcção á malhada, foi-se chegando, persuadido de que seria a mulher do Verruga, portadora, talvez, de algum recado do feitor.

— Tenha vocemecê muito boas tardes.

— Venha vocemecê com Deus.

— Eu sou a mulher do maioral. Venho buscar umas coisas que cá deixei, outro dia, e que me fazem muita falta em casa. Vocemecê é que ficou no logar do meu João?

— Sim, senhora. O feitor pediu-me para olhar pelo gado, até ele voltar; como é questã de poucos dias, não se me importa.

— Não gosta do oficio?

— Mesmo nada. Fiquei farto de andar atraz das ovelhas uns poucos de anos. Desde que fui para a vida militar, resolvi logo não tornar a ser ovelheiro.

— Então vai-se embora em o meu João voltando?

— Ná; fico para a ganharia. Graças a Deus sei fazer todos os trabalhos que são dados a um homem.

A Ameixa sentou-se num tropecelo, dentro da malhada, e o maioral poz-se a fazer um cigarro, em pé, olhando pelo rebanho, que andava espalhado na margem direita da ribeira.

— Tem uma fusileira muito bonita. Deixa-me vêr?...

Naquele tempo a fusileira, de varia natureza e feitio, era utensilio que não podiam dispensar os fumadores, porque tambem não podiam dispensar o fusil, a pederneira, a isca. Havia-as de pele ou coiro, muito ordinarias, com um só compartimento em que a pederneira, a isca e o fusil andavam de mistura. Estas fusileiras tinham uma

pequena correia que servia a mantê-las enroladas, dando umas poucas de voltas, entalada a ponta nas respectivas volutas. Era a fusileira dos homens casados, da velhada, dos que já não tinham a preocupação de parecer bem aos olhos das raparigas. Para a gente nova, a garraiada, a fusileira era uma garridice, um chibante, como chamam os pretos aos seus variados enfeites. A forma era a de um triangulo de base circular e eram feitas de retalhinhos de variadissimas côres, algumas bordadas a missanga. As mais espalhafatosas, de maior luxo, eram as que as moças ofereciam aos seus namorados, e estas raramente deixavam de ter no meio, bordado a fio de seda, atravessado por duas setas de retroz preto, um coração. Tinham ordinariamente três compartimentos estas fusileiras, as de luxo. O mais inferior era destinado á isca; o imediato á pedra e fusil; o ultimo ás mortalhas. Duas fitas de côr varia, segundo o gôsto dá pessoa, cosidas no vertice do triangulo, serviam para manter enroladas as fusileiras, atadas em laço as pontas.

— E' muito bonita... e está muito bem feita. Se lhe pudesse tirar os moldes, gostava de fazer uma assim para o meu João.

— Está ás suas ordens.

— Pois se me faz o favor, eu levo-a, e ámanhã, quando vocemecê fôr ao Monte, torno a dar-lha.

Ergueu-se, e medindo de alto a baixo o maioral, disse-lhe com a voz muito doce:

— Gostava de ser da sua altura.

— Olhe que a diferença não ha de ser muita.

A Ameixa aproximou-se dele, peito a peito, e inclinando a cabeça para a frente, a rir, verificou que a ponta do nariz lhe roçava a ponta do queixo.

— Dizem que a largura dos braços é do tamanho das pessoas.

Ambos estenderam os braços, ajustando as mãos, palma com palma, ficando assim mudos, calados, por breves instantes.

— Vê? Tenho os braços mais curtos.

A hipnotizá-lo com os olhos, enclavinhou a Ameixa os seus dedos nos dedos do maioral, e lentamente os seus braços iam descendo, muito lentamente, como se fôssem os braçcs articulados duma cruz em que um Satiro e uma Nimfa prelibassem o supremo gozo.

— Pode alguem estar oservando.

No dia seguinte lá estava o maioral em casa da Verruga, que o recebeu como ao seu João, naquela noite em que ele foi á Aldeia de proposito para se fazer encontrado com ela, decidido a falar-lhe de casamento.

Como as relações entre a Verruga e o maioral, conhecidas quasi desde a primeira hora, constituissem grosso escandalo na pequena sociedade do Monte, pouco mais duma duzia de pessoas,

as entrevistas passaram a ter logar de noite, a horas mortas, quando já a familia, deitando-se com as galinhas para acordar com os galos, dormia a somno solto. Ora sucedeu que o velho Patricio, tendo ido fóra de horas, em serviço particular, a alguns metros do Monte onde havia um palheiro de veio, ao regressar deu de caras com o maioral, saindo de casa da sua afilhada. Não disse palavra, mas tomou logo, sobre o caso, uma resolução.

*

Ao cabo duma semana de charaviscar pelos campos d'Ourique o Verruga encontrou uma pastagem que lhe dava a conta, muito melhor do que ele esperava — camposa, farta de comida e abundante de agua. Pagou-a logo, como o feitor recomendára. Adoeceu-lhe, porém, a mula, e o alveitar declarou que em menos de tres ou quatro dias não a punha capaz de fazer a jornada. Teve o Verruga portador para o Monte, e assim foi que informou o velho Patricio do dia certo em que chegava.

Na vespera o feitor, chamando o maioral, fez-lhe as contas e despediu-o.

— Tu bem sabes o que fizeste. Se o marido tivesse rumor do que se passou, fazia-te a cabeça num bôlo. Vae-te na graça de Deus, e vê se te comportas melhor daqui para o futuro.

As ovelhas continuavam a morrer, de modo que

o Verruga teve ordem para em tres dias se pôr a caminho da pastagem que comprára.

Ao tempo, e ainda hoje sucede a mesma coisa, os rebanhos de mau andar, quando não andavam a comer na pastagem alheia, por não terem pastagem sua os respectivos donos, andavam semeando doenças mortiferas, na vaga esperança de cura por mudança d'ares. Faltava, como falta ainda, uma bôa policia sanitaria, que impedisse a difusão das epizootias, derivada duma pratica que assentava em velhos preconceitos, erradas concepções em materia de patologia veterinaria.

Estranhou o Verruga não encontrar o homem que ficára em seu lugar, mas o padrinho disse-lhe que ele recebera noticias de que a mãe estava a morrer, e quiz ir vê-la, tendo abalado na vespera, á noite. Como andava em negociações para a compra dum ferragial, e já riscára, em Montes Velhos, terreno para uma moradia, com o competente quintal, pediu ao feitor que lhe mandasse guardar o gado no dia seguinte, para ele ir tratar d'esses negocios.

Com respeito á casa só principiariam as obras quando ele voltasse, e quanto ao ferragial, não havia tempo, agora, para fazer a escritura, mas estava pronto a dar o sinal.

— Há morrer e viver, senhor Rodrigues, e vocemecê, recebendo o sinal e dando-me um escritosinho, fica com mais segurança ..

— Não é preciso, senhor João. Eu vendo porque me convem vender, e vocemecê compra porque lhe convem comprar. Nenhum de nós é homem para faltar á sua palavra, e a nossa infelicidade não hade ser tanta, que ou eu ou vocemecê morra antes das primeiras aguas. Olhe, se houver falta, que seja por mim, que não tenho mulher nem filhos, e tanto se me importa andar cá por este mundo, como ir para onde Deus fôr servido, depois de esticar a canela.

Abalou o Verruga, deixando a mulher no Monte, apesar do velho Patricio lhe dizer que o melhor era ela ir, abstendo-se de lhe dizer as verdadeiras razões que tinha para lhe dar este conselho.

— Vocemecê é mais bem tratado, e ela escusa de ficar ahi sósinha, metida entre quatro paredes.

— E' muito incomodo para a minha Francisca, senhor padrinho. Eu por lá me governarei como puder.

Consultada sobre o caso, *pro forma*, a Ameixa disse que iria, se o marido assim o quizesse, mas que preferia ficar.

E ficou.

Danada por ter o feitor despedido o maioral, teve ganas de abalar do Monte, só voltando quando o marido voltasse.

— Então, não querem vêr? Parece que o sr. Pa-

tricio está encarregado de olhar por mim, na ausencia de meu marido, tomando-me conta do que faço ou deixo de fazer! Se lhe dér na cabeça é capaz de não querer que eu chegue á porta da rua, não vá alguem comer-me com os olhos. Se já se viu uma coisa assim!

Como por despique, entrou a meter se á cara de todos os homens, fazendo gala do seu desvergonhamento, indo até ao ponto de se meter com o moço da agua, que era um gaiato dos seus quinze, dezasseis anos. Desapareceu um dia, estando ausente uma semana, vindo a saber-se que passara esse tempo no moinho d'agua, que ficava longe do Monte. na ribeira, a montante, cêrca de meia hora. O moleiro, homem novo, era perdido por mulheres, e isso lhe fizera perder alguma freguesia, embora fosse de muito boas contas.

Sucedeu que o maioral dos porcos, baixo, gordo, atarracado, tambem caiu nas boas graças da Verruga, e uma noite, depois da ceia dos ganhões, tendo ido a casa dela, para entreter um bocadinho do serão, teve a infelicidade de rebentar com uma apoplexia, morrendo pouco depois de lá o terem ido buscar, muito aliviado da copa.

Este desgraçado incidente, levado ao conhecimento do lavrador, fez com que ele désse ordem ao velho Patricio, ordem terminante, para despedir a Verruga, porque não queria semelhante porca debaixo dos seus telhados.

Procurou o feitor abrandar a justificada ira do

patrão, conseguindo que a Ameixa ficasse no Monte té o marido voltar.

— Assim que ele volte, em menos de um fosforo, está ela no olho da rua. Só o desgosto que isto lhe vai dar, coitado! Mas acabou-se; assim o quiz, assim o tenha,

Voltou o Verruga, passado quasi um mez, já o mal tinha levantado, sendo uma raridade morrer uma ovelha. O feitor, muito cautelosamente, procurando tornar-lhe o menos possivel doloroso o golpe, pô-lo ao corrente do que se passava, acabando por lhe dizer que o patrão exigia que a afilhada deixasse o Monte tão depressa ele viesse.

O primeiro impulso do Verruga foi matar a mulher, dar-lhe uma sova que ela não precisasse doutra, ainda que tivesse de ir para o degredo.

— Grandissima velhaca! Levei-a ao pé do altar, cobrindo-se-me a cara de vergonha, e uma vez casado esqueci o que ela tinha sido, não fugindo a despesas para a trazer feliz e contente! E paga-me assim, a magana!

— Socegue, afilhado João. Ninguem é superior á sua natureza, e a natureza dela obriga-a a isto. Vocemecê bem o sabia: não caiu por ignorante. C que tem agora a fazer é pôr-lhe a arreata em cima, e que se governe.

Socegou, efectivamente, o Verruga, e no dia seguinte, passada uma noite em claro, foi procu-

rar o velho Patricio para lhe comunicar a sua resolução.

— Eu já não faço bom dela. Como vocemecê disse, a sua natureza é assim e não muda senão por morte. Vou dizer ao Rodrigues que já não quero o ferregial, mas como o tinha comprado sob palavra, faço de conta que tinha passado sinal, e entrego-lhe o dinheiro. Se o patrão me quizer comprar o povelhal, muito que bem; se não quizer, peço-lhe para mo deixar andar no rebanho até que arranje quem mo tome á sociedade ou o venda na feira mais proxima. Arranjadas assim as coisas, nem eu lhe digo nada — anoiteço e não amanheço, e ela que vá para onde quizer. Pode ser que me concerte, seja para o que fôr, na casa que deixei quando para aqui vim.

— E o maltez?

— A estas horas deve andar aos pulos no meio do inferno. Tive a noticia, em Ourique, por um moço que foi meu ajuda, de que o figurão continuou a roubar malhadas; mas uma vez descuidou se, e foi apanhado, caindo-lhe em cima tanta bordoada, que não poude aguentar-se com elas. Fez muitas, mas pagou-as todas juntas. A justiça ainda fingiu que andava a ver se descobria quem o tinha morto, mas só para se não dizer que se mata um homem e ninguem faz caso.

Tratou o Verruga de recolher uns dinheiritos que trazia a juros, um tostão por libra em cada mez, e teve a boa sorte do patrão lhe ficar com

o povelhal por um preço que ele reputou bom. Das coisas de casa não quiz saber — nem sequer da sua roupa. Fixou o dia em que havia de abalar, e pediu ao padrinho, o feitor, que fosse ajustar as suas contas com o patrão, debaixo do maior sagredo.

O homem põe e Deus dispõe, e dispôs Deus que o Verruga, tres dias antes do fixado para fugir á mulher, tivesse de recolher á cama, ardendo em febre, com uma pontada do lado do coração, que mal o deixava respirar Tiveram que o transportar num carro, e ainda o velho Patricio esteve em consultas se havia de o mandar para o hospital, onde talvez o não recebessem, se havia entregal-o á mulher, que talvez não tivesse com ele os mesmos cuidados que tivera com o mestre Pernil, tão solicitos e carinhosos que ele confessava ser a ela, abaixo de Deus, que devia a vida.

Foi chamado o facultativo, muito á pressa, e como se de coisa minima se tratasse, vendo-lhe a lingua e tomando-lhe o pulso, receitou pirolas de sulfato e mandou aplicar cataplasmas de linhaça, bem quentes, no sitio onde tinha a dôr.

— Isto o que virá a ser, senhor doutor?

— Por ora é uma valente constipação, mas pode degenerar num catarral. Fica a caldos, até que a febre ceda. Se a lingua não estiver mais limpa daqui por uns dois ou tres dias, deitem-lhe uma ajuda.

Ficaram todos com a impressão de que o medico não conhecera a doença, e como o enfermo peorasse a olhos vístos, foi resolvido chamar um curandeiro de muita fama, que havia em Casevel, especialista na cura da sciatica pela queima na orelha.

O homem observou o doente melhor que o medico, apalpando o e obrigando-o a voltar se dum lado para outro á custa de muitas dòres — tenha paciencia, sr. João, que é para seu bem — e só no final é que lhe tomou o pulso e viu a lingua.

— O doente está perigoso, sr. Vicente?...

— Ora se está! Tem uma pulmonia que o ha de sufocar, se o caustico não der resultado.

Emquanto da botica não vinha o caustico, poz-lhe no peito e nas costas emplastros de serol, e mandou que lhe dessem suadoiros, a ver se chamava o mal para a pele.

O caustico não pegou, e muito honradamente o mestre Vicente declarou que o melhor seria chamarem novamente o medico, porque ele, a falar a verdade, não sabia o que havia de fazer.

Havia então em Ferreira um facultativo de grande fama, e alguem lembrou que o chamassem, e quanto antes, porque o doente peorava de hora para hora. Ele não viria por menos de três libras, mas acabou-se; o sr. João tinha bem com que pagar.

A Ameixa estava por tudo, sem olhar a gastos.

— Gragas a Deus, o que temos chega bem

para essa despeza. Vão-se os aneis e fiquem os dedos. O que eu quero é que m'o salvem, custe o que custar.

Veio o doutor, e poz-se a examinar o doente segundo os preceitos da Arte. Viu-lhe a lingua e tomou-lhe o pulso, como fizera o colega; apalpou o, virando o dum lado para outro como fizera o curandeiro; auscultou-o no peito e nas costas, como não fizera nenhum dos dois. Fez mais do que isto — meteu lhe debaixo do braço um canudinho, que ali conservou por alguns minutos, e quando o tirou, depois de o ter observado, disse para a familia que estava: — Tem um febrão de respeito.

Fez mais — quiz vêr o que havia no bispote, e levando o ao nariz, para cheirar, declarou que as urinas não eram más.

O velho Patricio disse para a afilhada, baixinho:

— Se este homem não faz o milagre, é porque Deus Nosso quer que o enfermo não escape desta.

Após o exame fez a receita e explicou a maneira por que haviam ser dados os remedios, com a mais rigorosa pontualidade. E que lhe fossem levar informações passados uns três ou quatro dias, se houvesse alguma novidade, para bem ou para mal.

—Então, senhor doutor, haverá esperanças?...

— Nenhuma.

— E' catarrhal?

—E' uma tisica galopante, que o matará em duas ou tres semanas. Aqui só um milagre, e os milagres acabaram desde que Nosso Senhor deixou de andar cá por este mundo.

A Verruga não largava a cabeceira do marido, ali pregada noite e dia, passando pelo somno quando ele estava mais socegado, dispensando se de fazer o bocadinho de comida para si, não fosse dar-se o caso do enfermo precisar de alguma coisa, e ela não estar junto dele para imediatamente lh'a fazer ou lh'a dar Era admiravel a sua resistencia, e ainda mais admiravel era a sua dedicação, o seu carinho, a sua ternura misericordiosa. O Verruga conservou os seus cinco sentidos até quasi á ultima, com interrupções delirantes, que eram uma especie de sonhar acordado. Via a mulher a cair por falta de alimentação e repouso, e sentia que era por bondade e não por calculo que ela se impunha tamanhos sacrificios, nunca se mostrando aborrecida ou fatigada.

— Vai descansar um bocadinho, que eu agora não preciso de nada.

Era a unica vontade que lhe não fazia, alegando que estivera a dormir emquanto elle esteve virado para a parede, não dando acordo de si. Tornou-se quasi transparente á força de magra, os olhos pisados e amortecidos, a miudo afogados em lagrimas.

Dizia o velho Patricio.

— Se aquilo dura, pouco tempo o marido estará no outro mundo sem a mulher. Uma coisa assim nunca os meus olhos viram, e não acredito que no mundo inteiro haja uma duzia de mulheres capazes de fazerem o que esta faz. Mal empregada! Se tivesse cabeça como tem coração, era digna de se pôr num altar.

Sempre a peor, deitando os pulmões pela boca, roidos pela tisica, o Verruga deu a alma ao Creador num ataque de tosse, coberto dum suor frio e viscoso, antecipando a algidez da morte.

A Verruga manteve-se numa crise de choro e de soluços até que lho levaram de casa, e custou desagarra-la do cadaver, como se quizesse que lho deixassem ficar, ou que a deixassem ir com ele.

— Meu rico homem da minha alma! Mil vidas que eu tivesse, todas daria para o salvar. O que vai agora ser de mím, sósinha neste mundo!

Comentava a caseira, unica pessoa, no Monte, que não se comovera com a sublime dedicação da Ameixa para com o marido enfermo, nem acreditava na sinceridade da sua dôr, indo até ao ponto de dizer que ela tinha esfregado os olhos com cebola, porque de outra forma não teria lagrimas para mostrar.

— Grande atrevida! Ela é que o matou com as suas cabrices, e fez-lhe agora um pranto de partir o coração.

*

A Verruga era mais uma viuva a consolar que uma viuva inconsolavel, e porque ela propria assim o entendia, tratou de se refazer das forças perdidas, comendo e bebendo do bom e do melhor, repousada, de papo para o ar, sem bulir numa palha para a mudar dum sitio para outro.

Fazia, nuturalmente, o govêrno da sua casa; mas esse pequeno trabalho, longe de a fatigar, representava o quanto de energia era necessario dispender para gosar de bôa saude, dada a fraquesa em que caíra.

Não lhe faltavam os meios, quasi rica, e tambem lhe não faltava um certo instinto de bem estar, um vago desejo de luxo, a aspiração de ter a sua casa bem guarnecida e a sua mesa bem posta, uma especie de Venus epicurista mal adaptada ao viver simples, primitivo, da Aldeia.

A pouco e pouco a pele foi-se lhe enchendo de carne: desapareceram aquelas pinceladas de violeta que lhe emolduravam os olhos encovados, e aos labios voltou-lhe aquele rubor da mocidade, muito vivo, que era um dos maiores encantos do seu corpo apetitoso.

Sentindo-se forte e sadia, a Verruga tratou de preparar a sua casa por forma a que se dissesse, com verdade, que não havia outra tão bem posta, na Aldeia, a não ser a Casa Grande.

Tinha a sua morada quatro divisões, duas á frente e duas atraz. A casa de entrada era a sua

sala de visitas e quarto de costura, contiguo á qual, tambem na frente, ficava o quarto da cama, sem janela.

Das casas de traz, uma servia de cozinha e dispensa, a outra era uma especie de sotão, onde ela arrumava o seu entroixo.

O quintal, muito grande, tinha um poço ao meio, sempre com abundancia de agua, mesmo nos anos de grande seca. Por uma razão que ninguem sabia explicar, de todos os poços do povoado o da Verruga era o unico cuja agua não era salobra. Assim ele não precisava andar para traz, para diante, a caminho do Poço da Aldeia, que ficava longe, e ainda obsequiava as vizinhas que eram mais da sua estima, quando elas lhe pediam agua — *dá licença que vá buscar um caldeirãosito de agua áo seu poço, vizinha Francisca?*

Fartou-se de comprar mobilia na feira de Santo Antonio—duas malas, uma grande e outra pequena, para guardar roupa; um baú com duas fechaduras e ornamentações de pregos amarelos; uma esteira do Algarve, com faixas longitudinais, a côres; dois capachos redondos; seis cadeiras de Evora, sendo duas para costura; uma estanheira, com abundancia de flores vermelhas destacando num fundo amarelado; uma pequena mesa de castanho, a que podiam abancar, apertando-se um pouco, seis pessoas; um lavatorio de ferro, sem haste; um candieiro de metal ama-

relo, o depoşito redondo, movendo-se por meio duma chave, de modo a inclinar-se o bastante para todo o azeite embeber as torcidas; duas candeias de bica, uma de ferro, outra de lata; um trem de cozinha, como se fosse para uma casa de familia, garfos e facas com o cabo de unicorne. Não resistiu á tentação duma cama de ferro pintado a fingir madeira, enfeitadas as cabeceiras com massanetas amarelas, luxo que espantou o povo inteiro, porque nem mesmo na Casa Grande havia um traste como aquele.

Ao lado do poial das quartas, bastante alto, pendurara ela a copeira, com logar para quatro copos, um de agua, dois de vinho e outro, mais pequeno, para licor. Bem entendido, a Verruga bebia por uma pucara de barro ou pelo cocharro, segundo a epoca do ano; as visitas é que bebiam por copo.

Não havia na Aldeia, na classe de gente pobre, meza farta como a sua — farta e variada. Hortaliças não lhe faltavam no quintal, e ainda lhe sobejava espaço para ter galinhas, que se desunhavam a pôr ovos, sempre com o papo cheio de limpadura, e ainda com o bico livre para forragearem nos monturos e nos restolhos proximos, levantadas as searas.

Dizia-se geralmente, nos soalheiros:

— A Verruga farta-se de comer e vender ovo e tem cada rebanho de pintaínhos, que é uma perfeição.

Um bom frango custava, naquelas idades biblicas, considerado o preço da vida, três a quatro vintens; uma duzia de ovos, grandes e frescos, só por ocasião de festas é que chegava a custar um tostão. Pois a Verruga, a vender franganitos e ovos, arranjava bom dinheiro — chega para os meus alfinetes, dizia ela, a rir, quando alguma vizinha se queixava que as galinhas não punham, e as raras que punham não tiravam mais de três pintos em cada chôco.

Tudo se dava bem no seu quintal; uma laranjeira que ficava junto ao poço, carregava todos os anos, e sucedia a mesma coisa a duas oliveirinhas que já ali havia quando se fez a casa.

— Até colmeias tem, o dianho da mulher.

Efectivamente, vindo dos lados da charneca, um enxame pousara numa das oliveiras, e logo a Verruga, muito contente, foi pedir um cortiço á Casa Grande, que lh'o emprestou, escusando-se a vender-lh'o. Foi 'deste enxame, pouco maior que uma garfa, que resultou o colmeal da Verruga – quatro cortiços cheios de abelhas! Segundo a sabedoria dos lavradores, que constitue um interessante capitulo da sabedoria das Nações, os melhores enxames, de mais vitalidade, são os de Março, sendo bons os de Abril e ruins, como a pele dum cão, os do mez seguinte. Diz um velho aforismo, essencialmente regionalista: — Enxame de Março, apanha-o no regaço; o de Abril, não o deixes ir; o de Maio deixai-o.

Da primeira vez que enxameou, tirando duma só colmeia uns seis litros de mel, a Verruga esteve por instantes suspensa, como numa vaga meditação, a recordar aquela tarde em que fizera conhecimento com o seu João, vinha das Sesmarias, com uma enfusa de mel, coava o sol poente uma luz doce e alaranjada através da ramaria das arvores.

Dois renques de cêpas, formando alameda, cortavam o quintal da Verruga em todo o seu comprimento, e porque fosse de melhor qualidade o vidonho, todos os anos carregavam, uma uva tão perfeita, de tão bonita aparencia, que fazia crescer a agua na boca. Chamava-lhe a sua vinha, e nos anos de bôa novidade dava para os gastos da casa, e ainda sobejava para fazer os seus convindes ás pessoas que tinha em estimação. Os moços não lhe largavam a porta, mal a uva amadurecia, e a Verruga, sempre contente quando dava, esgalha a um, esgalha a outro, a todos contemplava. O que era dela, era como se fosse do povo inteiro, só com a diferença de cada qual ter que lhe pedir aquilo de que necessitava.

— Senhora Francisca, a minha mãe que faça favor de lhe dar um raminho de salsa, de hortelã, de coentros; uns dentinhos de alho, umas cascas de cebola, umas folhas de couve...

Mel para enxaropes, ovos para gemadas, uns borrachinhos para abrir vivos pelas costas e pôr

na sola dos pés duma criança ardendo em febre, tudo pediam á Verruga, e tudo ela dava o ponto era ter — da melhor vontade:

— Aquela, se lhe pedirem a camisa que trás no corpo, despe-a para a dar.

— Pois sim; mas gosta mais de a emprestar sem a despir.

— Isso é que é vontade de dizer mal! Pois olhe que na sua pouquidade, é mais bemfazeja que muitos ricos.

Emquanto esteve casada, fez-se de muita roupa — lençoes de pano cru, e de linho, toalhas de mão e de rosto, guardanapos lisos e com franja, não tendo conta a porção de vestidos, saias, casabeques, polkas, meias, camisas e aventais que fez para uso proprio.

— Verão que a Ameixa ainda dá outra casadela.

— Só senão encontrar quem a queira.

— Pois está visto! Encontrou quando não tinha nada, sendo o que todos nós sabemos, e não encontrava agora, que tem um bom alôjo de casa, e uma bolsa cheia de amarelinhas, capaz de comprar uma herdade!...

Não descançou a Verruga emquanto não teve no seu quintal, dando fruto, um limoeiro e uma romanzeira.

Gostava muito de romãs; nenhum fruto, na arvore, tinha mais encantos para ela — nem a laranja nem a pêra, sem falar na ameixa alvar ou

Rainha Claudia, de que havia soberbos exemplares na vinha do meu avô Espada. —

— Só a graça de ninguem ser capaz de comer uma romã sem deixar cair um bago!

E contava a historia de uma princeza muito formosa, que o pai, rei tirano, jurara que não casaria senão com um principe que fosse capaz de comer uma romã sem deixar cair um bago na toalha, infeliz princeza que teria morrido solteira se uma fada lhe não acode.

Quanto ao limoeiro, raro era o dia em que lhe não pediam uma casquinha de limão para fazerem chá, muito bom para certos padecimentos de estomago, e remedio seguro nas constipações que não chegam a cair no peito.

Mandou abrir uma janela no seu quarto de cama, sucesso este que foi celebrado na Aldeia, e imediações, com toda a especie de comentarios. Fazia muito empenho em que a sua janela, a duas batentes, tivesse vidros, coisa que não tinham os da Casa Grande; mas o pedreiro disse-lhe que não fizesse tal, porque perdia o tempo e o dinheiro.

— Vidros, aqui, senhora Francisca, só de lata; sendo de vidraça, os moços não lhos deixam parar inteiros.

Pelas paredes, muito brancas de cal, tinha retratos e gravuras de jornais — o retrato da rainha Maria Pia, de manto e corôa; o retrato do rei D. Luiz, de manto, corôa e sceptro; o retra-

to do Marquez de Saldanha, vestido de marechal; o retrato dos manos Robertos e do Peixinho, que eram então os toureiros na berra. Além desta ornamentação tinha tambem imagens, pequeninas, dos santinhos da sua maior devoção, metidos em molduras baratas, e batalhões de soldados franceses e prussianos, em longas fitas de papel a côres, reproduzindo episodios da guerra de 70. O que fazia a admiração e o encanto de toda a gente, era um oratorio em forma de castelo ameado, de quatro faces, sendo uma posterior, larga e plana, que ficava encostada á parede, duas laterais, envidraçadas, e uma anterior, ocupada toda ela pela indispensavel porta, tambem de vidro. Dentro deste pequeno oratorio, colocado sobre uma mesa, no quarto da cama, estava um Presepio, miniatural, mas completo — o menino Jesus sobre as palhas; uma vaquita loira a envolve-lo no seu olhar meigo, duma ternura infinita; os reis magos, vindos de muito longe, guiados por uma estrela, para assistirem ao nascimento do Redemptor do mundo; os pastores humildes da Judea, abrazados na graça de Deus, reunidos ali para adorarem o Menino, e dominando o conjuncto, virgem e mãe por obra do Espirito Santo, Maria de Magdala a rever-se no bemdito fructo do seu ventre, não sabendo porque fôra ela a escolhida para se realizarem as Profecias.

Dispostos sem ordem, formando um conjuncto extravagante pela heterogenidade, havia sobre a

mesma mesa em que estava o oratorio, muitos objectos artisticos — garrafas de vidro com flores dentro; jarras de loiça, com o bocal estreito, em ondas, tendo pintadas no bôjo figurinhas campestres; um rato cinzento, de rabo muito comprido, acaçapado, roendo uma massaroca de milho branco, com muitos buracos, para palitos, e um bispotesinho, tambem de loiça, com asa, tendo pintado no fundo, por dentro, um amor-perfeito.

Durante um ano a Verruga não aliviou o luto, e por igual periodo de tempo não deu que falar, sempre exuberante nos seus gestos, sempre viva nas suas falas, mas portando-se de maneira que ninguem tinha que lhe dizer.

— Nem parece a mesma, a Ameixa.

A opinião geral era que ela se dispunha a casar outra vez, evitando por isso ditos e mexericos que a comprometessem, falsos ou verdadeiros.

Ainda se disse que o lavrador do Eixo lhe mandára falar de casamento, mas tambem logo se acrescentou que fôra ela que espalhara esse boato, a vêr se pegavam as bichas. De resto ninguem acreditou em semelhante atoarda, á uma porque o lavrador não precisava do que ela tinha, e depois porque ele era homem todo cheio de nove horas.

— Aquilo não é milhafre que se abaixe por tripas.

Um dia, no lavadouro, por graça, de proposito para a ouvirem, falaram no caso á Verruga.

— O' tia Francisca! O lavrador Rafael diz que não quer casar comsigo...

— Como ha-de querer aquilo que lhe não dão?... Se tem muita fazenda, cosa-a e beba-lhe o caldo, que eu não preciso do que ele tem para pôr a panela ao lume.

Certo é que a Verruga, emquanto não deixou o luto, se houve com extremos de correcção, entretida com o governo da sua casa, sempre a labutar na sua herdade, como ela chamava ao seu quintal, raramente aparecendo nos soalheiros, passando na rua quasi a fugir, a todos saudando, conforme as horas — bons dias, boas tardes! — mas seguindo, sem parar, o seu caminho.

— Não quer descansar, visinha?

— Está mal com a gente, sr.ª Francisca?

A sua bondade natural, sem artificio, fazia esquecer muitas das suas culpas, e agora, recatada como se mostrava, o seu passado de libertina embora muito recente, quasi se varrera da memoria das gentes, pelo menos deixára de ser objecto de conversas quasi diarias, criticas e censuras. Acrescia ainda a circunstancia de ser a Verruga mulher de boas falas, sem aquelas liberdades de linguagem que são uma das caracteristicas desagradaveis dos pequenos centros urbanos.

O mestre José Ilheu, muito severo em seus juizos, sentenciára um dia, com geral acquiescencias:

— E' muito enxovalhada nas suas acções; mas

lingua mais honrada que a sua, não quero que a haja. Basta considerar que não é mulher que diga uma palavra que uma criança não possa ouvir.

Ensinava quanto sabia; das suas prendas não fazia monopolio, antes se mostrava satisfeita quando alguma rapariga da Aldeia a procurava em sua casa para aprender com ela isto ou aquilo — bordar um lenço, fazer renda ou crochet, uma polka ou um vestido.

— Se soubesse umas letrinhas, prendada como é, e com a paciencia que tem para aturar moços, dava uma mestra de arromba.

Todos notavam a mudança que fizera, depois que enviuvára, mas nem todos acreditavam que se mantivesse assim por muito tempo, Madalena perdoada pelo Cristo depois dum sincero arrependimento.

— Esperem-lhe pela pancada — dizia a Amelia Troncha, comborça que em solteira pintára a manta, e depois de casada se mostrára duma tal fidelidade conjugal, que nenhum dos filhos tinha parecenças com o marido, e cada um deles era o retrato vivo do pai que lhe atribuia a voz do povo, que se diz ser a voz de Deus.

O caso foi que a Verruga, ao mesmo tempo que deitou fóra o luto, deitou fóra o recato, e aos olhos de todos reapareceu na plenitude do seu desvergonhamento, que o não havia maior em toda a redondeza.

Entregava-se a todos, sem escolha, tomada

duma especie de furia genesica que só a posse acalmava, durando pouco a acalmia.

— Se fosse mais nova, já estava em Beja, a passear na Rua da Branca, de saias engomadas, fumando como os homens.

Entrou a facilitar encontros amorosos em sua casa — só para conversar — encontros que pareciam casuais, porquanto a mulher entrava pela porta da rua e o homem pela porta do quintal, em termos que quem via entrar a frangainha não via entrar o milhano. Tomou gosto ao seu papel de alcoviteira, e dentro em pouco era esse o seu modo de vida, alargando o seu raio de acção para além das fronteiras da sua freguesia, do seu concelho. Por aquele tempo raras eram as mulheres que sabiam lêr; os pais e as mães eram de opinião que essa prenda, essencialmente masculina sem utilidade real nas moças, poderia contribuir muito para o seu desvario, a receberem e a escreverem cartas damor. Na recuada época em que decorre esta historia, o casamento, na pequena burguesia dos campos, fazia-se geralmente sem previo namoro; era um negocio que se regulava muitas vezes, contrariando a espressa vontade dos noivos, obedientes até ao maximo sacrificio, como nas idades patriarcais. Familias de bom sangue, isto é, de escorreita genealogia, tendo meios de fortuna, procuravam ligar-se por enlaces matrimoniais, que se ajustavam e concluiam sem que a vontade dos mais directamente interessados fos-

se consultada, com propositos de ser atendida. O interesse e não o amor — toda a regra tem excepção — formava a base destas sociedades conjugais, que nem sempre, como á primeira vista poderia crer-se, eram infelizes.

Recordo-me deste episodio, que a ninguem causou espanto porque não brigava com os usos e costumes, essencia e forma de moral estabelecida:

— O sr. Fulano, solteiro, natural do termo de Mertola, aparece um dia em casa do sr. Sicrano, e pede-lhe em casamento a filha mais nova. Chamada a menina declara que obedeceria á vontade de seus pais, mas que desejava conservar-se solteira. E' então consultada a menina do meio, que dá resposta identica. A mais velha, tambem consultada, declara que está pronta a casar. O casamento fez-se com aprasimento de todos, e dele houve muitos meninos, como nos velhos contos de princesas encantadas, libertas pelo amor dos principes.

A Verruga, mulher de levar e trazer, conseguira arranjar muitos casamentos, uns felizes, outros infelizes.

Havia quem dissesse:

— Aquela mulher foi a minha desgraça!

Mas tambem havia quem dissesse:

— A felicidade que tenho, áquela mulher a devo!

Da sua profissão de alcagota não tirava a Verruga beneficios em dinheiro; mas davam-lhe bons

presentes, quando trabalhava com exito, e davam-lhe bôas sovas, quando as coisas corriam mal.

Sucedeu que o filho mais velho do lavrador do Pêgo, rapaz dos seus vinte e poucos anos, disse uma vez á Verruga, brincando, que lhe daria uma bôa molhadura se ela fosse capaz de lhe arranjar um casamento. Vai ela, tomando a incumbencia a serio, marcha dali, direita como um fuso, para o Monte da Pedra, cuja lavradora, com bastante de seu, era viuva sem filhos, e em bom estado de conservação — ninguem lhe fazia a idade que tinha, a desandar para os quarenta. Recados para cá, recados para lá, um belo dia o pai do moço, envergando o seu melhor fato, escarranchado na sua melhor cavalgadura, abala com um criado atraz, conforme o uso, a pedir a mão da lavradora para o seu rapaz.

Conversa sobre isto, conversa sobre aquilo, assentou-se em que no dia seguinte, antes de entrarem em materia, iriam dar uma volta pela herdade, que tinha de tudo — terras de semear, á farta, montado de azinho, que fazia, nos anos de boa novidade, vinte a trinta cabeças de vara, e um ramosinho de olival, muito castiço, que dava para os gastos da casa.

No regresso do passeio, emquanto se arranjava o jantar, o lavrador explicou-se:

— Pois senhora Joaquina, vocemecê, ainda que o não pareça, tem muito mais idade que o meu

rapaz, que ainda outro dia, a bem dizer, entrou nas sortes. Eu devo ter mais uns quinze anos que vocemecê. Sempre ouvi dizer que para o casal ser bem unido, deve a mulher ser mais nova que o marido, o que é o caso de nós ambos os dois. Se fosse do seu gosto e sua vontade mudar de estado comigo, estou que não havia ter ocasião de se arrepender.

— Vocemecê bem sabe, sr. Guerreiro, o que estava tratado, e eu não sou mulher que falte ao prometido. Com que cara havia eu de aparecer ao seu filho e mais familia, sabendo-se...

— Lá quanto a isso, senhora Joaquina, não lhe dê cuidados, que tudo se ha de arranjar sem desgostos nem zangas.

— Pois sendo assim, eu não vou fóra do que vocemecê propõe.

O moço não esperava por uma destas, e attribuindo o caso a enredos da Verruga, pregou-lhe uma sova tal, que foi preciso mandarem-n'a levar a casa, num carro, e durante uma semana esteve de cama, tolhida de dôres, a queixar-se de rheumatismo.

— Não está mau o rheumatismo — dizia a Canastra. Foi uma tareia valente que ela apanhou, por causa das suas alcovitices.

Estava escrito que a Verruga não acabaria os seus dias na Aldeia, e quiz a sua má sorte que não saisse a tempo de evitar uma grande desgraça.

O caso foi assim: — Uma filha de José Galrito namorava um filho do Pinga-azeite, e o pai queria á viva força que ela acabasse o namoro, porgue jámais consentiria que aquela familia se ligasse á sua.

O Pinga-azeite não era filhote da terra; viera ali estabelecer-se, fugido ás justiças do Algarve, acusado de roubo e assassinio. O filho parecia bom rapaz; mas o Galrito, ponderando que a racha sai ao madeiro, tinha lá para comsigo que ele não valeria mais que o pai, no rodar dos anos.

— Quem sai aos seus não degenera.

Teve a Verruga artes de se meter com a moça, e facilmente a levou a encontrar-se com o namorado, em sua casa, tomando as devidas precauções. Aos primeiros rumores que do caso teve, o Galrito pregou uma sova na filha, e proibiu-a de sequer falar á Ameixa, sob pena de lhe quebrar os ossos.

Ora sucedeu que uma vez, chegando a casa sem ser esperado, a filha não estava, e logo o coração lhe deu um baque, pondo-o fóra de si.

— Onde foi a Tereza?

A mãe não sabia, e ele não esteve com mais perguntas. Disse ao filho, um rapagão, que pegasse num cacete e fôsse pôr-se á porta do quintal da Verruga. Se lá aparecesse o filho do Pinga-azeite, era dar-lhe até cair.

Quando calculou que o moço teria chegado ao seu destino, foi bater á porta da Ameixa.

— Quem está aí?

— Abra lá.

— Agora não posso. Se tem alguma coisa a dizer, diga mesmo d'aí, que eu oiço.

Meteu o Galrito hombros á porta, que resistiu nos gonzos, mas cedeu na fechadura.

A Verruga entrou a gritar — quem acode! quem acode! — e quanto mais ela gritava, mais ele lhe dava pontapés e cachaçõcs, a ponto de lhe fazer saltar dois dentes, caindo no chão, sem sentidos.

Vendo a filha enrolada a um canto, mais pequenina que uma pulga, pregou-lhe um bofetão, que lhe fez espirrar o sangue pelo nariz, e quando se dispunha a mete-la debaixo dos pés, cego de raiva, ouviu das bandas do quintal gritos aflitivos, o vozear duma turba apavorada, a tremer e a chorar — ai que desgraça! ai que desgraça!

O filho do Pinga-azeite, procurando safar-se pelo quintal, esbarrou com o irmão da moça, que lhe atirou uma paulada á cabeça, apanhando-o de raspão. Engalfinharam-se, qual de cima, qual debaixo. e o filho do Galrito, sentindo-se mais fraco, tirou da algibeira um canivete, e vá de picar o outro por onde calhava, adregando feri-lo numa verilha, por forma que em menos de nada se esvaía em sangue.

Como o Galrito era muito estimado de toda a familia da Aldeia, e o Pinga-azeite não era estimado de ninguem, fez-se correr que a morte fôra

casual, não havendo do caso participação para juizo. Bôas razões tinha o Pinga-azeite para não querer que a justiça soubesse do seu paradeiro, e por isso, chorando muito a morte do filho, dispensou-se de acusar quem o matara.

— Foi uma grande infelicidade: mas que se lhe hade fazer?

A Verruga esteve de cama passante dum mês, e se não fôsse a caridade duma pobre velha, a quem ela sempre fizera bem, dando-lhe comida e roupa, teria esperecido á mingua de tudo, sem ninguem que lhe acudisse.

O sentimento geral foi expresso pelo mestre José Ilheu, sempre conceituoso:

— O povo deve levantar-se em massa e ir á Vila pedir á senhora Camara para que esta mulher se vá daqui embora antes que dê causa a mais alguma desgraça.

Assim que se poude mexer, a Verruga, de chocalho tapado, abalou a caminho de Ferreira, e lá arranjou casa, uma casa insignificante, verdadeiramente uma pocilga em comparação da que tinha na Aldeia, e que por notavel coincidencia, lhe foi comprada pelo lavrador Rafael, dando por ela o dobro do que tinha custado á Verruga.

Um pouco para se animar, um pouco para se aturdir, a Verruga começou a embebedar-se, chegando a andar pelas ruas ignobilmente bebeda.

A sua porta abria-se a qualquer hora, fosse dia, fosse noite, a todo o homem que lá fosse ba-

ter, levando para lhe dar, um tostão na algibeira.

Chamavam-lhe, não sei porquê, a tia Lambaruça. Nem sequer era já uma sombra do que fôra, ainda abundante de carnes, mas rugosa e desdentada, os olhos mortiços, a voz tartamuda, por vezes silvante, dos borrachos a quem as enchurradas levaram a maior parte dos dentes.

A resvalar ao maximo aviltamento, fazia exibições canalhas, duma obscenidade repulsante, para gaudio e ilustração dos gaiatos na idade escolar, quando podiam surripiar em casa o preço da entrada — um vintem.

Apareceu um dia enforcada na trave que havia ao meio da casa de fóra, revolta a cama, arrombadas as arcas e o baú, não tendo os ladrões deixado coisa que valesse um real, a não ser uma fuzileira de coiro, tendo dentro, á mistura com a isca, a pedra e o fusil, uma peça de dez mil réis, em ouro, que o Verruga tinha achado numa feira, e que nunca tinha querido gastar, por ser dinheiro que não lhe pertencia.

Indice